

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
COORDENAÇÃO DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU*
MESTRADO EM PSICOLOGIA

**SOLIDÃO NA RELAÇÃO CONJUGAL: UM
ESTUDO FENOMENOLÓGICO**

Thais Ribari Fujioka

GOIÂNIA-GO

2009

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS

MESTRADO EM PSICOLOGIA

**SOLIDÃO NA RELAÇÃO CONJUGAL: UM
ESTUDO FENOMENOLÓGICO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação
Stricto Sensu em Psicologia, para Exame como requisito
parcial para obtenção do grau de Mestre em Psicologia
pela Universidade Católica de Goiás.

Mestranda: Thais Ribari Fujioka

Orientadora: Prof^ª. Dra. Denise Freire Teles Campos

Co-orientador: Prof. Dr. Adriano Furtado Holanda

GOIÂNIA-GO

2009

**SOLIDÃO NA RELAÇÃO CONJUGAL: UM ESTUDO
FENOMENOLÓGICO**

Dissertação apresentada a Universidade Católica de Goiás, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

BANCA EXAMINADORA

Profª. Dra. Denise Teles Freire Campos, UCG – Presidente

Prof. Dr. Adriano Furtado Holanda, Universidade Federal do Paraná/ UFPR (PR) –
Co-orientador

Prof. Dr. Pedro Humberto de Faria Campos, UCG – Membro convidado

Prof. Dr. Rodolfo Petrelli – Membro externo

Aos meus pais e ao Renato meu marido, a
minha eterna gratidão pelo apoio e amor
incondicional, que proporcionaram
condições para essa caminhada.

AGRADECIMENTOS

A Adriano Holanda, por ter me aceitado como sua orientanda, sendo um privilégio para poucos, me deu oportunidade de aprender e crescer, pelo respeito, pelos ensinamentos e contribuições ilustres desde o início dessa caminhada.

Ao Rodolfo Petrelli exemplo de sabedoria e humanidade, por ter enriquecido este trabalho com suas observações no exame de qualificação e por participar da defesa como membro da banca examinadora.

A Denise Campos, pelo respeito e por ter permitido que eu escolhesse meu caminho nesta pesquisa.

Ao meu amigo Danilo pelo incentivo, pelo auxílio e disponibilidade constante.

A Magali e Tauana, pelas maravilhosas contribuições feitas.

A Virginia, pelo constante incentivo ao meu desenvolvimento pessoal e profissional.

A Marta, Celana e Graciana pela disponibilidade em contribuir e ajudar.

Aos meus irmãos Thyemi e Paulo por sempre estarem ao meu lado me respeitando e me apoiando em todos os momentos.

Aos meus clientes que são meu grande estímulo ao estudo e a busca para me tornar uma profissional cada vez melhor.

Aos casais que aceitaram participar desta pesquisa, sem os quais ela não teria sido realizada.

A Deus, por tudo, por ser meu guia, por ter me dado uma família e um marido tão maravilhosos e por ter colocado no meu caminho pessoas de bom coração.

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo investigar a solidão na relação conjugal e a conjugalidade, a partir da experiência de seis pessoas casadas. O trabalho foi dividido em quatro partes. A fim de introduzir os temas e esclarecer algumas idéias sobre os objetos da pesquisa, a primeira parte trata teoricamente, sobre algumas perspectivas da *solidão* e depois sobre a *conjugalidade*, destaca-se também um recorte da história da família e do casamento com o objetivo de contextualizar a construção da experiência do casamento e da família. Na segunda parte do trabalho foi desenvolvido o *método* utilizado na pesquisa qualitativa de orientação fenomenológica, que visa desvelar os elementos de significados envolvidos na relação dos sujeitos com suas experiências. A pesquisa foi realizada com três casais – seis cônjuges – por meio de entrevistas semidirigidas. Descreveu-se o momento empírico, o procedimento de análise de dados utilizado com base no método de Gomes (1997). Na terceira parte foram apresentados os *resultados*, organizados em treze categorias, das quais sete delimitaram estruturas constitutivas e operantes da vida conjugal, e seis delimitaram estruturas desconstrutivas e degradantes da relação conjugal. Na quarta e última parte, foi feita uma *reflexão* sobre a pesquisa, com base em alguns questionamentos. A conjugalidade é vivida como uma síntese de aspectos negativos e positivos vividos a dois, quais sejam: tolerância, solidariedade, respeito, estima, amizade, respeito, amor conjugal e amor ágape e, ainda, também pela vivência da intolerância, da falta de solidariedade, falta de estima, proteção individualista e falta de amor conjugal. Já a solidão conjugal foi compreendida pela vivência de aspectos negativos e degradantes da vida conjugal como: a intolerância, a falta de solidariedade, a falta de estima, a falta de amor conjugal, atitudes de proteção individual e pela solidão individual vivida no casamento. Assim, a solidão conjugal é resultado de um apanhado de aspectos desconstitutivos que são vividos de forma exasperada na relação a dois e que podem se intensificar por questões individuais de cada um.

Palavras-chave: conjugalidade, solidão conjugal, método fenomenológico.

ABSTRACT

This research aims to investigate the solitude in conjugal relationship and conjugality, from the experience of six people married. The work was divided into four parts. In order to introduce the themes and clarify some ideas about the objects of research, the first part deals with theory, on some prospects of solitude, and then on the conjugality is also a cut-off in the history of family and marriage to put the construction of the experience of marriage and family. The second part of the work was developed the methodology used in phenomenological qualitative research guidance, which seeks to uncover the elements of meanings involved in the list of subject with their experiences. The search was performed with three couples – six spouses – through semidirectives interviews. Currently correctly described by the empirical analysis, the procedure used data based on the 'Gomes method (1997). The third part were presented the results, organized into thirteen categories, including seven was delimited constitutive and operating structures of conjugal life and six was delimited deconstructives structures and degrading treatment or punishment of conjugal relationship. The fourth and last part was a reflection on the survey, based on some issues. The conjugality is lived as a synthesis of negative and positive aspects, which recounts: tolerance, solidarity, respect, esteem, friendship, marital and love agape love, and also by the experience of intolerance, the lack of solidarity, lack of esteem, individualist protection and lack of conjugal love. Already solitude marital rape was understood by the negative aspects and experience of marital as degrading: intolerance, the lack of solidarity, the lack of esteem, lack of conjugal love, personal protective attitudes and the individual lived in marriage solitude. Thus, the loneliness marital rape is the result of an overview of the deconstitutives aspects that are experienced so exasperated in relation by two and can be intensified by respective issues.

Keywords: conjugality, conjugal solitude, phenomenological method.

**SOLIDÃO NA RELAÇÃO CONJUGAL: UM ESTUDO
FENOMENOLÓGICO**

SUMÁRIO

Dedicatória	iii
Agradecimentos	iv
Resumo	v
Abstract	vi
Introdução	10
CAPÍTULO I	
1. Solidão	17
1.1. A Pluralidade de Perspectivas sobre a Solidão.....	17
1.1.2. Solidão Psicológica.....	17
1.1. 3. Breve Perspectiva da Solidão, por Françoise Dolto.....	19
1.1.4. Solidão Social.....	22
1.1.5. Solidão Existencial.....	23
1.1.6. Solidão na Conjugalidade.....	29
1.2. Aspectos Existenciais do Amor	30
1.3. Conjugalidade	34
1.3.1. Conjugalidade Contemporânea.....	37

1.3.2. Breve História da Família.....	46
1.3.3. Breve História do Casamento.....	54

CAPÍTULO II

2. Método.....	60
2.1. Descrição da Pesquisa	64
2.1.1. Instrumento	65
2.1.2. Descrição dos Colaboradores.....	69
2.2. Momento Empírico	70
2.2.1. Procedimento de Coleta de Dados	70
2.2.2 Procedimento de Análise de dados.....	72
2.2.3 Análise das Entrevistas.....	74
2.2.4. Categorização dos Discursos.....	74

CAPÍTULO III

3. Resultados.....	77
3.1. Categorias.....	77
Categoria 1: Tolerância.....	80
Categoria 2: Solidariedade.....	83
Categoria 3: Estima.....	86
Categoria 4: Respeito.....	89
Categoria 5: Amizade.....	92
Categoria 6: Amor Conjugal.....	94
Categoria 7: Amor Ágape.....	98

Categoria 8: Intolerância.....	100
Categoria 9: Falta de Estima.....	102
Categoria 10: Falta de Solidariedade.....	106
Categoria 11: Proteção Individualista.....	109
Categoria 12: Falta de Amor Conjugal.....	112
Categoria 13: Solidão Individual.....	115
CAPÍTULO IV	
4. Considerações Finais.....	117
Referências.....	148
Anexos	160
Anexo 1 – Termo de consentimento livre e esclarecido	161
Anexo 2 – Entrevista Semidirigida	164
Anexo 3 – Entrevista de Glauco – M1	165
Anexo 4 – Entrevista de Alice – E2	173
Anexo 5 – Entrevista de Paulo – M2	178
Anexo 6 – Entrevista de Ana – E2	184
Anexo 7 – Entrevista de Roger – M3	193
Anexo 8 – Entrevista de Amanda – E3	199

INTRODUÇÃO

A motivação por pesquisar sobre o tema “*Solidão na Relação Conjugal: Um Estudo Fenomenológico*” decorre, em princípio, da experiência da pesquisadora em sua prática clínica a qual, ao longo de alguns anos, na condição de psicoterapeuta, pôde fazer importantes observações. Neste contexto, observou que algumas clientes casadas – seja em situação legal ou não de casamento –, traziam, de forma recorrente, queixas sobre *a solidão vivida no casamento*, além de sentimentos de insegurança, angústia e tristeza, presentes em suas relações conjugais. Invariavelmente atribuíam ao cônjuge a responsabilidade por essa situação que lhes causava sofrimento.

A partir dessas experiências clínicas, foram vivenciados momentos de questionamentos e inquietações que conduziram à realização dessa investigação, motivando o interesse por estudar, de forma sistemática, o sentimento de solidão no casamento. Pretende-se, assim, abrir possibilidades para a reflexão sobre temas relacionados à vivência da conjugalidade, de forma a contribuir para a psicologia clínica em situações de atenção a casais e famílias.

Andrade (2007), em sua dissertação de mestrado, explicita que o aumento do número de pessoas que procuram por terapia se deve ao “caos relacional”, vivido atualmente pelas pessoas. Assim, essa pesquisadora identificou que os colaboradores-clientes chegavam ao consultório de psicologia trazendo, de forma recorrente em seus relatos, dois temas gerais, comuns no cotidiano das pessoas: a *perda do sentido de vida* e a *solidão*.

Torna-se importante, para fundamentação desse estudo, mencionar a solidão básica, existencial, vivida por cada ser humano, relacionando-a à compreensão da

conjugalidade, buscando *compreender como essa solidão é vivida no casamento*.

A solidão existencial não significa um *vazio a ser preenchido*, mas pode se constituir em um afastamento que possibilita o encontro *consigo mesmo*, com os próprios projetos e aspirações singulares (Novaes de Sá, Mattar & Rodrigues, 2006). Para os autores, o homem do mundo contemporâneo vive, de forma ambivalente, entre a busca pelo afastamento e necessidade de proximidade. Aspira-se estar entre iguais, sentir-se seguro, confortável e amparado, mas, para isso, o outro é revelado como algo à disposição, devendo atender desejos e preencher o vazio sentido.

Bauman (2004) ressalta que, diante da fragilidade dos vínculos humanos, homens e mulheres anseiam pela segurança do convívio, mas, ao mesmo tempo, buscam e mantêm relações “descartáveis”. Os vínculos tornam-se frágeis, pois ao mesmo tempo em que se percebe que as pessoas querem estar ligadas umas às outras afetiva e emocionalmente, percebe-se também que estão cada vez mais individualistas, em busca de uma liberdade egoísta. Desse modo, os desejos entre *estar com alguém e permanecer* e *estar com uma pessoa e não permanecer com alguém*, ocasionam uma situação conflitante – estimulada por tal sentimento – de apertar os laços e, ao mesmo tempo, mantê-los frouxos.

Sobre essa fragilidade dos laços humanos descrita pelo autor, vivida ao mesmo tempo em que se busca por um convívio mais perene e pela manutenção de relações descartáveis, nota-se que muitas pessoas ainda escolhem viver em uma relação conjugal, pois, quando delimitado pelas fronteiras do casamento e da relação estável, esse investimento reside, muitas vezes, na esperança das pessoas em encontrar apoio e segurança emocional.

A presente pesquisa poderia ter sido direcionada ao estudo da solidão sentida por aqueles que não vivem na companhia de um parceiro, mas, quando a solidão é

sentida por quem tem um parceiro conjugal, pode ser vista como um possível “paradoxo”. Sob essa ótica, a escolha foi por estudar a solidão daqueles que vivem em casal. Assim, surge esse aparente contrasenso: “A solidão produz insegurança – mas o relacionamento não parece fazer outra coisa. Numa relação, você pode sentir-se tão inseguro quanto sem ela, ou até pior” (Bauman, 2004, p. 30).

Nesse sentido, verifica-se a importância de investigar a *solidão na conjugalidade*, por delimitar também uma situação de *caos relacional* que pode estar sendo vivido por várias pessoas. Para as clientes observadas pela pesquisadora, é como se houvesse a perda de sentido do casamento, como se esse não estivesse cumprindo uma de suas funções básicas que, segundo elas, seria a vivência de *união e companheirismo*. Assim, para elas, essa situação se configura em uma *falta acompanhada, de solidão na vida conjugal*, gerando grande sofrimento.

É importante destacar que o casamento será contemplado nessa pesquisa como relação conjugal ou conjugalidade; embora esse não seja o único modo, é evidente que abrange uma grande parte dos casais.

Segundo Vitale (1999, p.3), “relação conjugal é a relação de duas pessoas que se apresentam como casal, não apenas considerado legal do ponto de vista jurídico”. A união estável, não reconhecida legalmente há algumas décadas, é entendida atualmente como uma relação conjugal, assim como o casamento.

Malheiros Filho (2006) esclarece que a união estável tornou-se mais comum porque, cada vez mais, os casais estão cientes das dificuldades relacionais entre os sexos e da volubilidade potencial desses envolvimento. Isso configuraria um espaço de uniões “não conjugais”, considerando a intenção primeira dos conviventes de simples experimentação, de permanecerem desimpedidos, elegendo uma relação sem compromisso.

De acordo com Houaiss (2004, p. 745), a união estável é uma ligação conjugal, ou seja, qualquer relação comparável ao casamento. De acordo com o novo Código Civil, publicado no ano de 2002, independe de um prazo mínimo de duração; muito mais do que o lapso temporal, importa o laço afetivo estabelecido entre os conviventes, desdobrando-se na sua lealdade, enfim, a comunhão de vida (Garcia, 2003, p. 32).

Até a Constituição de 1969, a família era constituída legalmente com base no casamento. Contudo, a Constituição de 1988, em seu artigo 223, inciso III, reconhece a união estável entre homem e mulher como entidade familiar (Malheiros Filho, 1996).

Até meados da década de 1970, a formalização dos relacionamentos entre homem e mulher era imprescindível para a aceitação social; fazia parte da tradição da época. Com as transformações sociais e econômicas, houve uma paulatina mudança no sentido da tradição e, assim, a importância do casamento “no papel” ou diante de Deus foi diminuindo. Entretanto, na atualidade, a relação conjugal volta a ganhar força gradativamente, não por questões tradicionais, mas porque passou a fazer parte do grande ideal de uma união perfeita (Jablonski, 2003).

Estudos e pesquisas em Psicologia sobre o tema “casal” e “conjugalidade” são amplamente difundidos e divulgados por vários estudiosos brasileiros (Magalhães, 1993, 2001; Jablonski, 1998, 2003; Garcia e Tassara, 2003; Féres-Carneiro, 1997, 1998, 2001, 2003; Ferro-Bucher, 1999; Féres-Carneiro e Diniz Neto, 2005; Aratangy, 2007; Rosset, 2005; Aguiar, 2005 e Cardella, 2009, dentre outros); há também alguns estudos fora do Brasil como os de Caillé (1995) e Whitaker (1995).

No que se refere ao tema da “solidão” destacam-se em Psicologia, no Brasil, os artigos de Tamayo e Pinheiro (1984), Novaes de Sá, Mattar, e Rodrigues (2006), Moreira e Callou (2006), Mansur (2008) e o livro da psicanalista Dolto (2001). Localizamos ainda algumas referências internacionais, como dos americanos Peplau e Perlman (1982) e Burns (1985) e dos holandeses Rubenstein e Shaver (1982).

O desafio da Psicologia é lidar com o mundo repleto de transformações inesperadas, onde as vivências dos casais estão sendo reelaboradas, reconstituídas, à medida que envolvem seus relacionamentos em diversos contextos; desse modo, é preciso que o psicólogo busque caminhar, lado a lado, com essas transformações.

Sobre o tema “solidão na vida conjugal”, pouca bibliografia foi encontrada; alguns estudos abordam a solidão na vida a dois, de modo vago e superficial. Nesse sentido, a tarefa de uma descrição teórica sobre a solidão a dois revelou-se difícil. Nota-se que o tema é pouco estudado pela comunidade científica, apenas sendo encontradas pesquisas que o abordam de maneira não contextualizada. Foram encontrados estudos sobre as relações conjugais, de modo específico; o material localizado sobre a solidão refere-se à pequenas partes de artigos ou sob forma de capítulos de trabalhos, ou seja, não como um tema principal dos livros e artigos, mas como substratos de trabalhos. Desse modo, é possível contribuir para a reflexão sobre o tema, abrindo perspectivas de pesquisas interdisciplinares e de novos horizontes para psicoterapeutas em geral.

O paradoxo social contemporâneo é conviver, dia a dia, com tantas pessoas e, ao mesmo tempo, se sentir solitário. Muitas são as situações geradoras de solidão. O que *parece uma contradição*, um *contrasenso* nesse mesmo contexto, é estar casado (a) e, ainda assim, sentir-se só.

Destacam-se alguns questionamentos, propostos de forma a serem

respondidos na pesquisa: *O que as pessoas buscam em uma relação conjugal? Como vivenciam a experiência de conjugalidade? Essas pessoas que vivem em uma relação conjugal, sentem solidão? Como se configura esse tipo de solidão?* A partir desses questionamentos serão buscados os *significados e sentidos* descritos, os quais poderão levar à compreensão do fenômeno da *solidão no casamento*.

Assim, os objetivos principais desse trabalho são:

- Compreender o fenômeno da solidão, vivida na relação conjugal;
- Compreender os significados da vivência da conjugalidade para o casal;

Realizou-se também um levantamento bibliográfico, envolvendo aspectos relacionados ao tema central da pesquisa. Para estudar o casamento e o sentimento de solidão, por não haver uma definição única devido à complexidade dos fenômenos temáticos, foi necessário recorrer a uma diversidade de disciplinas e recursos – históricos, filosóficos, sociológicos e psicológicos – que, em conjunto, constituem-se em idéias não esgotadas que embasaram e conferiram sustentação à investigação.

A primeira parte do trabalho trata, teoricamente, da *solidão* e do *casamento*. Decidiu-se iniciar a apresentação deste estudo com alguns conceitos e teorias de fundamental importância para introduzir os temas e esclarecer algumas idéias sobre os objetos dessa pesquisa. Desenvolveu-se também, de forma sintética, um recorte significativo da *história da família e do casamento* com o objetivo de contextualizar a construção da experiência do casamento e da família como locus de afetividade e intimidade.

A segunda parte do trabalho desenvolveu o *método* utilizado na pesquisa, descrevendo o momento empírico e o método de Gomes (1997), utilizado para

análise dos dados. A pesquisa empírica é o foco desse trabalho, tendo sido realizada com três casais colaboradores– seis cônjuges – utilizando a entrevista semidirigida como recurso metodológico para a pesquisa.

Na terceira parte do trabalho foram descritos os resultados, e foi feita a análise dos dados por meio da categorização dos discursos dos colaboradores, seguindo os passos do método fenomenológico. Desse modo, foram organizadas treze categorias que delimitaram estruturas universais da vida conjugal e da solidão na vida a dois.

Na quarta e última parte foi feita a discussão e considerações finais do trabalho. Após chegar aos resultados, resgatou-se a teoria de forma a discutir com o que foi relevante na investigação, também retomou e discutiu as questões propostas no início desse trabalho, buscando respondê-las, e refletindo sobre os resultados encontrados nas categorias que sintetizaram os depoimentos dos colaboradores.

CAPÍTULO I

1. Solidão

1.1.A Pluralidade de Perspectivas sobre a Solidão

A partir de uma contemplação teórica ampla, foram descritas várias perspectivas da solidão – psicológicas, sociais e filosóficas – que apontam para diferentes aspectos da experiência desse sentimento. Assim, buscou-se discorrer sobre essas várias perspectivas, mesmo não abrangendo todas as existentes, com o objetivo de embasar e contextualizar a pesquisa. Cabe ressaltar que não houve pretensão de esgotar o assunto, mas apontar algumas perspectivas.

Por ser amplo o conceito da solidão, fica difícil compreendê-la em sua totalidade, pois cada perspectiva assinalada mostra importantes construções e pontos de vista que variam de acordo com *o como* ela se mostra e a *ótica* de *quem a sente*. Assim, a partir da perspectiva fenomenológica, compreende-se que as experiências tem um significado peculiar para cada pessoa, pois as vivências são vistas e vividas por cada ser humano de maneira única e, assim, tem um significado único. AmatuZZi (2001) lembra que o ser humano tem que ser captado em seu movimento e isso só pode ser feito movimentando-se, trazendo presente a experiência vivida.

De acordo com Houaiss (2004, p.689), solidão é o estado de *quem está ou se sente só*; a definição de sozinho é *de quem não tem companhia*, está isolado, afastado do outro. De acordo com Cunha (2001), etimologicamente o termo “solidão”, do latim *solus*, significa “estar só”, “desacompanhado”, “solitário”, “único”.

1.1.2. Solidão Psicológica

A solidão emocional pode ser acompanhada por um sentimento de angústia

que leva a pessoa ao sofrimento, por ser vivida sempre enquanto uma experiência desagradável. O fato de sentir-se separada ou mesmo isolada, aliado a uma falta real de relacionamentos sociais e afetivos, leva a pessoa a viver a solidão psicológica, a qual, tal como em um “círculo vicioso”, por se sentir só, realimenta o processo de manter-se afastada e isolada das pessoas (Tamayo & Pinheiro, 1984).

Segundo Gomes (2001), a solidão, em termos psicológicos, pode caracterizar-se pela ausência afetiva do outro e estar intimamente relacionada ao sentimento, à sensação de estar só. O outro pode estar próximo geograficamente, mas, se não houver aproximação psicológica, falta interação e comunicação emocional (Gomes, 2001).

Tamayo e Pinheiro (1984) enfatizam que, para conceituar a solidão em termos psicológicos, deve-se considerar os seguintes aspectos: *a falta de significado e objetivo de vida; sentimento indesejado e desagradável; sentimento de isolamento e separação*, além de *deficiência nos relacionamentos e unattachment* – que significa *a solidão como resposta à carência de relacionamentos sociais e afetivos*.

A *falta de significado e objetivo de vida* pode levar a pessoa a um alienamento em relação aos demais seres humanos, ocasionando uma reação emocional, com falta de motivação e de energia de vida (Tamayo e Pinheiro, 1984).

Harry Stack Sullivan (1953), famoso psiquiatra americano, assinala ainda que a solidão é uma experiência excessivamente desagradável, ligada a uma descarga de energia inadequada de necessidade de intimidade humana e de intimidade interpessoal.

Segundo Weiss (1973), a solidão é causada não por se “estar só”, mas por se estar sem alguma relação precisa ou sem um conjunto de relações, das quais se sente necessidade. Desse modo, esse sentimento aparece sempre como *uma resposta à*

ausência de algum tipo particular de relação ou, mais precisamente, à ausência de alguma provisão relacional particular.

Pode-se dizer que a solidão não é a mesma coisa que *estar só*, mas é *sentir-se só*; é uma reação emocional de insatisfação, decorrente da falta ou deficiência de relacionamentos significativos, a qual inclui algum tipo de isolamento (Tamayo & Pinheiro, 1984).

1.1.3. Breve Perspectiva da Solidão, por Françoise Dolto

Após 30 anos de observação como analista, Françoise Dolto (2001) escreveu sobre esse tema. A autora delimita a experiência da solidão, buscando discriminar seus efeitos na constituição das subjetividades: “Amiga inestimável, inimiga mortal – solidão que regenera, solidão que destrói – impele-nos a alcançar e a ultrapassar nossos limites” (p.17).

Segundo a autora, as vivências mais profundas de solidão são as primeiras - a experiência do *parto* que separa o bebê do útero, e do *desmame*, que separa o bebê do seio da mãe.

A partir dessas primeiras experiências há duas formas do bebê reagir à solidão e aquela que for mais predominante formará sua personalidade. Uma das maneiras de reagir é a *simbólica*, ou seja, aquela que abre as vias da comunicação à distância – o bebê chora, aprende a se mover, a dominar o espaço – e a outra é a *do fetiche*, apoiada no imaginário do passado, que cala a comunicação. Esse cessar da comunicação pode ser exemplificado pelo momento em que o bebê se satisfaz com a chupeta ou o dedo.

A importância do desmame é tão grande que, se ocorrer de modo traumático, acaba levando a pessoa, na idade adulta, ao alcoolismo e a outros sofrimentos. A

potencialidade de um bebê tornar-se um alcoólatra está interligada a uma grande felicidade de comunhão com sua mãe durante o período de aleitamento; comunhão essa que não foi substituída após o desmame por um intercâmbio verbal enriquecedor (Dolto, 2001).

A solidão vista como prejudicial para os bebês manifesta-se de forma diferente para crianças com mais idade, dado que, por volta dos dois anos, a situação se altera. Deixar as crianças sozinhas, mas não isoladas, respeitando sua solidão aparentemente desocupada, é indispensável para que elas não se tornem “fantoques” dos outros. A vivência dessa solidão, denominada “criadora”, permite que a criança desenvolva sua autonomia. Estar só é uma experiência muito importante e rica quando isto não é sentido pela criança como rejeição ou abandono dos pais ou cuidadores (Dolto, 2001).

Em sua tese de doutorado, Mansur (2008), baseado em Dolto (2001), explicita que só é possível experienciar a sensação relaxada de estar só na presença da mãe e, posteriormente, sem ela; dessa forma, a criança poderá descobrir suas necessidades e desejos reais, independentemente do que possa vir a ser dela esperado ou tentado lhe impor para o futuro. Assim, é importante distinguir, para as crianças, o amor da dependência; pode-se dizer que a dependência surge da angústia constante de ser abandonado, da perda do objeto de amor.

Nos comportamentos dos adolescentes, a solidão revela-se como um desequilíbrio, pois surge, nessa fase da vida, como uma “fuga perigosa”. Os comportamentos de retraimentos solitários se alternam com atitudes “provocantes”. Como exemplo, descreve-se uma situação em que a intensidade emocional da atração pelo sexo e o medo de ser ridículo são resquícios do complexo de Édipo, levando o adolescente ao sentimento de culpa por qualquer desejo sexual. Desse

modo, a solidão poderia mascarar esse desejo, agindo com uma capa de indiferença ou com atitudes consideradas provocantes como contar vantagem, fantasiar conquistas. Esses são meios utilizados por adolescentes na tentativa de bloquear a comunicação autêntica, para anularem a angústia em que vivem (Dolto, 2001).

De acordo com Dolto (2001), a solidão só acaba quando a pessoa descobre uma forma de se expressar; é um caminho para transformar a solidão em uma experiência construtiva, de busca de comunicação. Ninguém vive sem sentir solidão e nem pode estar sempre com alguém. Assim, a personalidade bem estruturada é habitada, desde a infância, por uma solidão povoada por comunicação, diálogos e contato físico.

Para Dolto (2001), a solidão só se torna criativa quando o solitário consegue expressar seus sentimentos – por qualquer que seja o meio, escrevendo, pintando, cantando ou simplesmente conversando com amigos e até mesmo com estranhos. Algo semelhante à situação dos escritores que elegem a solidão como inspiração e oportunidade criativa. Resumidamente, para Dolto, a solidão só se desvincula do abandono quando o solitário faz movimentos em busca de comunicação com os outros.

Mansur (2008) sintetiza essa discussão apontando que a capacidade de ficar só, de maneira positiva, em suas complexas injunções psicológicas e sociais, encontra-se diretamente relacionada à qualidade de sustentação emocional e às oportunidades oferecidas à pessoa, seja no início ou no decorrer da vida, no ambiente familiar e também pela sociedade em que se vive.

1.1.4. Solidão Social

Solidão e isolamento social não são a mesma coisa, embora estejam

interrelacionados. Segundo Cabral (1971), o isolamento social difere da solidão, pois se refere mais aos aspectos físicos da separação, constituindo-se em privação de contatos sociais, como no caso de alguém que precisa trabalhar em um local afastado das pessoas.

Dantas (1993) conceitua isolamento social classificando-o em isolamento social *passivo* e isolamento social *voluntário*; o primeiro diz respeito ao fenômeno de privação social que ocorre e determina, involuntariamente, o afastamento do indivíduo de seu contexto social. Já o segundo (o isolamento voluntário), ocorre espontaneamente e sem o sofrimento do indivíduo que, muitas vezes, busca e anseia por um afastamento de seu meio social.

O isolamento social de uma pessoa é uma experiência sentida por muitos, situação na qual existe uma pobreza de contatos e relações com outras pessoas. Contudo, a solidão é a dramática vivência do sentir-se sozinho, sem vínculos, sem ligações afetivas com outros. Afirmar-se ainda que o isolamento social é o estar só, que pode ou não ser acompanhado por um sentimento de solidão, como no caso de uma pessoa que está enferma e que permanece por um longo tempo em um leito de hospital, podendo ou não sentir solidão por estar afastada de seu universo social (Dantas, 1993).

Em termos sociológicos, a solidão é um subproduto da construção do indivíduo que, ao afirmar sua individualidade, afirma também sua fragmentação do universo social e isolamento do outro. Porém, esse isolamento pode tornar-se insuportável, gerando a tentativa de superá-lo por meio da relação interpessoal. Desse modo, a solidão, do ponto de vista sociológico, é o resultado da produção social de um homem *egocentrado, individualista*, que, incapaz de suportar a solidão, busca o mundo social (Simmel citado por Dantas, 1993).

Nas sociedades contemporâneas ocidentais, ela surge como uma das consequências do modo individual de viver; tais consequências, por sua vez, estão relacionadas a níveis de suporte social. Nas palavras de Lipotvesky (1988):

Quanto mais a cidade desenvolve possibilidades de encontro, mais sós se sentem os indivíduos; mais livres as relações se tornam, emancipadas das velhas sujeições, mais rara é a possibilidade de encontrar uma relação intensa. Em toda parte encontramos a solidão, o vazio, a dificuldade do sentir (p. 77).

Em artigo sobre a solidão na depressão, Moreira e Callou (2006) apontam que a solidão pode ocorrer tanto na presença quanto na ausência do outro, podendo ser ontológica, própria do ser, quando se revela na presença de outros – *solidão acompanhada*.

Segundo Moreira (2001), o modo de viver contemporâneo alude a um modo superficial, no qual inexistem relações inter-humanas mais sólidas e profundas, de forma que as pessoas não se encontrem embora estejam juntas, o que abre uma perspectiva existencial para o entendimento da solidão.

1.1.5. Solidão Existencial

A filosofia descreve a solidão como parte de um longo processo de desenvolvimento do ser humano, o que difere da solidão vista como algo negativo e sofrido de se viver. Fala-se de uma *solidão ontológica* – inerente ao ser humano, vista como positiva e criativa.

Abbagnano (2003) a descreve como um isolamento, na situação de um sábio que, tradicionalmente, é auto-suficiente e por isso se isola em sua perfeição. Fora dessa concepção, o isolamento é um fato patológico; é a impossibilidade de comunicação associada a todas as formas da loucura. Em sentido próprio, contudo, a solidão não é isolamento, mas a busca por formas diferentes e superiores de comunicação:

Não dispensa os laços com o ambiente e a vida cotidiana, a não ser face a outros laços com homens do passado e do futuro, com os quais seja possível uma forma nova ou mais estreita de comunicação. O fato de solidão dispensar esses laços é, pois, uma tentativa desde libertar-se deles e ficar disponível para outras relações sociais (Abbagnano, 2003, p. 918).

O filósofo alemão Martin Heidegger postula, em “Ser e Tempo” (2002), que estar só é a condição original de todo ser humano, que todos os homens são sós no mundo. Postula ainda que o nascimento de uma pessoa é como se fosse uma espécie de lançamento à sua própria sorte; assim, a solidão faz parte da condição existencial humana desde que o homem nasce e o acompanha até morte. Heidegger fala da solidão existencial e a relaciona como parte de um processo de desenvolvimento do homem. Ele descreve este processo por meio de dois modos de ser, quais sejam, *autêntico e inautêntico*.

O homem autêntico é aquele que reconhece a radical dualidade entre o humano e o não humano; assim, desconhecê-la, implica mergulhar na inautenticidade, é sofrer uma *queda*. Existência inautêntica e *queda* são sinônimos.

Queda, porque os *existentivos* são necessidades ontológicas imprescindíveis ao homem, e que, no estado de inautenticidade, tendem a se degradar. Desse modo, a inautenticidade é um estado de decadência, de desamparo (Steiner, 1978). A forma *inautêntica* de ser leva a pessoa a abandonar a consciência de sua condição humana por permitir que, ao longo da vida, sua existência se oculte.

Ainda segundo esse autor, a *inautenticidade* se apresenta sob duas formas: subjetiva e objetiva. Na primeira, a subjetividade degradada comanda a consciência individual, levando o homem a agir de acordo com o que dizem ser *certo* ou *errado*, obedecendo a ordens e proibições, sem indagar suas origens. O *Dasein*, o homem, o “ser-aí”, na vida cotidiana mergulha em uma espécie de anonimato, que anula a singularidade da existência; ele perde-se no meio dos outros, buscando a justificativa de seus atos em um sujeito impessoal.

A segunda forma de *inautenticidade* manifesta-se no mundo artificial criado pela tecnologia. Por exemplo, o ambiente de uma fábrica, no qual o trabalhador acaba por confundir-se com as próprias máquinas, e sua vida profissional, conduzida por gerentes que não o conhecem e nem são conhecidos por ele, transformam o trabalho desse homem no mais rotineiro e inautêntico de seus atos (Steiner, 1978).

O homem torna-se um ser *autêntico* quando aceita a solidão como preço da sua própria liberdade, quando se apropria de suas escolhas e responsabilidades, assumindo seu *ser*, saindo da impessoalidade e caminhando em direção a sua *individuação*. Heidegger (2002) concebe a solidão existencial como fundamental para que o homem se relacione com a face *abandonada e degradada* de si mesmo.

Esse homem, quando *inautêntico*, interpreta a solidão como abandono, como uma espécie de desconsideração de Deus ou da vida em relação a ele. Desse modo, não assume a responsabilidade inalienável sobre suas escolhas. Não aceita correr

riscos para atingir seus objetivos, passando a buscar amparo e segurança nos outros. Assim, torna-se um estranho para si mesmo e coloca-se a serviço dos outros, “diluindo-se” na impessoalidade (Heidegger, 2002).

A busca do verdadeiro *eu* só poderia ser uma atitude feliz se o homem se tomasse de total isolamento. A partir da solidão e isolamento, o homem deixaria de se macular pela vida cotidiana, inserido no público. Nesse isolamento absoluto, o “eu heideggeriano” consegue existir independente da humanidade, sem representar ninguém ou receptor nada exceto si mesmo no seu próprio nada (Heidegger, 1973).

Portanto, para Heidegger (1973), o homem só atinge o máximo do seu ser por meio da angústia; essa angústia ante o nada é que faz o homem penetrar na sua intimidade e buscar a esfera mais secreta da sua existência para conduzi-lo à *autenticidade*.

As idéias de Heidegger vão ao encontro das do existencialista dinamarquês Soeren Kierkegaard, pois ambos, em síntese, vêem a solidão de uma forma positiva, como uma oportunidade de crescimento do ser humano, ancorado pela vivência da interioridade.

Ao resgatar algumas idéias de Kierkegaard, Giles (1975) refere que o homem se reconhece finito enquanto parte e momento de realização de uma totalidade infinita. Cada ser é estruturalmente singular e essa singularidade o isola do conjunto da realidade que lhe é diferente. O homem é só em seu mundo, mas, por ser assim, é que pode participar do mundo sem limites. Perder-se de si acontece quando ele mantém-se aprisionado à finitude, seja interna ou externamente. Achar-se a si mesmo significa encontrar sua centralidade. O encontrar-se só pode ocorrer a partir de um contraste consigo mesmo, e não com algo externo, com uma presença de alguém.

Giles (1975) assinala ainda que a individualidade não deve ser entendida primordialmente como um conceito lógico, mas como a solidão característica do homem que se coloca como finito perante o infinito. Assim, a individualidade define a existência.

Na reflexão “*Kierkegaard: cristianismo e solidão*”, escrita pelo filósofo Secco (2008), o autor postula sobre a necessidade de uma educação pelo sofrimento. Assim, retoma uma das idéias principais do ilustre filósofo dinamarquês: o aprendizado do sentido da vida não se faz em conjunto, não se percorre em grupos; é um caminho realizado de forma solitária. Desse modo, o homem encontra os requisitos necessários para uma reflexão e busca da existência autêntica.

Tornar-se *indivíduo* será a exigência primordial daquele que se dispõe a enfrentar os desafios colocados pela vida em sua radicalidade. Nesse sentido, *indivíduo* não é o que cada homem já é enquanto estrutura humana singular dada, mas uma noção que indica a intenção ou a disposição que cada homem possui de lutar pela procura do sentido da sua existência singular. Essa disposição caracteriza-se por ser uma tomada de decisão em que o ser humano se afasta do geral para tornar-se aquele que caminha sozinho; assim, essa concentração em si mesmo é possibilitada pela solidão (Secco, 2008).

Barros (2009) aponta que uma das questões mais importantes da filosofia kierkegaardiana é o tornar-se *indivíduo isolado*; dessa forma, o homem só atinge sua completude realizando-se a si mesmo enquanto isolado. Na multidão, o homem não precisa ser responsável por si mesmo; o sujeito apenas se deixa conduzir pelo “todos” e sua existência se desfaz no anonimato.

Feijoo (2008), em artigo escrito sobre a filosofia da existência, discorre sobre as idéias de Kierkegaard e ressalta que a autenticidade do ser humano emerge no

momento que surge a necessidade de reconhecer-se como eu. Desse modo, o desespero humano reside exatamente nesse voltar-se para si mesmo, no reconhecimento de si; mas, por outro lado, o homem pode querer ser uma pessoa que ele não é; sendo assim, ele busca um outro *eu* e não reconhece o seu verdadeiro *eu*. O desespero revela que o homem prefere a convivência da vida social ao ser sincero consigo. Somente na singularidade o homem torna-se responsável por sua ação, compromete-se com sua obra e assina sua autoria.

De acordo com Paula (2009), em livro intitulado “O indivíduo e a comunidade em Kierkegaard”, para o filósofo o silêncio permite um contato consigo mesmo, com a própria individualidade; é a fidelidade a si a partir do momento em que a exterioridade deixa de ser critério de avaliação. No silêncio o homem busca sua interioridade, busca estar em relação íntima com a própria individualidade e com a verdade; isso é conquistado na terrível carga da solidão. Nesse sentido, compreende-se que a verdade, como subjetividade e interioridade, é compreendida nessa esfera de solidão existencial limitando-se à exterioridade.

Segundo Moustakas (1961), em lugar de vivenciarem a solidão existencial, as pessoas apenas sentem uma forma vaga e indiferenciada de solidão, que não é a solidão propriamente dita. Isso porque, na solidão existencial, as pessoas não deveriam fugir de si nem dos sentimentos “desagradáveis”. Esses sentimentos geralmente se associam à compreensão do significado de vida das pessoas, tornando-as mais atentas aos seus reais sentimentos e aspirações. Assim, a solidão existencial, como um momento de dor, de reflexão e de silêncio, cede espaço a um sentimento vago, escamoteado pelo mecanismo de tédio e sofrimento, gerando o sentimento não apenas de estar só, mas a sensação terrificante de desamparo pessoal e social.

Cardella (2009) menciona que a solidão existencial é vivida no percurso

humano, pois advém da condição humana inexorável de sermos seres únicos e singulares; assim, vivê-la é inevitável.

Toda a história do homem é um esforço para destruir a própria solidão, ou como aponta Rollo May (1991), no reverso da solidão do homem moderno está seu grande temor de ficar só. As pessoas poderiam escolher estarem sós, temporariamente, mas como opção de vida geraria um mal estar, como se existisse algo errado. Por este motivo, a aceitação pelo outro é importante, pois, imerso no grupo, no convívio com o outro, temporariamente esquece a solidão, embora ao preço da renúncia à sua existência como personalidade independente (May, 1991, p. 29).

Yalom (1996) lembra que a solidão é uma das condições existenciais tão inevitável quanto a morte, a liberdade e a ausência de significado ou de sentido para a vida. Segundo esse autor, o isolamento existencial refere-se à lacuna intransponível entre o eu e os outros, uma lacuna que não acaba mesmo na presença de relacionamentos afetivos gratificantes; sob essa perspectiva, considera que usar o outro como escudo para por fim à solidão é uma falsa solução.

Outra forma de solidão vivida com grande sofrimento difere daquela explicada pela filosofia, pois expressa uma vivência desagradável por uma ausência de vínculos humanos que possibilitem a experiência de compartilhamento e de se sentir acompanhado. Essa vivência de solidão mostra que a pessoa não conseguiu nem mesmo a possibilidade de companhia humana, de reconhecimento de sua existência por outra pessoa e, conseqüentemente, por si mesma (Cardella, 2009).

1.1.6. Solidão na Conjugalidade

Não foram encontradas pesquisas que abordassem a solidão a dois ou no

casamento; foram encontrados apenas os livros “*Intimate Connections*” (1985), de David Burns, que fala de modo sucinto e sem muitas explicações a respeito da solidão no casamento, e “*Loneliness*”, escrito por Anne Letitia Peplau e Daniel Perlman (1982), pesquisadores da Universidade da Califórnia.

Burns (1985), em seu livro “*Intimate Connections*”, descreve, de forma resumida, sua pesquisa sobre a solidão, na qual, uma das importantes descobertas foi no sentido de que “estar casado não protege ninguém de se sentir sozinho”.

De opinião contrária, os psicólogos Rubinstein e Shaver (1982) publicaram um ensaio intitulado “*The Experience of Loneliness*”, no qual escrevem que “sentir falta de um parceiro” é um pré-requisito para a solidão, enquanto “ter um parceiro” é pressuposto de ausência de solidão.

Peplau e Perlman (1982) preconizam que a solidão é a reação emocional de uma pessoa ao perceber a discrepância entre os níveis esperados e os obtidos no contato com o outro. Nesse sentido, pode-se dizer que o sentimento de solidão surge a partir de quando aquilo que se recebe de alguém não é o que se espera; de modo mais específico, a solidão na vida em comum pode ocorrer pela *espera* de um casamento que traga o “calor”, a intimidade e uma sensação de pertencer que *não é correspondida* (Peplau & Perlman, 1982).

Nesse caso, poderia ser dito que a relação conjugal, funcionalmente buscada e usada como escudo contra a solidão, seria uma falsa solução.

1.2. Aspectos Existenciais do Amor

De acordo com Petrelli (1999), uma das grandes tarefas do existir é conviver com o Outro numa intimidade plena e amorosa. O autor faz referência a uma síntese

de Freud que explica que a maturidade humana se alcança por meio do amor e do trabalho. Assim, Petrelli (1999) considera que:

(...) de fato, as razões que levam uma pessoa a estabelecer vínculos com a outra se resumem a estas dimensões que são concorrer para a construção de uma obra físico-cultural e concorrer para a construção de uma relação de amor com alguém em particular e com todos universalmente considerados, ou seja, da intimidade na singularidade e da intimidade na transcendência desta singularidade (p. 59).

Nas reflexões sobre uma analítica existencial do amor, Petrelli (2005) categoriza o amor como ética da existência que qualifica a *presença*. Destacam-se algumas de suas conceituações ao amor:

Amar é amparar, proteger, dividir (...). Amar é tolerar, é aceitar as diferenças do ser existente (...). Amar é respeitar o espaço da vida da pessoa amada (...). Amar é deixar o ser amado descobrir os próprios valores (...). Amar é valorizar o outro, transmitindo-lhe consciência das suas potencialidades, dos seus recursos (...). Amar é uma presença que entra no destino do Outro e faz história com o Outro (Petrelli, 2005, p. 10).

Buber (1979) afirma que *e o humano se encontra no humano* e que o modo de ser desse humano aponta para uma condição de existência em que ele é um ser-no-mundo-com-outro. Isso quer dizer que o homem existe na relação, se constitui

como um Tu no mundo com os outros por meio da atitude dialógica. A atitude dialógica distingue dois modos relacionais básicos: Eu-Tu e Eu-Isso. O primeiro é imediato, intersubjetivo, ocorre pela graça, esteio para o diálogo dirigido ao outro: humano. O segundo se aplica às relações indiretas, mediadas por funcionalidades e papéis que instaura um vínculo objetivante.

O mais puro destes modos de “ser-no-mundo”, é a existência amorosa, o amor enquanto ato concreto, enquanto ação real de um sujeito existente no mundo – e não como uma idealidade afetiva ou projeção de consciência (Holanda, 2004). Essa existência amorosa ilustra-se pela relação Eu-Tu em que o ente está presente no face-a-face.

Tal como afirma Buber (1979), o amor não se realiza no homem, não está ligado ao Eu. O amor não ocorre nem em um, nem em outro da relação: o amor acontece *entre* o Eu e o Tu. Holanda (2004) aponta que a relação amorosa não é ação de um sobre outro, mas é um ato comum a dois sujeitos na intimidade. Buber (1979) igualmente aponta que o amor não é um sentimento, mas um evento que somente se dá na relação entre ambos. É somente nesta relação, na dimensão da *intersubjetividade* que se constitui a existência humana.

Para Gabriel Marcel (citado por Holanda, 2004), ser é co-existir, é conviver ou *ser-com* os outros. O “*eu sou*” para Marcel é um “*eu existo*” na medida em que me relaciono com os outros, ou seja, *eu existo com os outros*; e a intersubjetividade, para Marcel, é “*participação amorosa*”. O outro é Tu, é presença, e se dá imediata e originalmente, como presença. Assim, viver é estar aberto ao mundo, e disponível para uma *convivência*, ou seja, o homem vive em comunhão com os outros.

O viver em comunhão ou estar disponível para convivência não pode ser confundido com uma atitude de auto-anulação. Vattimo (1987) afirma que nos dias

de hoje “*ser-com*” muitas vezes se confunde com *ser igual ao outro*, se assujeitar ao que o outro quer, ser como o outro gosta, ocultando possíveis diferenças. Assim a experiência de “*ser-com*” exige implicitamente, um olhar para o outro, reconhecendo-o como diferente de si, deixando que a alteridade seja revelada. A alteridade pode ser entendida como elemento dado à nossa condição existencial de seres co-existentes.

Nesse sentido, Holanda (1999) destaca que o “eu” não subsiste sem o encontro com o outro, e isto significa que de fato não há “eu” em si, tanto quanto não há “outro” em si, o que existe é que o “eu” e o “outro” constituem-se relacionamente; tal qual afirma Buber (1968), que é a relação que define a individualidade. Em outras palavras, o homem só existe em relação, e esta se fortalece na diferença, na alteridade de um ser em relação ao outro. O homem relaciona-se com aquilo que é similar e diferente ao mesmo tempo.

Para Woodward (2000), a identidade constitui-se no espaço das diferenças, que têm o grande papel de confirmar que nos estabelecemos como indivíduos singulares na convivência com os outros.

Como modelo de convivência com o outro, Buber (1979) exemplifica que a plenitude do Eu-Tu se dá na relação entre esposos, enquanto esta for descoberta contínua, e perene como revelação de um ao outro. O autor afirma que somente se alcança a essência deste individual quando na relação com o outro.

Buber (1979) ainda aponta para o amor conjugal como a possibilidade da plenitude da realização da relação Eu-Tu: esse é um momento onde Eu se manifesta para seu Tu:

O matrimônio, por exemplo, nunca se regenerará senão através daquilo que sempre fundamentou o verdadeiro matrimônio: o fato de que dois seres humanos se revelam o TU um ao outro. É sobre esse fundamento que o TU, que não é o EU para nenhum dos dois, edifica o matrimônio. Este é o fato metafísico e metapsíquico do amor, do qual os sentimentos são apenas acessórios. Aquele que deseja renovar o matrimônio por outro meio não é essencialmente diferente daquele que quer aboli-lo, ambos declaram que não conhecem mais o fato (Buber, 1979, p.53).

Desse modo, Holanda (2004) assinala que o amor é esta participação de um na vida do outro. O amor é um convite, um apelo a esta participação mútua. O que significa uma ação, um ato de *voltar-se-para-o-outro*, de abrir um diálogo e abrir-se ao diálogo, colocando-se verdadeiramente em relação.

É nesse tipo de relação que se vive a experiência do amor. Esse amor que também é definido por Erich Fromm (2000) como conhecer, cuidar, compreender, respeitar e responsabilizar-se pelo outro. É importante que nas relações dos casais, esses aspectos que parecem tão comuns e elementares aos nossos ouvidos sejam realmente ouvidos, valorizados e conquistados pelos companheiros.

1.3. Conjugalidade

Uma das grandes satisfações que se tem na vida é poder contar com um (a) parceiro (a) para “o que der e vier”. Ter a possibilidade de ser o que se é em qualquer lugar que se esteja, e ainda assim contar com o (a) parceiro (a) (Aguiar, 2005).

Segundo Rogers (1979) compreender a vivência da conjugalidade é compreender não uma instituição ou uma estrutura, mas um *processo*, que constitui vários outros processos como a intimidade, a vida sexual, de trabalho, procriação, partilha de responsabilidade econômica e assim por diante, que formam o que se chama casamento, relação na qual os cônjuges se empenham.

Magalhães (2003) define a conjugalidade como uma situação de oscilação maior ou menor entre momentos de fusão e de diferenciação pessoal. Os sonhos e objetivos da vida em comum levam a pessoa a buscar conformidade com o seu par. Individualidades diferentes se misturam, surgindo, então, uma nova estrutura de vida e, a partir desse entrelaçamento, constrói-se a base para uma nova configuração chamada conjugalidade.

Whitaker (1995) define a relação de casal descrevendo-a como muito próxima e profunda, na qual se vive uma espécie de união e separação de identidades. Esse autor ainda descreve o casal como um modelo adulto de intimidade.

Féres-Carneiro (1998), em seu estudo sobre individualidades e conjugalidades, lembra que todo fascínio e toda dificuldade de ser casal reside no fato deste encerrar, ao mesmo tempo, na sua dinâmica, duas individualidades e uma conjugalidade, ou seja, de o casal conter dois sujeitos, dois desejos, duas inserções no mundo, duas percepções desse mundo, duas histórias de vida, duas identidades individuais que, na relação amorosa, convivem com uma conjugalidade, dividem um mesmo espaço, um projeto de vida de casal e criam uma identidade conjugal.

Minuchin e Fishman (1990) referem que na formação da conjugalidade cada um dos cônjuges tem um conjunto de valores e expectativas, explícitos ou inconscientes, que vão desde vários aspectos da vida, como importantes decisões e

valores, até coisas banais do dia-a-dia, como o horário de almoço. Assim, lembram que, para que a vida a dois seja possível, este conjunto de valores deve ser adequado com o passar do tempo; à medida que os companheiros abrem mão de parte de suas idéias e preferências, acabam perdendo um pouco de individualidade, mas ganham em pertinência.

Antigamente, o casamento, como vivência da conjugalidade, visava a procriação, a criação dos filhos, a transmissão de valores, tinha a função de núcleo econômico e facilitador das tarefas diárias da vida, além da oportunidade de espiritualizar e conferir caráter oficial às relações sexuais (Casey, 1989). Atualmente são várias as motivações que levam as pessoas a uma busca da vida em comum.

De acordo com os sociólogos Berger e Kellner (1970), citados em Féres-Carneiro (1998), o casamento tem a função social de criar uma estrutura para que as pessoas possam experimentar a vida com certo sentido. Assim, o casamento ocupa um lugar de importância na vida das pessoas por ser um tipo de relação considerada e validada pela sociedade.

Segundo os sociólogos, o casamento é útil contra a desorganização pessoal do indivíduo. Ao casar-se, cria-se um papel na vida da pessoa que casa – o papel de esposa ou de marido – e, assim, passam a ter um nome. Dois indivíduos, sujeitos de um passado individual, diferente, encontram-se e redefinem-se por meio da comunicação da relação, reconstróem a realidade passada e constroem uma memória que integra os dois passados individuais, dois tempos vividos.

Segundo Cardella (2009), uma das grandes motivações para muitas pessoas que escolheram o casamento é a valorização da experiência compartilhada e íntima, ou seja, existe o desejo autêntico de compartilhamento e parceria com o outro, em busca de companheirismo.

Outra motivação apontada por Jablonsky (2001) diz respeito ao preconceito de algumas pessoas em relação àquelas que não se casam; assim, para não carregarem o *status* de “solteirões” ou “solteironas”, como se fossem incapazes e fracassadas, muitas tentam casar-se mesmo que essa aliança tenha grandes chances de fracasso (Jablonsky, 2001).

O investimento em uma relação reside, muitas vezes, na esperança das pessoas em encontrarem apoio e segurança emocional (Miller, 1995, Bauman, 2004). Nesse sentido, pode-se dizer que a relação conjugal também teria como motivação evitar ou aliviar a solidão de muitas pessoas.

Outras pessoas buscam a vida conjugal partindo de idealizações construídas, como a de amor eterno e único, vendo o cônjuge como aquele que é sua alma gêmea, que completa o seu ser (Cardella, 2009).

Em pesquisas realizadas por Jablonski (1996, 1998), verificou-se que em relação à *motivação por casar-se* os jovens solteiros pesquisados destacaram uma grande valorização do *amor*; já os adultos, os casados, os separados e os idosos valorizaram o *companheirismo* como motivação para casarem-se.

Outro fator de grande importância que leva às pessoas a se unirem de forma conjugal é a necessidade de constituição de uma família, conforme observado nos resultados das pesquisas realizadas por Féres-Carneiro (1997) e Magalhães (1993).

1.3.1 A conjugalidade contemporânea

Os casamentos e as uniões estáveis encontram-se presentes nos mais diversos contextos socioculturais, apresentando, cada um deles, diferentes formas e significados. Pode-se considerar a vida conjugal como uma relação significativamente importante dentre as múltiplas formas de relações afetivo-sociais.

Fatores sociopsicoculturais influenciaram e influenciam a forma de união e de manutenção das relações conjugais (Féres-Carneiro, 2001).

A decisão por viver na companhia de alguém é algo comum, uma opção real e importante para muitas pessoas (Garcia & Tassara, 2003). Diante dessas reflexões acerca da conjugalidade, cabe ressaltar que angústias vividas por casais inserem-se, de alguma maneira, nas dificuldades de manutenção de um relacionamento amoroso.

Para Minuchin e Fishman (1990) sempre haverá pontos de atrito na vida a dois e o sistema deverá adaptar-se para fazer frente às demandas contextuais modificadas; eventualmente, um comportamento que difere daquele que se tornou costume, será sentido como uma ofensa, ou uma traição, mesmo que nenhum dos cônjuges tenha consciência do que seja o problema.

Administrar as diferenças, as distintas expectativas de vida, as dificuldades de comunicação, as possíveis traições conjugais, além dos ciúmes, do egoísmo exacerbado e de manifestações agressivas, são exemplos dos obstáculos com os quais um casal pode deparar-se na vida a dois; contudo, mesmo com tantas dificuldades, percebe-se que muitas pessoas ainda optam por uma relação conjugal (Garcia & Tassara, 2003).

Na atualidade, o casamento não visa mais somente à reprodução, embora a constituição da família ainda esteja muito presente na vida da maioria dos casais. Apesar de a mulher atual ter priorizado, nas últimas décadas, a realização profissional e uma preocupação maior com questões de ordem econômica, além de postergar a maternidade, ainda há predomínio de casais que possuem e querem filhos (Macfarlane, 1990).

Gomes (2001) concorda que a camada da população de maior acesso à informação e com maior poder aquisitivo leva em conta o fator econômico quando se

trata de tomar decisão relativa ao casamento, tendendo planejar, ou até mesmo adiar, o momento ideal para sua realização, assim como para ter filhos. Assim, nota-se que, nos dias atuais, cada vez mais os casamentos ocorrem entre cônjuges com uma idade cada vez maior em relação a algumas décadas atrás.

No casamento e na família, a pluralidade, a flexibilidade, a instabilidade e a incerteza tornaram-se essenciais. Percebe-se que há uma crise psicossocial e institucional da conjugalidade que se revela em vários pontos, tais como na diminuição do número de casamentos (em alguns contextos), oficiais ou não, além do fato deles estarem ocorrendo mais tarde. Observa-se, ainda, o surgimento de alternativas ao modelo tradicional de casamento. Tem ocorrido experiências de novos modelos de relacionamento, desde casamentos informais e abertos, até os comunitários, poligâmicos e ainda uniões homossexuais, além de um grande aumento de experiências extraconjugais (Ferro-Bucher, 1999).

O casamento abriu espaço para outras formas de arranjos conjugais, como uniões estáveis temporárias ou definitivas, recasamentos, com filhos da primeira união, sem filhos, casais que moram juntos ou separados, famílias monoparentais, arranjos esses que formam algumas das possíveis configurações de conjugalidade presentes na sociedade atual (Ferro-Bucher, 1999).

Visões de uma união feliz e tranqüila estão duplamente ameaçadas hoje, tanto pelos desapontamentos inerentes à união, quanto pelo crescente ciclo de alianças sexuais fora dela (Miller, 1995). Em nossos dias, o amor romântico começa a parecer de forma inconsistente e nostálgica. No entanto, seu brilho, de maneira alguma, desapareceu totalmente. O amor romântico parece ainda sobressaltar mesmo os mais desprovidos de romantismo (Giddens, 1993). Os ideais de amor romântico ainda hoje são estimulados pelos meios de comunicação existentes, sejam nos filmes

hollywoodianos, nas novelas, histórias infantis, revistas femininas, nas escolas ou nos *outdoors*; enfim, por meio de uma infinidade de estimulações, mantendo a sociedade impregnada dessas idealizações românticas (Jablonsky, 1998).

Os resultados das pesquisas de Jablonski (1996, 1998) permitem verificar que os jovens solteiros colocaram o *amor*, em primeiro lugar, enquanto fator responsável pela *duração de um casamento*. Porém, os que passaram por algum tipo de experiência conjugal, deixaram o *amor* em segundo lugar e colocaram, em primeiro lugar, *o respeito mútuo, o companheirismo, a comunhão de idéias – semelhanças – e a persistência*,

No mercado, os indivíduos são avaliados segundo critérios generalizáveis tornando-se, por isso, intercambiáveis; nas relações amorosas, o critério de seleção é subjetivo e inacessível, o que torna a pessoa amada única e insubstituível aos olhos do amante (Jablonski, 1998).

Em pesquisa com casais da classe média carioca, Magalhães (1993) e Féres-Carneiro (1997) verificaram que a maioria das mulheres definiu casamento como “relação amorosa”, enquanto todos os homens definiram casamento como “constituição de família”. Estes resultados, de acordo com Féres-Carneiro (1997), podem explicar, em parte, o fato de a demanda de separação conjugal apresentar-se como predominantemente feminina, conforme constatado na pesquisa. Desse modo, a esperança e a expectativa, principalmente das mulheres, em satisfazer o ideal de amor e felicidade não encontrados no primeiro casamento ou na primeira união conjugal, fazem com elas busquem outros relacionamentos, nutridas por uma esperança de encontrar um final “feliz para sempre” (Féres-Carneiro, 1997).

Diante do contexto descrito até o momento, acredita-se que ele não signifique que a conjugalidade esteja prestes a acabar, mas esteja evidenciando que as pessoas

estão em busca de padrões mais satisfatórios e funcionais de relacionamento amoroso que propiciem melhores condições para o processo de diferenciação e desenvolvimento psicológico e emocional dos parceiros (Jablonski, 1998; Féres-Carneiro, 1999; Féres-Carneiro, 2003; Jablonski, 2003).

De modo controverso aos resultados da pesquisa feita por Féres-Carneiro (1997), Rosset (2005) assinala que as relações conjugais estão passando por mudanças e um dos aspectos importantes dessas mudanças é que as pessoas estão menos iludidas a respeito da idealização da relação e dos parceiros. Desse modo, por não criar falsas ou difíceis expectativas em relação ao parceiro e à relação na vida conjugal, é que, por meio da consciência e aceitação daquilo que se é de fato e com quem se está relacionado, abre-se espaço para o crescimento, aprendizagem, intimidade, para amar e ser amado na relação conjugal.

Calligaris (1994) reafirma em parte essa idéia ao mostrar que o drama dos relacionamentos contemporâneos é que desde que o amor e o desejo passaram a fazer parte do quadro da conjugalidade, as pessoas tornaram-se intolerantes ao fato de que eles podem não se realizar plenamente.

Segundo Neri (2005), o amor romântico é um conhecimento de participação e reciprocidade que se realiza na fusão conjugal entre a subjetividade e a objetividade. Mas esse mesmo romantismo acabou por contribuir com o individualismo, uma vez que idealizou o retorno a uma unidade perfeita, onde os desejos seriam realizados e tudo seria possível, ou seja, o “homem romântico” acredita ser único, acredita que suas experiências mais profundas parecem-lhe incomunicáveis e radicalmente individuais (p. 86).

Atualmente, com o aumento da aceitação e maior flexibilidade social, os padrões de relacionamentos conjugais podem ser contornados com as facilidades do

simples rompimento ou do divórcio. Para Bauman (2004), essa flexibilidade é como uma articulação contemporânea das relações humanas à lógica da descartabilidade e alterabilidade dos produtos destinados ao consumo, promovendo um afastamento entre as pessoas que são estimuladas a esquivarem-se e a acreditarem que o investimento em parcerias representa um enorme risco.

Os vínculos humanos, transformados em objetos de consumo, passam a ser valorizados pelos novos atributos de conveniência de uso e descartabilidade, próprios do ato de consumir – processo que privilegia os “relacionamentos rápidos”, de pouca durabilidade, que não implicam engajamento e esforço, e que fazem com que o vínculo de comprometimento com o outro seja sentido como condição maçante (Bauman, 2004).

Desse modo, não é de espantar o fato de haver um aumento do número de divórcios. No Brasil, as estatísticas indicam que um em cada quatro casamentos terminará em divórcio (IBGE, 1996).

Em resumo, a mudança dos padrões do casamento contemporâneo decorre de diversos fatores socioculturais envolvidos; dentre eles, a ampliação do estado de direito e democracia, o movimento de libertação feminina, a abertura do mercado de trabalho à mão-de-obra feminina e a crise pós-moderna. Cada um desses fatores modificou e foi responsável por reflexos nos padrões psicossociais, resultando em mudanças na estrutura ideológica, sociocultural, econômica e psicológica. Instala-se, assim, uma crise dos papéis sociais antes definidos segundo uma ótica capitalista, possibilitando maior mobilidade psicossocial (Ferro-Bucher, 1999).

É possível pensar que, se por um lado a crise indica uma ruptura dos padrões psicossociais, ela também marca a transformação da relação homem e mulher,

produzindo novas formas de sujeição e de subjetividades (Giddens, 1993; Féres-Carneiro & Diniz Neto, 2005).

Nesse contexto, temos hoje uma família contemporânea que se reduziu e se fechou em si, valorizando muito os tipos de vínculos que se formam em seu interior, deixando de lado a manutenção da propriedade, enfatizando e originando-se no relacionamento conjugal (Gomes, 2001).

As formas de vinculação social, afetiva e sexual, tais como as experimentadas na conjugalidade, parecem estar caracterizadas pela ausência de um modelo único, ou melhor, pela expressão em um modelo de multiplicidade de identidades e papéis que, respondendo a múltiplos contextos, tornam-se contraditórios, levando a novas formas de defesa – como o descompromisso – e a uma organização psíquica difusa, o que se reflete na atual organização sociocultural e econômica. Vaitsman (1994), citado por Féres-Carneiro e Diniz Neto (2005), ressalta ainda que: “o que caracteriza a família e o casamento numa situação pós-moderna é justamente a inexistência de um modelo dominante, seja no que diz respeito às práticas, seja enquanto um discurso normatizador das práticas” (p.19).

A crise da conjugalidade contemporânea não deve ser encarada como um momento de perda de uma instituição muito bem adaptada e saudável, mas como uma ruptura nos padrões psicossociais, trazendo consigo normas sociais e familiares disfuncionais, a serviço de uma ideologia dominante (Carter & McGoldrick, 1995).

Na sexualidade, na afetividade e nas relações familiares, podemos observar esses padrões em diferentes aspectos das experiências conjugais, nas quais se experienciam novas identidades, pautadas ora nos indivíduos, ora no social. A multiplicidade de papéis, com o abandono dos tradicionais, vivenciados em uma rápida sucessão, leva a uma experiência subjetiva de fragmentação (Gomes, 2001).

No caso da mulher, além do afastamento do papel de dona do lar, com a demanda para entrada no mercado de trabalho, a maternidade passou a ser vivida não mais como fator marcante da subjetividade feminina. O papel de mãe e esposa choca-se com o de profissional, levando a uma fusão entre o público e o privado. No caso do homem, ele perde o lugar de figura de força e poder, primeiro pela autoridade pública, depois pelas mulheres. Encontra-se perdido entre identidades difusas e em mudança. Já não é mais o pai moderno, com quem os filhos disputam o poder, admirando-o e odiando-o, e nem o macho dominador, capaz de fazer o seu desejo prevalecer sobre o da esposa (Giddens, 1993, Gomes, 2001).

Segundo Papp (2002), uma das maiores dificuldades vividas atualmente na vida conjugal reside na falta de tempo livre dos casais para se amarem. “Como poderiam achar tempo para manter um relacionamento íntimo se estão presos aos enlouquecedores horários de trabalho, às idas e vindas, às viagens de negócios, à educação dos filhos, aos problemas para resolver (...)” (p.18). A intimidade não pode ser forçada e tampouco encomendada; ela requer tempo para amadurecer, é necessário haver tempo destinado à convivência, à troca de experiências e ao amor, de forma que o casal se fortaleça a partir desses momentos que irão imprimir particularidades e estabilidade ao relacionamento conjugal (Papp, 2002).

Padrões de relação antes encarados como desvios passam a conviver com relações formalizadas, havendo uma heterogeneidade nos relacionamentos afetivo-sexuais. Não desaparecem os traços do modernismo; surgem outros que convivem com os antigos. Não se acredita mais que duas pessoas sejam feitas uma para a outra e o casamento não é mais para toda a vida (Jablonski, 2003).

Contudo, na contemporaneidade surge a família igualitária, segundo a qual os papéis definidos não são mais os de décadas atrás; esses papéis rompem-se, deixando

fluídas as fronteiras entre marido e mulher e filhos. As relações conjugais tornam-se mais instáveis na busca por essa igualdade e individualidade, submetidas a campos de multiplicidade contextual. Os casais passam a se sustentar, quase que totalmente, no que tange às satisfações sexual e emocional, as quais, por sua vez, tornam-se instáveis, pois são permeadas pela falta de abertura para viver a intimidade (Féres-Carneiro & Diniz Neto, 2005).

De acordo com Aguiar (2005), a intimidade não é a da genitalidade, nem sexualidade; não é aquilo que se faz escondido; a intimidade vem do íntimo, do particular, do pessoal.

(...) cultivar a intimidade vai muito além de amar bastante, é proporcionar abertura para que o outro adentre em seu mundo de emoções, pensamentos, sentimentos, decepções, desejos, sonhos e ideais. Assim, permitir que o outro possa compreender a plenitude da pessoa que ama, proporcionando plenitude e não isolamento (Aguiar, 2005, p.19).

Segundo Aguiar (2005), as relações íntimas e a abertura para vivê-las são aprendidas no contexto familiar. Parte daí a relevância de destacar um pouco da história da família e do casamento enquanto espaço de convivência amorosa e de intimidade.

Para discorrer sobre essa história, iniciar-se-á pela historicidade da família burguesa por ser, a partir dela, que surgem os mais importantes aspectos da convivência e de intimidade da família atual e por ser a que mais se aproxima dos modos como vivemos na contemporaneidade.

Ressalta-se que, assim como aspectos sociopsicoculturais influenciam e influenciaram a forma de união e de manutenção das relações conjugais, a história – seja da família e do casamento – também abarca fatores importantes que marcaram a construção das relações íntimas e, por isso, merecem destaque.

Assim, a seguir será apresentado um recorte da constituição histórica de família moderna e sobre o casamento até a contemporaneidade.

1.3.2. Breve História da Família

A Idade Moderna foi a época em que ocorreram as transformações que constituíram a base da família do século XX. Mudanças ocorridas na sociedade, principalmente em função de um novo modo de produção, baseado na indústria e na conseqüente urbanização, ocasionaram novos modelos de família, em especial a partir da família burguesa, gerando um padrão para os demais modelos estruturais de família existentes naquele período (Ariès, 1981).

Ariès (1981) descreve a evolução da família na Europa, desde a Idade Média até a Moderna, período em que observa a valorização de um sentimento que une as pessoas em um determinado espaço denominado *lar*. No início da Idade Média, as pessoas eram conduzidas e movidas por regras sociais, criadas para mantê-las segundo um sistema em que a individualidade, o privado e o particular não deviam transparecer.

O sentimento de pertencimento e amor na família é desconhecido até o século XV. Até então a família era uma realidade social, mais que sentimental. Alguns dos motivos para esse desconhecimento derivam de alguns fatos: muitas crianças não viviam em suas casas; muitas vezes, o trabalho misturava-se ao ambiente inicialmente destinado à convivência familiar nuclear – mas usado para convivência

social – o homem e a mulher apareciam dissociados um do outro, além de não haver uma estrutura emocional entre os membros da família (Ariès, 1981).

Neste período, o válido como modelo familiar era a linhagem, que significava a união da família pelo laço sangüíneo e não pelos sentimentos pessoais. Desse modelo patriarcal decorria a indivisibilidade da propriedade, o direito de primogenitura, segundo o qual só o filho mais velho herdava o patrimônio de forma a salvaguardar sua integridade e a administração da propriedade pelo pai (Casey, 1989). A valorização dos laços afetivos, criados pela convivência em um mesmo espaço, ainda não se fazia sentir na linhagem.

De acordo com Ariès (1981, p. 214), “a partir do século XIV, assistimos o desenvolvimento da família moderna”. Até o século XVI, a família era retratada apenas em um contexto religioso ou público; a partir de então, começam as cenas que retratam a família no seu interior.

No início do século XVI, o homem, a mulher e as crianças ainda aparecem dissociados. Após o século XVI, a família passa a ser retratada em sua vida cotidiana, onde é possível perceber um espírito de grupo e uma união entre seus membros. A partir desse período, as pessoas passam a ser retratadas em seu espaço privado, vivendo uma intimidade até então desconhecida. Surgem, na casa, espaços de intimidade, como o quarto do casal, onde nem todos familiares poderiam estar presentes (Ariès, 1981).

De acordo com Casey (1989), na pequena burguesia, durante os séculos XVI e XVII, as famílias costumavam enviar as crianças para as amas-de-leite, o que expressa uma indiferença dos pais em relação aos filhos. Esse costume também sofreu mudanças, pois as famílias que tinham melhores condições financeiras contratavam amas-de-leite para permanecerem em suas residências. Desse modo, o

bebê ficava mais próximo à mãe, situação em que se observa haver, nessa época, uma proximidade entre as mães e seus filhos. Para o sentimento de família se desenvolver foi necessário certo distanciamento da vida pública e um maior convívio dos filhos com os pais (Casey, 1989).

Por meio de uma análise iconográfica, Ariès (1978) mostra que, do século XV ao XVIII, a família passa a ser retratada em seu espaço privado e não mais no espaço público, ou seja, na rua, nos jogos, com os vizinhos, quando ela se confundia com a multidão e tudo o que acontecia em seu interior tornava-se público.

Esse espaço privado é representado por Ariès, durante o século XVII, pelas chamadas “casas grandes”. Segundo o autor, é nesse novo modelo familiar que se encontrou o meio cultural do sentimento da infância e da família.

A valorização do sentimento afetivo que irá caracterizar o grupo familiar passa a estar presente primeiro na burguesia e, mais tarde, nas famílias mais pobres. A separação entre os cômodos da casa, a intimidade resguardada no quarto do casal e nos demais quartos da casa e a conservação de objetos particulares comprovam o nascimento da privacidade entre a família burguesa e a privacidade a que cada membro passa a ter direito. Essa nova concepção de família e do morar ver-se-á plenamente estruturada a partir do início do século XVIII (Ariès, 1981).

Por volta da metade do século XVII, as crianças começaram a receber uma atenção especial dos pais, pois mesmo que os filhos ficassem em locais fora do espaço escolar, nos dias específicos de visita, os colégios ficavam repletos de pais que iam visitá-los e traziam o que seus filhos necessitavam para viver longe de casa.

Poster (1978) menciona que em meados do século XVIII surge a família moderna. Para este autor, é na família burguesa que se desenvolve, com mais intensidade, um padrão emocional entre os membros do grupo familiar, gerando

também uma rígida divisão dos papéis sexuais; assim, os homens passam a ser os chefes da família e os responsáveis por ela e as mulheres passam a ser subordinadas ao homem, sendo-lhes atribuídas as funções de cuidar da casa, dos filhos e do marido. Mas, é nessa família burguesa que cada membro passa a ter direito de exercer sua privacidade, ou seja, nem tudo o que ele faz precisa ser compartilhado com os membros da sua família.

Desde o final da Idade Média até meados do século XVII, na França (um pouco antes na Inglaterra e mais tarde na Europa Central), a família não é essencialmente diferente das formas familiares contemporâneas. Na vida cotidiana, as relações entre os membros da família burguesa assumiram um padrão distinto de intensidade emocional e privacidade. Ela estava fundamentalmente localizada em áreas urbanas (Poster, 1978). Contudo, o cenário das famílias que permaneceram nas zonas rurais era de não privacidade e de um desenvolvimento emocional afetivo mais lento entre seus membros, bastante distinto das famílias burguesas.

Uma das características mais marcantes do surgimento da família burguesa na Idade Moderna foi o confinamento da mulher ao espaço privado, ao lar (Poster, 1978). A ela foram atribuídos três papéis: o de dona de casa, o de mãe e o de educadora dos filhos. Nos papéis de mãe e educadora, as mulheres ficavam cada vez mais isoladas e sem o apoio de uma comunidade; desse modo, viam-se submetidas a consideráveis pressões (Poster, 1978). O pai, na família burguesa, tinha pouca responsabilidade na criação dos filhos, pois a sua função era manter o lar e, para isso, deveria se dedicar exclusivamente ao trabalho. O homem deveria cumprir seu dever com competência e honestidade e isso era tudo que um homem podia fazer como marido e pai, camponês ou comerciante (Casey, 1989).

Destaca-se que existia uma grande diferença entre o que se constituía

enquanto vida privada para os burgueses e para as demais classes sociais na França. Para Poster (1978), a burguesia tinha uma vida privada muito mais ampla, pois havia o espaço privado: sua cama, seu quarto, sua penteadeira e seu vestuário.

Para Prost (1992, p. 72), “nessas condições, para os mais pobres, era difícil ter objetos pessoais, ter um canto próprio nesse espaço saturado, onde nenhum membro da família possuía individualidade”. Até o sexo entre o casal acontecia sob os olhares de todos os membros da família ou tinha que ser escondido, fora do espaço doméstico. Nas famílias burguesas isso não ocorria porque a intimidade era preservada, já que havia espaço para que isso acontecesse.

Na família, não se discutiam aspectos particulares entre os seus membros. Isso era ocultado. “Assim, a vida privada se refugiava nos segredos” (Prost, 1992, p. 73). A família, como elemento do privado, cultivou momentos especiais de privacidade e união entre seus membros. Esses momentos caracterizam o atual modelo de família, voltado à afetividade e à construção de laços que vão para além da consangüinidade entre os indivíduos que a constituem.

Para Prost (1992, p. 76), “a vida propriamente familiar se concentra em momentos determinados – as refeições, o domingo – e em locais definidos – a cozinha ou aquilo que os arquitetos denominam de ‘living-room’”. A existência se divide em três partes distintas: a vida pública, essencialmente profissional, a vida familiar e a vida pessoal, ainda mais privada. Além da criação de hábitos e momentos onde a família reunida começa a viver a intimidade entre os seus membros, a privacidade se expande e atinge outros espaços.

Prost e Vincent (1992) afirmam ainda que a reivindicação de outros espaços privados, fora do âmbito doméstico, trouxe a possibilidade da privacidade e da intimidade ficarem sob o domínio exclusivo do indivíduo, que passa a escolher como

quer viver essa privacidade.

De acordo com Ariès e Duby (1987), o surgimento de colégios para receber crianças e adolescentes provocou uma verdadeira revolução na vida familiar. A escola passou a se tornar instrumento de iniciação social, da passagem do estado de infância ao adulto. Tal evolução correspondeu a uma preocupação em isolar a juventude do mundo sujo dos adultos e ainda uma preocupação dos pais de vigiar seus filhos mais de perto, de ficar mais próximo deles e de não abandoná-los mais.

A reorganização da casa e a reforma dos costumes deixaram um espaço para a intimidade, que foi preenchida por uma família reduzida aos pais e às crianças, da qual se excluía criados, clientes e amigos (Ariès, 1981).

Nessa nova composição familiar todos os membros tornam-se mais próximos, conversam entre si, ficam preocupados uns com a vida dos demais, enfim, começa a existir um determinado aconchego entre essa célula social, característica dos nossos dias atuais (Poster, 1978).

A família burguesa de meados do século XIX é a que mais se aproximou do modelo familiar da atualidade. Muitas das características da família nuclear moderna ainda são reflexos desse modelo familiar. Isso é fortemente evidenciado em relação à sexualidade e à divisão sexual dos papéis entre homens e mulheres (Casey, 1989).

No final do século XIX, a presença do amor tornou-se essencial para que a união conjugal acontecesse nas famílias burguesas. A família passou, cada vez mais, a monopolizar a afetividade, oferecendo-se como domínio privado. Conseqüentemente, ao canalizar as emoções do indivíduo, condicionou a sua subjetividade. A relação conjugal, de acordo com essa perspectiva, adquire o status privilegiado de relação íntima, concentrando alto grau de expectativas de realização e de desenvolvimento dos sujeitos. A conjugalidade passa a se constituir como

espaço e continente dos sentimentos mais íntimos, receios e desejos dos sujeitos-parceiros. O enquadre conjugal passa a oferecer contorno, delimitando o interno e o externo, conferindo significado ao sujeito, sendo referência e repercutindo sobre a constituição da subjetividade moderna (Poster, 1978).

No século XX houve muitas transformações socioculturais, políticas e econômicas que marcaram a idade contemporânea. Na segunda metade do século XX, a emancipação feminina veio transformar profundamente as relações de gênero. A generalização dos métodos contraceptivos muito contribuiu para que ocorresse uma liberação da sexualidade feminina; a partir de então, as mulheres passaram a controlar a procriação. O relacionamento sexual passa a ser relacionado ao prazer e não apenas à geração de filhos, como antes ocorria. O crescimento do individualismo, a independência em relação às famílias de origem, os avanços tecnológicos, a globalização, dentre outros fatores, influenciaram a mudança de significado da família, do casamento e das relações afetivas (Jablonski, 1998).

A verdade é que os indivíduos, da **contemporaneidade**, a partir de meados do século XX, ganharam mais autonomia em relação à família, enfocada não mais enquanto instituição que confina o indivíduo em um espaço, com normas determinadas (Ariès e Duby, 1987).

A família contemporânea é considerada um espaço de afetividade. Isto se coloca face à sua nuclearização e à sobrecarga de exigências e expectativas que, anteriormente, eram imputadas ao Estado ou à comunidade de maneira geral. A família tem seu papel hipertrofiado em termos de sociabilidade, enquanto a comunidade restringe-se. As transformações que ocorreram em relação à mudança na estrutura familiar são possíveis de serem verificadas por meio da evolução do casamento (Casey, 1989). Desse modo, coube à família e ao casamento preencher

um “vazio” e responder às necessidades afetivas e sociais dos indivíduos.

O sociólogo francês Luc Ferry (2008b) aponta para uma visão contemporânea do casamento e para a importância atualmente atribuída à família. Segundo ele, a idade contemporânea é o momento da sacralização da intimidade. Esta ideia parece um contrasenso à primeira vista, porém o filósofo explica que o momento atual surge como uma emergência progressiva de uma divinização do humano, de um sagrado encarnado nos corações da humanidade, que surge como efeito das evoluções da família moderna.

Segundo Ferry (2008a), nos últimos dois séculos o único laço social que se aprofundou e intensificou foi o que une as gerações em torno da família. A família contemporânea é frequentemente decomposta, situada fora do casamento ou recomposta, porém menos hipócrita e mais autêntica que nunca, se comparada ao passado das famílias na história; isso se constitui no paradoxo da família moderna. A hipocrisia apontada refere-se ainda a casamentos contemporâneos, ou seja, de algumas décadas atrás, no qual uma esposa insatisfeita, traída, mantinha-se casada para sustentar uma “aparência” que expressasse um ideal de família para a sociedade. A pressão social, o estigma do divórcio, o fato da mulher depender economicamente do marido, fatores que anteriormente mantinham os casais unidos, não mais se constituem na base do casamento.

É na família que subsistem, e até se aprofundam, formas de solidariedade, mais que no restante da sociedade, dominada quase que exclusivamente pela necessidade da competição e da concorrência. Desse modo, Ferry (2008a) destaca que,

(...) é diante dos nossos próximos, daqueles que amamos – refere-se à família,

cônjuge e filhos – e, sem dúvida por extensão, diante dos demais seres humanos, que espontaneamente nos disponibilizamos a sair de nós mesmos, a recuperar a transcendência e o sentido, em uma sociedade que mobiliza o tempo todo tendências contrárias (p.75).

Nesse contexto, temos hoje uma família contemporânea que se reduziu e fechou-se em si, valorizando muito os tipos de vínculos construídos em seu interior, deixando de lado a manutenção da propriedade, enfatizando e originando-se no relacionamento conjugal (Gomes, 2001).

O amor, ainda considerado componente importante da noção de conjugalidade, mesmo que em termos de ideal de conjugalidade, nos tempos atuais passa a ser um ideal cada vez mais distante. Costa (1999) afirma que o “amor romântico” só pode existir em sociedades nas quais o sujeito tende a se afastar da rede cultural mais ampla, realçando a importância da privacidade, retraindo a subjetividade. O eu moderno, estruturado sobre a noção de indivíduo autônomo, utiliza o amor como forma de compensação para atribuir sentido à sua própria existência, reforçando o sentimento de pertencimento mútuo dos parceiros.

Desse modo, destaca-se a importância de uma sintética abordagem da história do casamento de forma a construir uma rede de idéias relevantes para a compreensão geral da discussão.

1.3.3. Breve História do Casamento

Na história do casamento, da Antigüidade até a Idade média, eram os pais que cuidavam do casamento dos filhos. O casamento não consagrava um relacionamento amoroso, era um negócio de família, segundo o qual dois indivíduos

assumiam um compromisso de associação permanente entre duas famílias, considerado um investimento importante, pois representava uma estabilidade incomum (Ariès, 1978; Vainfas, 1986; Casey, 1989).

Na história da humanidade sempre foi o eixo da estabilidade social, mais importante que o amor entre os casais. Os papéis diretamente ligados ao casamento visavam a criação dos filhos, a transmissão de valores, o núcleo econômico e facilitador das tarefas diárias da vida. Escolha e paixão não pesavam nessas decisões e a sexualidade para a reprodução era parte da aliança firmada (Casey, 1989).

No início do século XI, passou a existir a liturgia do vínculo conjugal, que era uma cerimônia religiosa que tornava lícito o matrimônio, seguindo as regras da religião católica, teve início nos países anglo-normandos. Nessa época, o ritual transferiu-se para a porta da igreja, com maior participação do padre. O pai entregava a moça ao padre que a entregava ao esposo. Ao longo do tempo, essa cerimônia foi passando por algumas transformações; no século XIV, o padre passou definitivamente a consolidar a liturgia matrimonial. Assim, ele substituiu, ritualmente, o pai da noiva e a casa do noivo foi substituída pela entrada da igreja. O objetivo do casamento era espiritualizar e conferir caráter oficial às relações sexuais, até então sujeitas a considerável incerteza (Casey, 1989).

O projeto de construção da supremacia da igreja no Ocidente, do século XI ao XIII, aproveitava-se da estratégia matrimonial na medida em que transferia o matrimônio para a chancela da Igreja, constituindo-a como um instrumento de poder. Dessa forma, por meio da liturgia matrimonial, a Igreja aproveitou-se e sobrepôs-se às famílias, impondo aos leigos a sua moral (Vainfas, 1986).

Apesar de o casamento na Idade média ser considerado o pior dos bens, era forçoso fazer dele uma união sagrada. Tomás de Aquino, em sua *Suma Teológica* do

século XIII, admitia que o matrimônio era um sacramento e que as relações carnis é que o tornavam indissolúvel. A partir de então, houve uma transformação na história do casamento ocidental, quando o mesmo passou a excluir a pureza e a exigir o “pecado carnal”, modificado a partir de então. Nesse conjunto de fatos, o sacramento e a indissolubilidade do casamento passaram a se constituir nas bases do triunfo político da Igreja (Casey, 1989).

A partir do sacramento do matrimônio e da ordenação do leito conjugal, a relação carnal no casamento condenava totalmente a paixão e o ardor. Qualificaram-se os atos em permitidos ou proibidos, tendo em vista a função procriadora do sexo. A união no leito conjugal deveria ser fria, com movimentos controlados e sem paixão. No núcleo da vida sexual padronizada surgiu, nessa época, o conceito de posse; cada um dos cônjuges era considerado dono do outro pelo fato terem se unido sexualmente (Casey, 1989).

A igreja católica instituiu, então, o casamento como o único espaço legítimo para uso da sexualidade, com o objetivo exclusivo da procriação. Ao longo desse caminho, desde o início do cristianismo, várias parcelas da Igreja dividiram-se entre aceitar e condenar o casamento. Acredita-se que o casamento era recomendado como um consentimento e não como um mandamento, apenas para evitar a lascividade do homem. Além de restringir a sexualidade ao casamento e à procriação, a moral cristã proibia qualquer método contraceptivo e considerava pecado toda atividade sexual fora do matrimônio (Vainfas, 1986).

A partir da revolução burguesa, inicia-se um processo de dessacralização do poder da Igreja, o que vai retirar a ilusão religiosa construída até então. Desse modo, os ideais de amor romântico inseriram-se diretamente nos laços emergentes entre liberdade e a auto-realização (Giddens, 1992).

Assim, mesmo com a diminuição do poder da igreja católica, acredita-se que o ritual do matrimônio, ainda na atualidade, tem o papel de delimitar, para muitas pessoas, um espaço daquilo que é ou não permitido.

O ritual do matrimônio na idade contemporânea tem a finalidade também de concretização de expectativas românticas das mulheres, as quais descrevem o matrimônio como a “realização de um sonho”.

O ideal de amor romântico refere-se a uma representação de um “amor eterno”, “imortal”, capaz de ultrapassar todas as vicissitudes, que é “único”, pois só “se ama verdadeiramente” alguém uma vez na vida. Esse alguém, que é a “alma gêmea”, refere-se a um amor que traz a “completude” e que, muitas vezes, é um amor “inacessível” e “proibido”, como nas histórias de “Romeu e Julieta” ou “Tristão e Isolda” (Costa, 1999; Aratangy, 2007; Cardella, 2009).

Giddens (1992), ao dissertar sobre a transformação da intimidade nas sociedades ocidentais, lembra que, desde sua origem, o amor romântico caminha para a intimidade, para comportamentos íntimos, que levam os indivíduos a um encontro reparador com o ser amado à medida que o outro preenche um vazio; o ser fragmentado sente-se inteiro. Por intimidade, Carpenedo e Koller (2004) referem-se ao sentimento de proximidade, conexão e união no relacionamento amoroso.

O amor romântico, enquanto meio para intimidade entre os indivíduos, era uma peculiaridade feminina na medida em que as questões da própria vivência íntima e os sentimentos eram trabalhados de forma constante na cabeça das mulheres, ao longo de décadas. Contudo, como resultado da emancipação da mulher e pela autonomia conquistada ao longo desses anos, o laço conjugal passou a ser apresentado e mantido de forma diferente, pois se objetiva uma relação de igualdade entre homens e mulheres; só desse modo convém manter-se em uma conjugalidade

(Jablonsky, 2003).

Observa-se que ainda hoje o casamento e a conjugalidade mantêm parte desse ideal de amor romântico. Segundo Lins (1999), o principal conceito não modificado totalmente no decorrer dos séculos, é a crença de que o ‘amor verdadeiro’ deve se constituir em adoração mútua. Contudo, esse amor organiza-se no moldes das relações igualitárias, segundo as quais não existe o forte e nem o fraco.

Em seu artigo, Carpenedo e Koller (2004) concordam que, ao contrário de algumas décadas atrás, as relações estão mais justas entre os homens e mulheres. Desse modo, lembram que o casal deve caminhar junto, na mesma direção, pois ambos têm o poder de escolher o rumo a ser percorrido. Assim sendo, a vida conjugal, na sociedade contemporânea, é baseada em escolhas recíprocas de afetividade, sexualidade e noções de amor.

Nas relações conjugais da contemporaneidade, *o companheirismo* é peça fundamental da convivência, pois é como uma estrutura que confere base de sustentação à uma grande construção. As diferenças entre os parceiros devem enriquecer a relação pelas características especiais que cada um carrega e não causar discórdia (Albuquerque, 1996).

Um relacionamento maduro assinala Von Koss (2000), é estabelecido entre uma mulher e um homem plenamente adultos, autônomos, independentes e complementares. Assim, o amor entre esses parceiros precisa atender às necessidades de ambos.

O mito do casal perfeito, aquele que supera todas as diferenças pelo amor, tem, por finalidade última, a felicidade eterna. O amor encontra, na proposta de institucionalização de um laço, a esperança de que, pela palavra empenhada na presença de terceiros, seja assegurado o cumprimento das promessas amorosas

(Brasil, 1994). Contudo muitas vezes essa conjugalidade não sustenta essas promessas e se rompe com muita facilidade.

Assim, alterou-se a forma de avaliação de um casamento; *a união não precisa ser para sempre, pode romper-se e as pessoas reconstruem suas vidas*. Não existem mais garantias de amor eterno. As relações entre os homens e mulheres estão reeditando antigos papéis de forma a adaptá-los às novas exigências (Diniz, 1999).

Desse modo, na atualidade o casamento deixou de ser a única modalidade aceita de relacionamento. Nas últimas quatro décadas ataca-se o amor romântico e abre espaço para o amor relacionamento, um processo vivido a dois, em que se diminui o peso depositado na relação conjugal como espaço de realização de todos os sonhos e fantasias até então adiados. Esse tipo de idealização do casamento, produto de expectativas irreais, acaba sendo a porta de entrada para muitas frustrações (Aratangy, 2007).

CAPÍTULO II

Método

A proposta metodológica desse trabalho é recorrer à pesquisa qualitativa de orientação fenomenológica, a qual vem sendo muito utilizada na pesquisa empírica por autores brasileiros como AmatuZZi (1996), Forghieri (2004) e Gomes (1998) e norte-americanos como Giorgi (1985), Moustakas (1994), entre outros.

A pesquisa qualitativa debruça-se sobre o conhecimento de um objeto complexo: a subjetividade, cujos elementos estão implicados simultaneamente em diferentes processos constitutivos do todo, os quais mudam em face do contexto no qual se expressa o sujeito concreto (González Rey, 2002).

Sabe-se que a metodologia de pesquisa fenomenológica em Psicologia sofre variações de acordo com o pensamento filosófico que a fundamenta, justamente por existirem várias e não uma única forma de compreensão da Fenomenologia. Todavia, todas têm uma linha em comum, todas têm como objetivo a busca do sentido da experiência (Moreira, 2004).

A pesquisa fenomenológica é qualitativa, *descritiva* – pois parte de experiências e vivências concretas –, *eidética e empírica* – por ser uma reflexão sobre generalidades e tipicalidades da vivência e identifica, por sua descrição, as essências pré-existentes, além de ser *intencional e transcendental* – pois desvela à consciência suas ligações com a organização da experiência. Outro aspecto fundamental da pesquisa fenomenológica reside no fato de estar orientada para a “descoberta”, ou seja, busca desvelar e reconhecer os elementos de significados envolvidos na relação dos sujeitos com suas experiências (Holanda, 2003a, 2003b).

Dentre as diversas vertentes de pesquisa fenomenológica, a proposta desse trabalho é a aproximação à utilizada por autores como Amedeo Giorgi, Adrian Van Kaam, Joel Martins, Yolanda Forghieri e William Gomes, chamada de “pesquisa fenomenológica empírica”, onde se trabalha a partir de dados empíricos, coletados, fundamentalmente, por meio de relatos, entrevistas ou depoimentos, e de sua análise, buscando os elementos de significado que permitem acessar a estrutura do vivido (Amatuzzi, 1996).

Sabe-se que o significado de uma situação para uma pessoa é uma experiência íntima, a qual, geralmente, escapa à observação do psicólogo. Nesse sentido, faz-se necessário utilizar um método que contemple a intersubjetividade, como se propõe o método fenomenológico (Holanda, 2002; Moreira, 2004; Forghieri 2004).

A Fenomenologia preocupa-se em captar, apreender o invariante, ou seja, aquilo que permanece e sinaliza para a essência de um fenômeno, possibilitando caminhos para chegar à sua compreensão. Essa relação não é dada *a priori*, mas é registrada como se revela à consciência não manipulada ou distorcida por interpretações subjetivas, mesmo que teoricamente fundamentadas. Essa dimensão ética da fenomenologia é parte integrante do procedimento metodológico que Husserl indicou com o termo *redução*, equivalente à retenção: corte e suspensão provisórios de um conhecimento natural a respeito de um fenômeno (Petrelli, 2001, p. 24).

A busca da essência – do *eidos*, descrito por Husserl – do fenômeno estudado, por meio da pesquisa fenomenológica, pode ser realizada pelo procedimento que considere três elementos essenciais: *a redução fenomenológica*, que é a suspensão de juízos do pesquisador em relação ao tema pesquisado, o que lhe

possibilita acessar as verdades do sujeito, seu vivido; a *intersubjetividade*, que é a relação estabelecida entre o *sujeito-pesquisador* e o *sujeito-pesquisado*, e o *retorno ao vivido*, no qual o sujeito-pesquisado retoma seu mundo vivido, sua história, por meio de seu depoimento (Holanda, 2003a).

Holanda (2003b) postula ainda que a fenomenologia enquanto método vai se preocupar com os *fundamentos da significação*, “*com o não formulado que sustenta a formulação, com o implícito que prepara a explicitação*” (p. 47).

Destaca-se que o rigor do método fenomenológico não rejeita as hipóteses, mas as suspende no momento inicial e as verifica *a posteriori*, em uma postura dialética de tese, antítese e síntese, o que possibilita um saber autêntico (Petrelli, 2001, p. 25).

O caráter interativo do processo – e, portanto, intersubjetivo – segundo essa forma de produção de conhecimento, enfatiza que as relações pesquisador-pesquisado implicam condição para o desenvolvimento de pesquisas nas ciências humanas e que a interação é uma dimensão essencial do processo de produção de conhecimento; é um atributo do processo de estudo dos fenômenos humanos (Gonzalez Rey, 2002).

Para Amatuzzi (2003), “o melhor relato para se fazer pesquisa fenomenológica é o que procura trazer presente a experiência vivida”. Desse modo, cabe ao pesquisador, ao longo da coleta, permanecer ativo como um interlocutor e facilitador do acesso ao vivido (p. 21).

As situações que alguém vivencia não contêm apenas significados em si mesmos, mas adquirem um sentido *para quem* as experiencia, o qual se encontra relacionado a sua própria maneira de existir, o que expressa a essência da “intencionalidade”, conceito central da fenomenologia (Forghieri, 2004).

Uma das formas amplamente utilizadas para buscar dados para uma posterior compreensão de determinado fenômeno é a entrevista. Nela, o pesquisador pode explorar a experiência vivida e o sentido que o mundo vivido tem para o entrevistado, percebendo como diferentes pessoas experienciam certa situação comum para os sujeitos da pesquisa.

De acordo com Amatuzzi (2003), os sujeitos da pesquisa são, na verdade, “colaboradores”, pois se entende que a pesquisa fenomenológica não lida com sujeitos que forneçam informações, mas com pessoas que colaboram no sentido de construir e compartilhar suas vivências em um diálogo vivido com o pesquisador. O pesquisador busca compreender a experiência do sujeito entrevistado a partir do relato de sua vivência, pois sabe que o sujeito é quem melhor conhece suas próprias experiências, sua própria realidade. Assim, justifica-se nomear os participantes desse tipo de pesquisa de “colaboradores”.

Por se tratar de um modo aberto e livre – o que possibilita aos colaboradores uma expressão mais espontânea – a entrevista semidirigida pode ser descrita como um diálogo iniciado desde o momento do encontro entre o pesquisador e o participante, permitindo – por meio desse diálogo – o acesso à subjetividade do(s) participante(s) de forma direta. Esse acesso é propiciado pela intersubjetividade, permitindo um delineamento processual do foco da pesquisa (González Rey, 2002).

A partir desse momento, tanto o colaborador quanto o entrevistador se modificam, pois a relação constituída entre o *eu* e *outro* transforma essa postura em um modo de interação, quando os dois participantes tornam-se co-responsáveis pela pesquisa (Gomes, 1997).

2.1. Descrição da Pesquisa

Para a realização empírica da pesquisa, buscou-se uma aproximação da realidade vivida, por meio do contato com casais dispostos a compartilhar suas experiências com a pesquisadora.

Foram entrevistados três casais, residentes na região metropolitana de Goiânia, vivendo maritalmente em regime civil e religioso; todos possuem uma profissão e trabalham. Destaca-se que esses casais possuem diferentes tempos vividos de convivência conjugal e que apenas um cônjuge, dentre todos os colaboradores, está em seu terceiro casamento (no momento das entrevistas, os outros entrevistados vivenciavam seus primeiros e únicos matrimônios).

Foram adotados alguns critérios de inclusão para a pesquisa. Para o recrutamento, era necessário que os colaboradores fossem casados ou vivessem em situação de união estável, independentemente do tempo cronológico dessa experiência. Outro critério importante foram suas anuências em serem voluntários da pesquisa, por suas livres e espontâneas vontades, observando-se, assim, as normas da ética em pesquisa com seres humanos. Um terceiro critério foi que os colaboradores pudessem contar com um psicoterapeuta com os quais pudessem buscar – caso necessitassem – um *apoio psicológico*; por esse motivo, a procura e o recrutamento foram realizados em consultórios clínicos de profissionais que tivessem esse contato com alguns casais. Ou seja, poderiam ser casais em terapia, adultos que passam por algumas sessões de casal, ou ainda casais que já passaram pela terapia de casal e que mantêm o contato com um/a psicoterapeuta.

Não houve critérios de exclusão com relação à idade, religião, etnia, número de filhos, escolaridade, cor, classe social, escolhas sexuais, de saúde, tempo de casamento/união, ou por ter vivido uma união ou casamento em outro momento da

vida.

Escolheu-se pesquisar os cônjuges de forma separada para facilitar a compreensão do significado da experiência da conjugalidade a partir das vivências individuais. Ponderou-se que as perguntas disparadoras da pesquisa poderiam propiciar conflitos ou até mesmo provocar constrangimento se as entrevistas fossem realizadas com os membros do casal, em situação face a face. Assim, além de resguardar o casal com as entrevistas individualizadas, esperou-se oportunizar maior liberdade e autenticidade no momento da entrevista.

2.1.1. Instrumento

Segundo Gomes (1997) a experiência consciente é um ato comunicativo de um corpo situado em um determinado ambiente. E a mensagem expressa por alguém traz a peculiaridade de um mundo vivido. Partindo dessa idéia, o interesse das investigações é captar este mundo vivido e é nesse contexto que se introduz a entrevista como um convite à comunicação. Assim o interesse não se restringe unicamente à vivência particular de uma determinada pessoa em certo ambiente, pois não se está à procura da subjetividade. A questão, a saber, é como as diferentes pessoas experienciam certa condição que é comum a elas.

O termo entrevista “advém dos radicais latinos *inter* e *videre*, e podemos entendê-la etimologicamente como uma ação ‘entre olhos’, ‘no meio dos olhares’” (Turato, 2003, p. 307).

Richardson (1999) complementa – no que se refere à definição de “entrevista” – assinalando que *vista* refere-se ao ato de ver, ter preocupação com algo. E *entre* indica a relação de lugar ou estado no espaço que separa duas pessoas ou

coisas. Portanto, o termo entrevista refere-se ao ato de perceber realizado entre duas pessoas (p.208).

A entrevista, segundo Haguette (2000), pode ser definida como:

(...) um processo de interação social entre duas pessoas na qual uma delas, o entrevistador, tem por objetivo a obtenção de informações por parte do outro, o entrevistado. As informações são obtidas através de um roteiro de entrevista constando de uma lista de pontos *ou* de tópicos previamente estabelecidos de acordo com uma problemática central e que deve ser seguida (p. 86).

Esse instrumento conta com diversas variações, atende a várias finalidades e contribui de maneiras múltiplas para as pesquisas qualitativas. São várias as possibilidades de trabalho com a entrevista, que de acordo com Richardson (1999) podem ser:

- *Dirigida*: desenvolve-se a partir de perguntas precisas, pré-formuladas e com uma ordem preestabelecida, assim o entrevistador dirige o processo evitando qualquer *desvio* do entrevistado;
- *Guiada* ou *semi-diretiva*: permite ao entrevistador, utilizar um “guia” de temas a ser explorado durante o transcurso da entrevista, assim o entrevistador não dirige totalmente o processo, pois o entrevistado tem mais liberdade em responder e pode se desviar das perguntas guias; e,
- *Não-diretiva*: permite ao entrevistado desenvolver suas opiniões e informações da maneira que achar conveniente, assim, o entrevistador desempenha apenas a função de estimular o entrevistado.

Decidiu-se por utilizar esses termos esclarecidos por Richardson (1999) e não mais entrevistas estruturadas, semi-estruturadas, e não-estruturadas, visto que, como afirma Turato (2003), toda e qualquer entrevista tem uma estrutura.

Desse modo, o presente trabalho vale-se da entrevista semi-diretiva, na qual o entrevistador introduz um tópico, por meio de perguntas *disparadoras*, deixando o entrevistado livre para toda e qualquer contribuição. Como afirma Turato (2003), esse tipo de entrevista tem como proposta que tanto o entrevistado como o entrevistador possam, em algum momento, dar-lhe um direcionamento, o que representa um ganho, por possibilitar a reunião de uma maior e melhor quantidade de dados.

A organização desse procedimento envolve um processo de interação onde interatuam quatro elementos: o entrevistador, o entrevistado, a situação (ou contexto da entrevista) e o instrumento (ou roteiro da entrevista) (Haguette, 2000). Esses elementos são objetos de discussões diversas – como encontramos na literatura (Gomes, 1997; Holanda, 2002; Rodrigues, 2004; Sousa, 2006) – no sentido de clarificar objetivos, direcionamentos, propostas e intenções, fazendo com que a *entrevista* venha tendo um contínuo questionamento como instrumento de pesquisa:

(...) enquanto instrumento de coleta de dados, a entrevista, como qualquer outro instrumento, está submetida aos cânones do método científico, um dos quais é a busca da objetividade, ou seja, a tentativa de captação do real, sem contaminações indesejáveis nem da parte do pesquisador nem de fatores externos que possam modificar aquele real original (Haguette, 2000, p. 86-87).

Mesmo reconhecendo a inexistência de neutralidade na ciência e o aspecto utópico de um ideal de objetividade, a autora (Haguette, 2000) destaca a importância desse instrumento na coleta de dados da realidade.

A entrevista é organizada em torno de um roteiro direcionado para certos temas, mas aberto para ambigüidades. Neste processo, a consciência do entrevistador, como expressa no roteiro da entrevista, modifica-se, amplia-se, atualiza-se na interação com o entrevistado. O entrevistador deixa-se conduzir pela expressão do entrevistado e oferece suas percepções, reduzidas na expressão, para serem especificadas pelo entrevistado. Nota-se que a mediação da linguagem, seja ela verbal e não-verbal, cria no momento da entrevista uma mutualidade de experiência entre os dois comunicantes (Gomes, 1997).

Desse modo, para a construção do instrumento de pesquisa foi necessário elaborar e organizar um formulário de perguntas – disponível nos Anexos do trabalho – que pudesse ampliar as possibilidades da pesquisadora captar os significados das vivências dos colaboradores. Foi um processo de elaboração que maximizou a densidade dos dados.

A entrevista semi-diretiva é usada particularmente para descobrir aspectos de determinadas experiências na vida das pessoas. Desse modo, o pesquisador conhece previamente os aspectos que deseja pesquisar e, com base neles formula pontos a tratar na entrevista. As perguntas dependem do entrevistador, e o entrevistado tem a liberdade de se expressar como quiser mesmo que guiado pelo entrevistador (Richardson, 1999).

Na entrevista realizada, algumas perguntas foram elaboradas previamente – como direcionadoras do diálogo com os colaboradores para não abriremos de modo exagerado e não seguirmos por caminhos muito distintos daquilo que propusemos a

investigar – mesmo com perguntas que serviram de guias, a ênfase recaiu no discurso dos entrevistados e eventualmente surgiram novas perguntas, que não listadas no roteiro, e colocações feitas pela pesquisadora ou pelos colaboradores foram incluídas, caso se revelassem úteis para uma melhor compreensão da experiência relatada.

A flexibilidade do instrumento foi indispensável, gerando possibilidades para a realização da interpretação das informações, na qual cada informação apresentada pelos colaboradores foi entendida e integrada ao corpo de conhecimento que foi sendo construído durante o processo de pesquisa.

Desse modo, durante as seis entrevistas, observou-se abertura dos colaboradores em expressar o que realmente acreditavam gradativamente, à medida que se construía o vínculo com a entrevistadora. Como afirma Gomes (1997), entre os entrevistados, há pessoas sempre prontas para falar e que estão envolvidas em um processo reflexivo intenso sobre sua condição de vida e que outros caminham lentamente e os depoimentos reveladores aparecem no final da entrevistas.

2.1.2. Descrição dos Colaboradores

Antecedendo à apresentação dos colaboradores, é importante destacar que, para expor de maneira ética, preservando suas identidades, foram utilizados nomes fictícios em suas descrições e na análise dos dados propriamente dita; os colaboradores foram identificados como “casal”, “marido” ou “esposa” utilizando-se, respectivamente, as letras “C”, “M” e “E”, seguidas da numeração correspondente às seqüências das entrevistas. O primeiro casal (C1) entrevistado foi M1 e E1; o segundo casal, (C2) M2 e E2 e, o terceiro casal (C3), M3 e E3.

O primeiro casal entrevistado, Alice (34 anos) e Glauco (42 anos), está junto

há doze anos, sendo seis anos de casados. Desse casamento, nasceu uma filha, atualmente com cinco anos de idade; há um ano perderam uma filha, que seria a caçula do casal. Atualmente Alice segue a doutrina espírita e Glauco é católico. O casal trabalha em parceria em uma empresa da qual são proprietários. Alice é graduada e Glauco estudou até o segundo grau.

O segundo casal entrevistado, Ana (40 anos) e Paulo (57 anos), está junto há vinte e dois anos, sendo dezesseis anos de casamento; desse casamento, nasceram uma filha (16 anos) e um filho (11 anos). Esse é o terceiro casamento de Paulo, que não teve nenhum filho em suas duas uniões anteriores. O casal professa a religião católica. Ana é funcionária pública e graduada. Paulo é corretor de imóveis e cursou até o segundo grau.

O terceiro casal entrevistado, Amanda (28 anos) e Roger (32 anos) está junto há quatro anos e meio, sendo dois anos de casamento. Ainda não têm filhos. O casal segue a religião católica. Amanda é graduada e trabalha em uma empresa privada. Roger também é graduado e trabalha na própria empresa.

2.2. Momento Empírico

2.2.1. Procedimento de Coleta de Dados

A procura por casais foi realizada por meio de contatos com psicólogas psicoterapeutas que se disponibilizaram a abordá-los – seus clientes – convidando-os a participar como voluntários da pesquisa. Assim, nesse momento, o objetivo da pesquisa foi comunicado pela primeira vez aos voluntários por seus próprios psicoterapeutas. Os casais que aceitaram o convite foram contatados pela pesquisadora, por telefone, e a partir de então, foram agendados dias e horários convenientes para a entrevista. Nesse momento ficou definido também que, a

princípio, seria necessário apenas um encontro e, se houvesse necessidade de outro, novamente o agendamento seria feito, via telefone, com os casais.

Definiu-se como local adequado para a entrevista o consultório particular da pesquisadora por ser um local reservado, confortável e seguro para os colaboradores. Para a pesquisadora, evitaria possíveis interrupções e a quebra do sigilo da entrevista.

No dia agendado para entrevista, antes de iniciá-la, a pesquisadora leu o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para os colaboradores (observância à Resolução nº 196/96 do Conselho Nacional de Saúde). Logo após, abriu-se o espaço para esclarecimento de suas eventuais dúvidas, mencionando que poderiam optar pela desistência em participar da pesquisa. Por fim, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido foi assinado por todos colaboradores que se propuseram a participar. Assim, antes de iniciar a entrevista, a pesquisadora prosseguiu solicitando dos colaboradores sua permissão para gravação em áudio. A partir dessa autorização, a entrevista foi iniciada.

O roteiro de entrevista semidirigida norteou o diálogo entre pesquisador e colaborador. Para a construção desse diálogo foi necessário que a pesquisadora procedesse à redução fenomenológica, que consistiu em suspender seus juízos, em uma tentativa de não atribuir nenhum valor ou idéia preconcebida à experiência pesquisada. Diante dessa situação, os colaboradores encontraram espaço para refletir acerca de questões não pensadas anteriormente, construídas e refletidas no momento da entrevista.

Diante do grande número de informações obtidas e de sua relevância e densidade, foi indispensável o uso do gravador digital para registro de todos os depoimentos. As gravações foram transcritas para a análise dos dados; logo após

essa análise, elas foram descartadas. Conforme já mencionado houve autorização prévia dos participantes para a gravação.

2.2.2. Procedimento de Análise de Dados

Há diferentes perspectivas de se trabalhar com pesquisa fenomenológica. A utilizada nesse estudo orienta-se em três reflexões fenomenológicas – ou momentos ou “passos” – propostos por Gomes (1997), considerado um dos grandes pesquisadores e estudiosos da Fenomenologia no Brasil. Seus estudos foram fundamentados em Husserl e Kockelmans.

As três reflexões fenomenológicas propostas são: *descrição fenomenológica*, *redução fenomenológica* e *interpretação fenomenológica*, as quais permitem o estudo da experiência consciente por uma análise de depoimentos dos sujeitos que parte das transcrições e estudo das entrevistas realizadas e dirigem-se à construção de um sentido.

O primeiro passo sugerido por Gomes (1997) é a descrição fenomenológica. Neste momento, o pesquisador coloca entre parênteses seus pressupostos para concentrar-se na perspectiva que o participante tem da sua própria experiência. Assim, faz-se uma leitura das entrevistas e uma descrição da experiência mantendo-a em seu estado bruto, ou seja, apresenta e descreve a experiência de forma *abrangente* como se o pesquisador tivesse acesso ao fenômeno pela primeira vez. Descreve-se a experiência consciente, o conteúdo expresso na forma em que ele aparece na estrutura lingüística, preservando o sentido global de cada entrevista.

Após essa descrição, o pesquisador irá iniciar o segundo passo, – a redução fenomenológica – que pode ser descrita como um retorno à descrição com o objetivo de questioná-la. É o momento de retomar a leitura e iniciar uma análise que possa

levar a alguma instrumentalização, partindo da busca daquilo que peculiariza a experiência estudada, evidenciando o que é essencial à identificação do objeto. O “essencial” nesse caso seriam partes dos discursos dos colaboradores que foram identificadas como óbvias e que descrevem de modo peculiar e universal o fenômeno estudado.

Assim, retorna-se às entrevistas para confirmar e reduzir o foco das descrições para aquilo que é essencial e não-essencial à experiência da solidão na relação conjugal (Gomes, 1997). As estruturas essenciais podem ser mensagens recebidas, noções conotativas e respostas comportamentais aos eventos vivenciados por cada um.

O terceiro e último passo da análise fenomenológica – a interpretação fenomenológica – consiste no momento em que o pesquisador realiza uma articulação dos temas apresentados na descrição e demarcados na redução, com base nos depoimentos dos participantes, na literatura e na intuição contextual do pesquisador. Desse modo, amplia-se a consciência do problema que foi definido, revelando o significado da experiência como resultado. Assim, reconhece-se a intencionalidade pesquisada.

Gomes (1997) salienta que cada passo contém os demais, em um movimento dialético, ou seja, de certa forma, quando se faz a descrição fenomenológica das entrevistas, ela se compõe da redução e da interpretação considerando que envolve, necessariamente, escolhas do pesquisador. Do mesmo modo que, ao fazer a redução fenomenológica, está se trabalhando, necessariamente, com a descrição bruta e a interpretação.

Em síntese, Gomes (1997) assim descreve todo o procedimento de análise:

Inicialmente, têm-se os dados brutos, constituídos pelos protocolos de entrevista. Neste momento, este conjunto de protocolos

funciona como uma descrição bruta. A tarefa de questionamento desses protocolos e a organização deste material em unidades compreensivas é, então a redução. A redação de um texto final (...) é a interpretação (p. 328).

2.2.3 Análise das Entrevistas

Para a análise das entrevistas foram anteriormente descritas as características dos colaboradores (descrição dos colaboradores) a fim de possibilitar a identificação do discurso de cada um e suas peculiaridades. Foi realizada a análise de categorias, que correspondem a agrupamentos dos discursos dos colaboradores, que constituiu a investigação.

2.2.4 Categorização dos Discursos

Foi realizada uma análise compreensiva dos discursos a partir das três etapas do método fenomenológico propostas por Gomes (1997) – descrição, redução e interpretação:

- Descrição: consistiu na leitura das entrevistas com vistas a uma descrição da experiência, mantendo-a em seu estado bruto; os depoimentos colhidos foram tomados como a primeira aproximação à vivência dos sujeitos;
- Redução: consistiu, primeiramente, na retomada da leitura, para iniciar uma análise com vistas a uma instrumentalização, buscando o que peculiariza a experiência estudada; a redução visa chegar às “unidades de significado”, que são “unidades compreensivas” (Gomes, 1997), e que organizam a experiência dos colaboradores em sentidos. Originalmente descritas por Giorgi (1985):

“As discriminações de unidade significativa são notadas diretamente na descrição sempre que o pesquisador, ao reler o texto, torna-se consciente de uma mudança de significado da situação para o sujeito, a qual parece ser psicologicamente sensível” (Giorgi, 1985, p.11).

- Interpretação: consistiu na articulação dos temas apresentados na descrição e demarcados na redução, onde se amplia a consciência do problema que foi definido, ou seja, destaca-se o que peculiariza a experiência estudada. A partir dessa interpretação retoma-se a literatura e dá-se o início de uma análise que possa levar a uma instrumentalização ou forma prática de lidar com a experiência estudada.

As categorias para o aprofundamento da análise dos dados, utilizando o método fenomenológico acima descrito, foram construídas por meio de leituras das descrições contidas nas entrevistas na íntegra; nesse momento, buscou-se fazer o *epoché*, ou seja, *buscou-se* um distanciamento teórico e de formulações de idéias preconcebidas da pesquisadora a respeito do que foi dito nas entrevistas. Posteriormente, prosseguiu-se com releituras das descrições, buscando analisar a experiência de cada colaborador por meio de um olhar em que a observação recaía sobre que era peculiar, para os sentidos que surgiram das suas próprias falas. A partir de então, foi possível evidenciar quais os sentidos característicos de cada um, que, construídos pelas próprias falas dos colaboradores, destacaram-se pela similaridade e homogeneidade das vivências, identifica-se o que há de comum ou singular no depoimento dos colaboradores, a fim de elucidar os problemas de estudo, quais sejam a relação conjugal e a solidão conjugal.

Segundo Gomes (1997) evidencia-se a autenticidade das unidades de significado *pela sua recorrência* nas entrevistas, que independe das proposições definidas pelo roteiro preestabelecido pelo pesquisador. Essa recorrência facilita o processo de redução fenomenológica do conjunto de narrativas a seus componentes essenciais. Nesse processo, os relatos são reduzidos às suas partes essenciais, assim, os relatos são transformados em uma descrição mais precisa do fenômeno.

Essa recorrência e semelhanças nas entrevistas definiram um agrupamento que corresponde a um conjunto de unidades de significado e que foram denominadas “categorias”, encontradas nas entrevistas.

CAPÍTULO III

Resultados

3.1. Categorias

Cada agrupamento corresponde a um conjunto de unidades de significado, que serão expressos por meio de uma categoria, na busca de traduzir, de uma maneira mais ampla, o que os colaboradores pareciam transmitir. Desse modo, cada categoria será representada por fragmentos dos discursos dos colaboradores, com o intuito de exemplificar a experiência e os significados de cada um.

Desse modo, foram construídas treze categorias que circunscreveram a experiência dos colaboradores e que descrevem de forma sintetizada as expressões do mundo vivido de cada um na conjugalidade. Redutivamente, essas categorias se constituem em “*estruturas universais*” que são elementares à vida conjugal, sejam elas construtivas ou destrutivas.

Por “*estruturas universais*” entendem-se aqueles elementos de significado que remetem à experiência vivida de cada sujeito. Segundo referencial teórico da Fenomenologia, eles dizem respeito aos resíduos da redução eidética – projeto de Husserl, na esteira da proposta de Brentano – os quais descrevem a ordem universal que particulariza a experiência (Holanda, 2002). Nas palavras de Reale e Antiseri (1991, p. 555), “(...) o fenomenólogo não manipula dados de fato, mas essências; não estuda fatos particulares, senão idéias universais”. Para Husserl, as essências são objeto das intuições e, para alcançá-las trata-se de reduzir – ao invés de comparar e

de concluir –, de “purificar o fenômeno de tudo o que comporta de inessencial, de ‘fático’, para fazer aparecer o que lhe é essencial” (Dartigues, 1992, p. 30). Corresponde à idéia da fenomenologia como ciência das estruturas essenciais da consciência (Giles, 1975; Reale e Antiseri, 1991; Dartigues, 1992; Petrelli, 2001; Holanda, 2002, 2003a; 2003b).

As categorias foram separadas em três blocos – A, B –, sendo que o primeiro corresponde àquele que demarca as categorias que contêm traços construtivos, operantes e constitutivos de uma convivência conjugal considerada “positiva”. Assim, chegou-se a um conjunto de sete categorias, as quais foram ilustradas pelos discursos dos colaboradores e, a partir delas, foram exploradas características essenciais e específicas daquilo que constitui, uma conjugalidade.

No segundo bloco, ficaram demarcados os traços desconstrutivos e representativos de uma convivência conjugal considerada “negativa”. Nele, estão delimitadas seis categorias que foram ilustradas também pelas perspectivas dos colaboradores pesquisados, os quais falaram de aspectos que caracterizam uma conjugalidade decadente, deteriorada ou que esteja em direção a esses estados desconstrutivos da intimidade na vida a dois.

A) Categorias que evidenciam traços constitutivos e operantes da convivência produtiva amorosa:

Categoria 1: Tolerância

Categoria 2: Respeito

Categoria 3: Estima

Categoria 4: Solidariedade

Categoria 5: Amizade

Categoria 6: Amor conjugal

Categoria 7: Amor Ágape

B) Categorias que evidenciam a decadência da vida conjugal por manutenção de uma *convivência desconstrutiva*:

Categoria 8: Intolerância

Categoria 9: Falta de Estima

Categoria 10: Falta de Solidariedade

Categoria 11: Proteção Individualista

Categoria 12: Falta de Amor Conjugal

Categoria 13: Solidão Individual

Para melhor compreensão dos discursos apresentados nas categorias, delimitou-se, a seguir, a forma utilizada para identificar falas e expressões dos colaboradores e da entrevistadora nas entrevistas:

- As identificações dos colaboradores e suas respectivas falas encontram-se apresentadas em itálico. As identificações dos colaboradores, logo após suas falas, estão identificadas pela letra e o número correspondente ao colaborador.
- As palavras apresentadas entre colchetes possibilitam maior compreensão do discurso do colaborador, pois se referem às suas falas;
- Manifestações dos colaboradores como risos ou choro durante as falas

estão em itálico e entre parênteses;

- Partes do discurso suprimidas (antes ou depois dos trechos das falas citadas) estão entre parênteses, com reticências.

A seguir, serão apresentadas, explicitadas e exemplificadas cada categoria encontrada nos discursos dos colaboradores.

O significado de casamento foi revelado em vários discursos. O conjunto de significados captados constituiu a definição da conjugalidade de forma ampla. Destaca-se que a facilidade com que os colaboradores a definiram expressa o quanto lhes foi natural descrever a vivência da própria conjugalidade. Todos a mencionaram, sem hesitar, evidenciando que, mesmo sendo uma definição complexa, essa foi uma questão fácil de ser respondida.

Para os colaboradores, os sentidos, destacados como definidores da vida conjugal, foram: “tolerância”, “solidariedade e colaboração”, “respeito”, de “valorização das diferenças”, “amor”, “constituir família”.

Porém, de forma menos enfática, destacaram aspectos negativos da construção e da convivência na conjugalidade: “intolerância”, “falta de solidariedade”, “proteção individual” e “falta de amor conjugal” e a “solidão individual”.

Outro aspecto agrupado relevante a pesquisa foi a solidão que é inerente ao ser humano, que leva a solidão conjugal.

A) Categorias universais que refere-se à constituição de uma vivência conjugal construtiva e amorosa.

Categoria 1 – Tolerância

De acordo com Petrelli (1999), a tolerância é o primeiro traço do fundamento de toda forma de convivência. Etimologicamente, “tolerância” significa tendência a admitir diferenças nos modos de pensar, agir e sentir, mesmo quando são diametralmente opostos aos nossos. Também se refere à capacidade do organismo de suportar determinadas ações (Houaiss, 2004). A categoria “tolerância” esteve presente nos discursos dos colaboradores como um elemento essencial do casamento.

O colaborador M1 valoriza as diferenças, colocadas como problemas, as quais ele aceita, administrando, de forma construtiva, a convivência a dois.

“Quando você casa com alguém, você casa com a pessoa e os problemas dela. Ninguém obriga ninguém (M1)”.

O colaborador fala da consciência das diferenças que se deve ter anteriormente ao casamento, ou seja, deve-se ter consciência das particularidades da outra pessoa, dos seus defeitos e da importância de aceitá-los previamente.

“(...) se a pessoa vai casar, ela tem que enxergar os defeitos da pessoa e aceitá-los antes de casar, ou seja, tem que casar sabendo com quem se está casando (M1).”

“Essa história de que depois de casar fulano, fulana melhora, eu coloco do meu jeito é a maior ilusão que existe, e eu acredito que a solidão passa surgir daí, fruto de uma ilusão criada pela própria pessoa. Ninguém muda ninguém, como é que você casa com uma pessoa pensando em mudar ela?(M1)”

A colaboradora refere-se às próprias diferenças de gênio entre ela e o marido como dificuldades vividas; entretanto, de certa forma, a solidariedade entre eles ajuda a administrar essas diferenças:

“(...) o meu gênio é muito diferente do dele e eu ficava pensando que nosso casamento poderia não dar certo por isso; eu imaginava que seria difícil conviver duas pessoas tão diferentes (...) apesar das nossas diferenças serem muitas, nós somos muito solidários um com o outro (E1).”

A seguir, há dois outros exemplos de M2. No primeiro discurso, o colaborador expõe que os defeitos da esposa são suportáveis e, por esse motivo, existe a possibilidade de administrar as diferenças na vida a dois. No segundo, conceitua o casamento como tolerância.

“Os defeitos dela são aceitáveis, toleráveis; eles existem, mas são coisas que eu consigo conviver (M2).”

“Casamento é tolerância, é querer viver juntos, gostar de ter uma família, é querer que essa família cresça (...) e ninguém é igual a ninguém né? (M2).”

E2 verbaliza que a inversão de papéis é bem aceita na vida do casal, vista como diferenças que se complementam, sendo que cada um assumiu aquilo para o que tem mais disponibilidade e habilidade; os dois se respeitam por isso.

“Lá em casa os papéis são invertidos (...) eu é que tomo conta das coisas, eu que administro... então é uma rotina de muito trabalho; no lar, ele é a mulher e, no administrativo financeiro, sou eu. Eu sou uma felizarda porque ele cuida da parte da casa e eu não gosto de nada disso (E2)”.

Para M3, as diferenças e individualidades estão aparecendo agora na sua convivência com a mulher, mas elas são, até o momento, toleráveis.

“(...) nosso casamento é recente, acho que minhas expectativas ainda terão tempo para se concretizar; agora que está aparecendo algumas diferenças de vontades pessoais entre nós. Mas, até o momento, não tenho o quê reclamar (M3).”

E3 verbaliza ser tolerável conviver em uma conjugalidade porque é uma pessoa realista; assim, não criou a ilusão de que no casamento tudo seria um “mar de rosas”. Dessa forma, ela administra as dificuldades pela segurança e solidariedade que existe no seu casamento, como uma compensação.

“Não é fácil realmente, a maioria das pessoas pensa que o 1º ano de casamento é tudo ótimo, lindo, e não é! A minha sorte é que eu sou muito realista. Está sendo o que eu imaginava mesmo! Eu encontrei segurança, estabilidade, apoio, saber que você pode encontrar com a pessoa a qualquer hora... mas, uma outra parte de mim vive algo que não é fácil e que sabe que não vai ser fácil. Mas acredito que isso seja normal (E3).”

A tolerância foi declarada presente nas relações por todos os colaboradores. Portanto, é importante destacar que os cônjuges pesquisados valorizam o primeiro

traço tido como fundamental à convivência, qual seja, a capacidade de suportar e conviver com as diferenças do outro.

Categoria 2 – Solidariedade

De acordo com Petrelli (1999), solidariedade é uma atitude responsável de quem está em um mesmo “barco com os outros, atravessando um mar de tempestade”. Esse autor prossegue assinalando que essa é uma atitude de quem apóia e investe na realização das finalidades e dos valores de alguém ou de alguma coisa. Etimologicamente, “solidariedade” significa um compromisso entre duas pessoas e com as demais, um “laço ou ligação mútua” entre as pessoas, envolvendo ainda sentimentos de simpatia e ternura e a manifestação desses sentimentos, bem como cooperação. Diz ainda respeito à condição de duas pessoas que dividem entre si as responsabilidades de uma ação (Houaiss, 2004). Assim, pode-se dizer que a solidariedade na convivência conjugal diz respeito a uma atitude de colaboração, companheirismo e construção para com outro.

Em suas falas, M1 declara o quanto aprecia a convivência solidária com a esposa:

“Eu me sinto bem deitar com ela, conversar com ela, ela é meu amigo, meu ombro, meu sócio (...) (M1)”.

“(...) eu gosto de ter alguém do meu lado, eu gosto de ter alguém pra esquentar as orelhas, que eu tenha confiança, respeito (...) (M1)”.

“É com ela que eu divido meus problemas, minhas alegrias, meu dinheiro, assim é viver a vida de marido e mulher (M1).”

E1 também descreve a vivência solidária com o marido pelo companheirismo de um com o outro e ainda declara que é por essa solidariedade que o casamento dá certo:

“Nós somos muito companheiros, nós somos muito solidários um com o outro. Por exemplo, se tem um lugar pra eu ir e ele não pode ir, eu não vou; se ele tiver que ir e eu não puder, ele não vai, então, assim, nós somos muito companheiros sempre e é o que fez nosso casamento dar muito certo e que ele é caseiro e eu também, ele é muito voltado pra gente, pra nossa vida (E1).”

“Quero que a gente continue sendo companheiro e cúmplice um do outro, como a gente já é (E1).”

“A gente vai pra empresa, trabalha durante o dia, almoça em casa com a Mariana, levamos ela pra escola. Voltamos para empresa, aí um dos dois busca ela na escola, aí quem fica na firma fecha a empresa e vamos embora para casa; às vezes a gente vai lá na minha mãe, na mãe dele (...) (E1).”

M2 descreve ainda a vivência de companheirismo e ajuda como o que há de melhor e de mais “saudável” para o casamento:

“[casamento] Pra mim, é tudo na vida de um homem, um casamento bom, saudável, um relacionamento saudável, que é compatível, os pensamentos, os projetos, idéias, a luta, o trabalho, o dia-a-dia, a família, os filhos; isso é a melhor coisa (M2).”

“(...) se eu tenho condições pra ajudar o meu parceiro a resolver os problemas dele, porque eu não vou ajudar (...) (M2).”

“No meu casamento não tem nada meu nem dela, tudo é nosso! O casamento tem que ser uma parceria verdadeira (M2).”

Para E2, a cumplicidade é alcançada ao longo de fases da vida. Assim, considera seu marido uma segurança que tem na vida por ser seu maior amigo e apoio:

“(...) a gente muda o estágio da beleza, você não vive mais de amor, de tesão, você vive de companheirismo, de amizade, de certeza, de cumplicidade(...) (E2).”

“O Paulo na minha vida é o meu maior defensor, meu maior amigo, ele me dá respaldo de segurança que eu posso contar com ele pro que der e vier (E2).”

Para M3 e E3, o aspecto mais importante no casamento, em síntese, é a vivência solidária e os objetivos de vida em comum:

“Pra mim, é companheirismo, apoio, cuidado (...); o que é principal num casamento é o companheirismo (M3).”

“[A motivação para casar] Era de ter uma vida boa com a Amanda, de ter filhos, de conquistar todos os nossos planos (M3).”

“É a união de duas pessoas que se gostam com o propósito de construir uma família, de ficar juntos, compartilhar uma vida; acho que é isso (E3).”

Em termos populares, a solidariedade é expressa pela frase “um por todos e todos por um”. Desse modo, na vida conjugal ela mostrou-se, para todos os colaboradores, como um dos aspectos mais importante de apoio, colaboração e companheirismo; como constitutivo dessa convivência.

Categoria 3 – Estima

Estima é o sentimento de carinho ou apreço em relação a alguém; é a admiração e o respeito que se sente (Houaiss, 2004). Segundo Petrelli (1999), ela refere-se a outro aspecto constituinte da vida a dois; os discursos dos colaboradores também a enfatizaram.

Refere-se à expressão da singularidade da pessoa com expressão do ser e à valoração dessa expressão com forma de enriquecer a estrutura da convivência a dois.

Em um artigo, Holanda (1999) assinala que o fundamento da humanidade do homem não se dá na semelhança – naquilo que é “igual”, à sua “imagem e semelhança” – mas se dá na alteridade, na diferença. O autor finaliza dizendo que não há relação com a igualdade.

M1 aprecia a pessoa que sua esposa é como um todo; desse modo, não tenta mudá-la em aspectos que se diferenciam. Valoriza a singularidade da esposa, mesmo com os defeitos que ela possa ter.

“(...) eu casei com a Alice sabendo quem ela é, sem esperar que ela mude o jeito; senão, não faz sentido eu ter escolhido ela pra ficar comigo a vida toda tá? Eu iria escolher só metade dela e de metade ninguém vive com ninguém (M1)”.

“(...) pra quê eu vou ficar brigado com a pessoa que eu mais gosto? Ela que me faz buscar cada vez mais; no trabalho e na vida me ajudou a construir uma família maravilhosa (M1)”.

M2 valoriza muito a esposa, mesmo sabendo que ela não é perfeita, tendo elegido-a como mulher para construir uma família.

“Ana, a pessoa que deu certo, graças a Deus eu encontrei. Não significa que ela é perfeita, mas de 0 a 10, eu daria 9; nada na vida é 100%, mas existe um percentual altíssimo de que realmente ela seria a pessoa certa para construir uma família (M2).”

No caso de E2, essa colaboradora menciona aspectos que representam grandes diferenças percebidas no marido, aspectos esses ligados à sua singularidade, os quais foram integrados de forma construtiva à convivência conjugal.

“(...) sabia da diferença de idade de (17 anos), sabia da não aprovação da minha família, sabia da crítica dos amigos (...) mas ele superou (...) porque o Paulo era um exemplo de ignorância, mas era exemplo de honestidade e meu porto seguro (E2)”.

No segundo discurso, ao falar dos papéis invertidos, a colaboradora E2 refere-se aos papéis que comum e culturalmente estavam ligados ao gênero masculino e feminino, como p.ex, o homem fazer o papel de provedor da família. Essa colaboradora verbaliza que eles fazem de forma diferente, ela desempenhando o papel mais masculino e ele realizando atividades culturalmente mais femininas; por esse motivo, vivem de forma harmoniosa, respeitando o modo de ser de cada um.

“Lá em casa os papéis são invertidos (...) eu é que tomo conta das coisas, eu que administro... então, é uma rotina de muito trabalho; no lar, ele é a mulher e no administrativo financeiro sou eu. Eu sou uma felizarda porque ele cuida da parte da casa e eu não gosto de nada disso (E2).”

E3 administra as dificuldades e as diferenças por meio de uma compensação com os pontos positivos da relação, da segurança e da solidariedade que existe no casamento; sintetiza que vive uma conjugalidade “normal”.

“Não é fácil realmente, a maioria das pessoas pensa que o 1º ano de casamento é tudo ótimo, lindo, e não é! A minha sorte é que eu sou muito realista. Está sendo o que eu imaginava mesmo! Eu encontrei segurança, estabilidade, apoio, saber que você pode encontrar com a pessoa a qualquer hora... mas, uma outra parte de mim vive algo que não é fácil e que sabe que não vai ser fácil. Mas acredito que isso seja normal (E3).”

A valorização das diferenças delimita uma convivência com possibilidades de crescimento, pois a expressão das individualidades é um potencial que enriquece as pessoas que vivem em relação, deixando o outro não perder aquilo que é seu, inclusive utilizando a singularidade do outro como forma de enriquecer a relação.

Categoria 4 – Respeito

De acordo com Houaiss (2004, p. 642), respeito é um sentimento de atenção, consideração ou reverência para com a outra pessoa. Assim, por respeito entende-se o empenho em reconhecer, nos outros ou em si mesmo, uma *dignidade* que se tem o dever de salvaguardar. Segundo Petrelli (1999), o respeito refere-se ao espaço

operativo das diferenças. Nesse espaço, delimita-se um distanciamento mínimo, de forma a não invadir a individualidade do outro; assim, as diferenças se revelam, se afirmam e se confirmam.

Para M1, o respeito mútuo mantém a unidade de seu casamento. Sua fala expressa a importância que esse aspecto tem para manutenção de sua vida conjugal. Esse colaborador ainda revela aspectos da individualidade de sua esposa e verbaliza que a respeita nesse momento.

“Então, o que rege o meu casamento é o respeito; enquanto tiver respeito mútuo, vai ter casamento (M1)”.

“A Alice tem uma questão (...) ela quer resolver os problemas sozinha, ela acha que eu não percebo isso, ela finge, mas eu percebo que ela não tá boa, mas respeito isso nela (M1).”

M1 fala também do respeito em não enganar a esposa, de não traí-la com outra mulher, ou ainda ter atitudes de um homem solteiro por se tratar de situações que a magoariam, que tirariam o seu bem-estar e por se tratar de um limite a ser preservado que é o casamento:

“(...) muitas vezes, as pessoas confundem, aí, muitas vezes, a pessoa se casa, aí ele quer arrumar uma namorada, ele que beber cerveja com os colegas todo fim de tarde, né?! Ele quer chegar em casa 22:30, 23:30, meia noite e quer que a mulher ache bom(...), casamento é casamento... (M1).”

“(...) tem 11 anos que eu sou casado e eu nunca tive outra mulher, tá? Não sinto vontade de ter, acho muita mulher bonita, mas dentro de

um limite; então, concepção de casamento para mim é isso. (...) é renúncia da vida de solteiro (M1).”

M2 destaca o carinho, o cuidado e o respeito como aspectos que conferem identidade à conjugalidade enquanto convivência amorosa; caso contrário, o casamento transforma-se em uma vivência egoísta, individual.

“Pra dar certo, tem que ter carinho, respeito e cuidado acima de tudo, porque senão, (...) logo acaba porque fica um casamento individual, cada um com seus interesses e que, provavelmente, não vai ser os mesmos (M2).”

Para E2, a vida conjugal estabelecida não lhe dava a sensação de estar em uma relação com um espaço, com uma fronteira bem delimitada; então, para essa colaboradora, foi necessário, mesmo após dez anos de casamento civil, que eles recebessem a benção da igreja. Desse modo, seu casamento deixaria de ser vivido como uma “invasão”, sem um espaço bem definido. Nesse sentido, o respeito, a dignidade da vivência conjugal só seriam possíveis com a oficialização do casamento religioso.

“(...) pra mim, o casamento, se não for oficializado, ele é uma invasão (...) aí, com dez anos de casada [só no civil], eu ia querer casar na igreja e fazer uma festa e foi assim que eu fiz. Eu sentia falta de uma benção no casamento (E2).”

M3 refere-se ao respeito mencionando o espaço que gostaria de ter para uma convivência com seus amigos, referindo-se ainda ao respeito à sua esposa no que tange à sua relação com outras mulheres.

“Eu gostaria de ter momentos com os meus amigos, ir para um bar só para jogar conversa fora, não para ficar paquerando (M3).”

A atitude de respeito ao outro foi marcada pela aceitação das diferenças entre os cônjuges, de saberem o limite do casamento em relação às traições extraconjugais; foi ainda representada pelo carinho e cuidado com o companheiro e como espaço dado à expressão da individualidade de cada um.

O respeito diferenciou-se quando foi destacado na experiência do casamento sem uma benção religiosa, como foi o caso da colaboradora E2. Segundo ela, por desrespeitar as normas divinas, o casamento foi sentido como uma invasão. Esta situação se assemelha à de um filho que se casa sem a permissão de seus pais; assim, foi vista pela colaboradora como uma atitude desrespeitosa de um filho para com seu pai. Então, sentia-se em falta para com os princípios em que acreditava, não se sentia casada de fato até o momento em que se casou no religioso, o que ocorreu após muitos anos da união civil.

Categoria 5 – Amizade

De acordo com Houaiss (2004), “amizade” é o sentimento de afeição, simpatia por alguém, mesmo que não ligado por laços de parentesco. O sentimento da amizade talvez seja a origem e o fundamento dos precedentes traços de tolerância, de respeito e de solidariedade. A amizade é gratuita, é um *a priori* ético de uma pessoa junto à outra. É uma disposição geral, mas que acaba se realizando e delimitando na escolha de um amigo único, especial; dada a singularidade humana, pode-se ter tantos amigos e todos especiais. A amizade é um misto de contemplação e alegria, envolvendo sempre um desvelamento de valores. O amigo sabe entrar na

alma do outro, sabe receber o outro no íntimo de sua alma. A amizade requer reciprocidade (Petrelli, 1999). Como constitutivo da construção amorosa da dualidade, foram percebidos, nos discursos dos colaboradores, a presença da amizade entre os cônjuges:

No relato a seguir, M1 declara, explicitamente, que sua esposa é sua amiga, descrevendo uma vivência de companheirismo e reciprocidade com ela, visto como um compartilhar de experiências, tendo alguém que seja uma companhia para todos os momentos, seja eles bons ou ruins.

“(...) eu gosto tanto dela que ela perdeu o rosto, sabe? Eu me sinto bem em deitar com ela, conversar com ela; ela é meu amigo, meu ombro, meu sócio (M1).”

“É com ela que eu divido meus problemas, minhas alegrias, meu dinheiro; assim é viver a vida de marido e mulher” (M1).

E1 busca por uma pessoa que possa lhe fazer companhia, como um amigo constante.

“[Com o casamento] Eu queria mesmo um companheiro (...) (E1).”

M2 verbaliza que a vivência do casamento necessita ser recíproca, como uma amizade, como uma parceria verdadeira:

“(...) O casamento tem que ser uma parceria verdadeira (M2).”

E2 descreveu o casamento como uma forma de convívio amistoso, de trocas,

de apoio e cuidado, definindo o companheirismo não enquanto um ato de conviver com uma companhia qualquer, mas uma companhia amorosa, que possa ser cúmplice, parceira que possa favorecer a realização de algo:

“(...) você vive de companheirismo amizade, de certeza, de cumplicidade (E2).”

Para M3, o casamento é visto como uma situação de tranquilidade por saber que conta com a presença constante de alguém que o apóia e o acompanha.

“Pra mim, é companheirismo, apoio, cuidado (...); o que é principal num casamento é o companheirismo (M3).”

Segundo M3 e E3, a essência de seu casamento, considerada como fundamental para sua manutenção, é a comunicação que mantêm, advinda do compartilhamento de vários assuntos em comum.

“[A comunicação] Normalmente é boa, nós dois temos muitas coisas em comum, nossas conversas são sempre cheias de assunto que nos interessam realmente (...) (M3).”

“[Nossa comunicação] Ótima! É impressionante como a gente se dá bem nisso (E3).”

A amizade, enquanto aspecto positivo, vivida na relação conjugal pelos colaboradores, destacou-se pelo seu propósito de manter a reciprocidade entre os cônjuges, de abertura para intimidade, de sentimento de apoio constante que se traduz em segurança emocional para a relação, além da cordialidade mantida pela boa comunicação entre alguns cônjuges.

Categoria 6 – Amor Conjugal

O amor conjugal é a expansão da amizade, no aprofundamento de seu íntimo, fazendo da sexualidade e das genitalidades símbolos significantes do todo na exclusividade. O amor enlaça e vincula corpo e alma, é uma amizade especial exclusiva entre dois (Petrelli, 1999).

O discurso de M1 expressa a importância do próprio casamento e, ao mesmo tempo, valoriza a experiência conjugal com a pessoa com a qual vive. Ele reafirma isso, ao dizer que o motivo que o levou a casar-se com sua esposa foi o amor e a admiração que sente por ela. Expressa ainda uma amizade profunda e íntima, vivida entre os dois de forma explícita.

“[Casei por] gostar muito dela; ela é uma pessoa de caráter, boa mãe, gosta de trabalhar, não é de ficar saracoteando por aí e eu não tenho vergonha de falar que eu amo a minha esposa, tá? Foi por amor! (M1).”

“Eu casei com Alice não porque ela é bonita (...); eu estou com ela porque é a mulher que eu gosto, eu gosto tanto dela que ela perdeu o rosto sabe? Eu me sinto bem em deitar com ela, conversar com ela; ela é meu amigo, meu ombro, meu sócio (...) M1”.

“Quero continuar com ela com esse amor que tem, com a nossa família; é por isso que estamos há 11 anos juntos e eu espero ficar o resto da vida com ela, trabalhar com ela, crescer junto, que é o que a gente faz desde o namoro (M1)”.

“É tão ruim o dia que a gente discute que não tem jeito de colocar o braço em cima dela; quando é de madrugada e eu vejo que ela está dormindo, eu coloco o braço em cima dela pelo menos uns 10

minutinhos (M1).”

Para E1, M2 e E3 o gostar foi o que os motivou a se casarem. Assim, evidenciaram, de forma clara, o sentimento que tem pela pessoa que escolheram para viver junto. Desse modo, descreveram uma vivência constituída pelo amor.

“(...) acho que é mais é gostar mesmo, nós namoramos 06 anos, então, assim, eu acho que é gostar mesmo! Ele sempre me mostrou que queria algo sério, ele me passou que gostava muito de mim também. Eu queria mesmo um companheiro, uma pessoa que eu pudesse confiar que seria um bom pai, um bom marido (E1)”.

“Amor! Por um conjunto de coisas como cumplicidade, a satisfação de estar junto, o lazer; de modo geral, a pessoa só te satisfaz; então, você não quer perder essa pessoa por nada e aí o único caminho e procurar casar (M2).”

“[Me casei pelo] gostar da pessoa, ver que é uma pessoa certa, de caráter (E3).”

“(...) a minha vida é eu e ele (...); normalmente um basta pro outro” (E3).”

M3 fala das saudades de conviver com a esposa ao longo da semana, devido à rotina intensa de trabalho. Desse modo, expressa o quanto aprecia a sua presença e delimita uma convivência amorosa.

“(...) nos fins de semana não nos desgradamos um do outro; passamos o dia todo juntos, (...) pelas saudades que ficamos um do outro (M3).”

O amor conjugal foi traduzido, nas falas dos colaboradores, como o desejo constante da presença do outro. Esse amor valoriza o outro de modo a torná-lo único e especial, apreciando a beleza não só pela exterioridade, mas pela “alma” também. Esse amor é a motivação única e simples do querer estar junto, do querer casar-se e construir uma família junto a essa pessoa.

Ao longo dos discursos da maioria dos colaboradores, percebeu-se o “Amor Conjugal” segundo uma dimensão simbólica que visa à construção de um núcleo de convivência amorosa, com o surgimento de uma terceira pessoa – filho (a). Nesse sentido, o amor de corpo e alma, de dois, tende a expandir essa construção amorosa e esse espaço íntimo de forma a gerar um *“fruto” desse amor*. O amor conjugal expande-se no *sentido integral da doação mútua e da procriação humana*.

Ilustra-se, com os discursos de M1, M2, M3 e E3, que o amor conjugal tem um papel muito importante como ponto inicial e primordial para a construção da família extensa.

“(...) você não precisa de mais nada, porque você vai ter sua família (M1)”.

“(...) eu quebrei há 6 anos atrás e não me sobrou nada; sobrou minha casa, meu carrinho velho e a minha família... Eu consegui passar por isso... porque? Porque eu tenho a minha esposa e se eu perder tudo que eu tenho hoje, eu tenho coragem de pegar um carrinho de picolé e ainda assim vou ser muito feliz, sabe porquê? Por que eu tenho a minha família, eu tenho o que eu quero; ela é a base (M1).”

“(...) casamento, para mim, é família; pra mim, é tudo” (M2).

“Casamento (...) é gostar de ter família, é querer que essa família cresça” (M2).

“Quero ter filhos, crescer mais e mais profissionalmente para poder dar conforto e qualidade de vida para minha família; espero que eu e a Amanda possamos crescer juntos” (M3).

Segundo E3, o casamento possibilita compartilhar uma vida com alguém de quem se gosta – “relação amorosa” – cujo propósito maior é construir uma família:

“É a união de duas pessoas que se gostam com o propósito de construir uma família (...) (E3).”

Dessa forma, observa-se que o amor conjugal está ligado à idéia de constituição de família, ou seja, é necessário – para o desenvolvimento de uma conjugalidade, de um sentido de família – a presença desse sentimento de amor, enquanto alicerce para o desenvolvimento de uma boa relação.

Categoria 7 – O Amor *Ágape*

Para Petrelli (1999), o amor *ágape* é a última dimensão da convivência amorosa, a mais alta e a mais transcendente. O amor *ágape* é místico; chega-se até ele por meio da contemplação e pela experiência mística, mas é só na prece que esse amor se consolida. O *ágape* é o amor cristão, religioso. Do grego *ágape*, que significa “amor”, “afeição”; no rito primitivo dos cristãos consistia na refeição comum, durante a qual era celebrada a eucaristia, tendo um sentido de confraternização (Houaiss, 2004).

O amor *ágape* não foi encontrado dessa forma no vivido dos colaboradores.

Contudo, encontramos *sinais de busca* desse amor. Nesse sentido, esses sinais foram verificados por meio de falas que valorizam a relação conjugal como uma experiência transcendente, cristã e religiosa, ou seja, com um sentido de sagrado, de união e de experiência de sacralidade.

“(...) eu sempre achei o matrimônio aquilo que tem de mais bonito na vida. Eu acho lindo isso de você poder conviver com as diferenças e encontrar um círculo de amor, de elo mesmo (E2)”.

“(...) eu acho que a minha relação com o casamento, como o matrimônio muito profundo, que eu não sei de onde ela vem; o matrimônio pra mim é sagrado; de tudo que existe na vida, o matrimônio vem em primeiro lugar, para que pais, filhos, irmãos criem referências; não tem como excluir o casamento da vida de ninguém (E2)”.

“O casamento é uma junção de duas vidas e eu acredito que na espiritualidade que o homem e a mulher se une, não é à toa; existe um propósito muito além dessa vida (E2)”.

Segundo E2, para viver o casamento em sua plenitude é necessário haver uma bênção divina:

“(...) pra mim, o casamento, se não for oficializado, ele é uma invasão (...) aí, com dez anos de casada [no civil], eu ia querer casar na igreja e fazer uma festa e foi assim que eu fiz. Eu sentia falta de uma bênção no casamento (E2).”

M1 refere-se a uma passagem bíblica, muitas vezes referida no momento da cerimônia de casamento. A seguir, relata que passou, há alguns anos, por

dificuldades financeiras e que foi, de certa forma, o amor da família, considerado por ele como uma base, segurança, que lhe possibilitou *transcender* e lhe deu forças para vivenciar esse sofrimento.

“(...) desde que você casa, você se torna um só corpo” (M1).

“(...) eu quebrei há 6 anos atrás e não me sobrou nada; sobrou minha casa, meu carrinho velho e a minha família... Eu consegui passar por isso... porque? Porque eu tenho a minha esposa e, se eu perder tudo que eu tenho hoje, eu tenho coragem de pegar um carrinho de picolé e ainda assim vou ser muito feliz, sabe porquê? Por que eu tenho a minha família; eu tenho o que eu quero, ela é a base (M1).”

“(...) casamento, para mim, é família; pra mim, é tudo” (M2).

É possível perceber nesses relatos o quanto a esfera espiritual do casamento, segundo a visão mais voltada à igreja católica e aos seus rituais, estão presentes e se revestem de importância para os colaboradores. É como se, de algum modo, a conjugalidade fosse algo que só se concretizasse por meio dessa transcendência e de esferas ligadas à espiritualidade, como as cerimônias, e daquilo que é transmitido pelos sacerdotes enquanto significado do casamento.

B) Categorias universais que referem-se à degradação da vida conjugal:

Categoria 8 – Intolerância

Essa categoria constitui-se em uma forma de decadência da convivência construtiva amorosa na vida conjugal. De acordo com Houaiss (2004, p. 426), intolerância significa uma tendência a não suportar ou condenar o que desagrada nas

opiniões, nas atitudes alheias. A intolerância torna as relações muito mais difíceis, senão impossíveis, pois elas se estruturam segundo uma dinâmica de poder hegemônico, opressivo e excludente; torna também o espaço social sufocante, monótono e potencialmente explosivo (Petrelli 1999). De modo contrário à tolerância, consiste em não aceitar e não tolerar as diferenças do outro.

M2 verbaliza que a única possibilidade do fim de seu casamento seria se ambos, ele e a esposa, não se entendessem nas diferenças:

“Acho que a solidão só aconteceria (...) quando ambas as partes não se acertam nas diferenças, aí cria um atrito e aí vai partir para a separação (M2).”

E2 discorre sobre a intolerância vivida no casamento, por parte de seu marido, em relação à sua forma de lidar com o dinheiro e à aquisição de bens materiais; para ela, essa era uma experiência revestida de muito significado, de muita alegria, como se fosse a realização de um sonho ao adquirir alguma coisa, enquanto ele percebia isso como uma bobagem:

“O Paulo (...) acha um absurdo eu comprar um celular novo, uma televisão tela plana, um computador (...). Ele acha isso jogar dinheiro fora; então, às vezes, ele não me acompanha na forma de pensar acho que isso é em função da criação, valores e diferença de idade entre nós. Então, o que sempre era um sonho ter isso ou aquilo pra mim, pra ele era uma bobagem, pra mim era minha maior alegria poder ter as coisas (...), eu não vim de uma família rica (...) (E2).”

Para M3, há intolerância de sua esposa em relação à sua convivência com a

família e amigos e ela é ilustrada em sua fala:

“Eu gostaria de ter momentos com os meus amigos, ir para um bar só para jogar conversa fora (...) não pra ficar paquerando (...) eu sinto falta dessas coisas de homem, sabe?! Outra coisa que eu mudaria seria, assim, (...) ter um convívio maior com minha família; me afastei muito depois que eu casei, isso eu sinto muita falta, mais até do que dos amigos (...) mas a Amanda não aceita, fica chateada só de falar nisso (M3).”

M3 verbaliza como ele vivencia a intolerância da esposa, percebendo essa atitude como um egoísmo por não entender suas necessidades:

“Tem horas que gostaria que ela mudasse em alguns aspectos, aceitasse mais minha família; essa discordância dela às vezes me faz sentir sozinho de família e de amigos e, às vezes, até dela mesma, porque é como se ela não entendesse minhas necessidades, e entendesse só as dela... nesse momento, ela me deixa, para ser só ela (M3).”

E3 expõe o que pensa sobre abrir esse espaço para uma maior convivência do marido com a família, confirmando o discurso de M3 no sentido que ela realmente não aceita, não tolera a possibilidade da convivência dele com a família:

“Se eu pudesse mudar [algo no meu casamento], eu mudaria a família dele todinha! É só isso que me atrapalha com ele (E3).”

A intolerância surge nos discursos dos colaboradores como um dos elementos negativos relacionados ao casamento, ou “destrutivos” de uma relação conjugal. A

intolerância manifestou-se por atitudes de egoísmo excessivo, de não aceitação das diferenças e de não aceitação de um espaço mínimo para preservação da individualidade do outro.

Categoria 9 – Falta de Estima

Essa categoria constitui-se em uma forma de decadência da convivência construtiva amorosa na vida conjugal, pois se refere à não expressão e desvalorização da singularidade da pessoa. Essa não-expressão e desvalorização fragilizam a estrutura da convivência a dois, degradando a vida conjugal na medida em que não abre possibilidade da liberdade de ser quem se é no convívio. Holanda (1999) lembra que o fundamento da humanidade do homem não se dá na semelhança – naquilo que é “igual”, à sua “imagem e semelhança” – mas se dá na alteridade, na diferença. Não há relação com a igualdade.

M1 refere-se à falta de estima das pessoas de modo geral e pontua a necessidade da aceitação da pessoa sendo quem ela é, porque, segundo ele, de modo contrário, surgiria o sentimento de solidão no casamento. Nesse sentido, a não aceitação da singularidade seria uma negação da pessoa com quem se propõe conviver. No outro discurso, M1 expressa o quanto estima sua esposa.

“(...) aí a pessoa vai criar uma solidão, porque tá casando com uma pessoa que ele ou ela espera que seja outra (M1).

“(...) eu casei com a Alice sabendo quem ela é, sem esperar que ela mude o jeito, senão, não faz sentido eu ter escolhido ela pra ficar

comigo a vida toda tá? Eu iria escolher só metade dela e, de metade, ninguém vive com ninguém (M1)”.

Para M2, quando sua esposa está vivenciando momentos difíceis, ele refere não permitir que ela viva estes momentos com tristeza. Mesmo que seja clara sua intenção de ajuda, ele não está respeitando as reais necessidades da esposa nos momentos difíceis da vida.

“(...) eu não tenho pensamentos negativos de tamanho nenhum na minha cabeça, acredite se quiser! Eu sou otimista ao extremo e não deixo as pessoas à minha volta ser pessimistas. Então, eu sou assim. Tá triste? Bola pra frente! vamos trabalhar que qualquer sofrimento passa (M2).”

A seguir, M2 definiu a vivência do casamento como uma *fusão*, uma parceria, na qual não existe o pronome possessivo “meu”, mas o outro pronome, o “nosso”, como se o casamento anulasse o aspecto individual, dando lugar apenas ao conjugal. Para o colaborador, uma das características que mantém seu casamento é esse sentimento de *fusão*, onde tudo parece pertencer à esfera do “nós”. Caso contrário, segundo ele, não haveria um vínculo conjugal.

Nas falas seguintes, destaca-se a valorização, atribuída por M2 à um sentimento de unicidade entre ele e a esposa; assim, o amor poderá ser distorcido com anulação de si mesmo ou ainda compreendido como uma expressão de extrema comunhão com o cônjuge.

“No meu casamento não tem nada meu nem dela, tudo é nosso (M2).”

“(...) tudo é nosso! O casamento tem que ser uma parceria verdadeira

(M2).”

“É como se pudéssemos juntar duas pessoas numa só, esse e o meu pensamento. (M2).”

Nas falas, o que nos salta diz respeito ao que – na teoria e na literatura da Gestalt-Terapia – se chama de “confluência”, segundo a qual sujeitos se misturam a outros, perdendo, assim, sua identidade, des-personalizando-se. A partir de alguns discursos, observa-se que algumas justificativas para essas situações residem em expressões de estima baixa ou subvalorizada.

Assim, no primeiro relato de E2, confirma-se o que foi percebido nas falas de M2 nos parágrafos anteriores, pois ilustra a postura do colaborador em querer aparar as diferenças e de confluência na sua convivência com a esposa, não se posicionando diante da vida. Assim, a colaboradora justifica a postura do marido pelas relações difíceis que ele teve no passado. No segundo relato, E2 refere sentir-se sozinha por essa falta de atitude do marido:

“E o Paulo, tudo que eu falar pra ele, ele concorda, (...) acho que ele levou tanta pancada no outro casamento, nas outras relações (E2).”

“(...) o problema é que o Paulo não tem muita iniciativa, aí eu me sinto literalmente sozinha, porque tenho que carregar tudo praticamente sozinha (E2).”

M3 refere-se à falta de estima da mulher, atribuindo-a ao sentimento de solidão conjugal. Assim, para ela, a falta de estima reflete-se nas diferenças de opiniões e atitudes de não aceitação, por parte da esposa, de suas necessidades individuais.

“(...) agora que está aparecendo algumas diferenças de vontades pessoais entre nós (...) mas a Amanda não aceita, fica chateada só de falar nisso! (M3).”

As diferenças relatadas por M3 referem-se à sua necessidade de maior convívio com sua família e amigos.

“(...) fico chateado (...); não gosto que a Amanda discorde ou acha ruim (...) gostaria que ela (...) aceitasse mais minha família. Essa discordância dela às vezes me faz sentir sozinho de família e de amigos e, às vezes, até dela mesma, porque é como se ela não entendesse minhas necessidades, e entendesse só as dela; nesse momento, ela me deixa, para ser só ela. Acredito que [sinto] só nessas situações, dela não entender minhas vontades (...) (M3).”

É importante esclarecer que esse mesmo discurso de M3 ilustrou várias categorias por exemplificar vários aspectos destrutivos da vida conjugal, como falta de tolerância, de estima e ainda um proteção individual exagerada, expressa pelo egoísmo da esposa.

“A gente briga muito por causa da família dele, eles tentam entrar na nossa relação. Nós já ficamos pouco só nós dois, aí eu fico chateada de ter que ficar no meio da família dele, às vezes. Eu não fico assim tão ligada na minha família, a minha vida é eu e ele (E3).”

Nesse discurso, E3 evidencia sua não aceitação em conviver com a família do marido, justificando-a pelo fato de que o casal convive pouco tempo e ainda que sua

vida resume-se ao marido; como se a convivência, ainda que momentânea com outras pessoas, no caso a família dele, fosse algo que enfraquecesse o relacionamento. Nesse contexto, pode-se dizer que o sentimento de *fusão* está presente na relação por meio dessa não disponibilidade em abrir mão da convivência única e exclusiva, do tipo “eu-ele”.

Categoria 10 – Falta de Solidariedade

Essa categoria também constitui-se em uma forma de decadência da convivência construtiva amorosa na vida conjugal. A falta de solidariedade refere-se à falta de apoio, de companheirismo para com o cônjuge, seja por falta de convivência, por egoísmo, por falta de disponibilidade de um cônjuge para com o outro e até mesmo por falta de tempo para investir na relação.

E2 menciona que vive uma solidão no casamento em relação à falta de solidariedade, de colaboração pelo não apoio financeiro do marido no que se refere às despesas de casa.

“(...) eu gostaria muito de contar com alguém que falasse pra mim que tem um salário mínimo que eu possa contribuir todo mês e eu não tenho isso. Eu tô precisando daquela contribuição de um apoio (...) (E2).”

“(...) eu me sinto só é quando a situação financeira apertada e o problema é que o Paulo não tem muita iniciativa pra isso; aí eu me sinto literalmente sozinha, porque tenho que carregar tudo praticamente sozinha e acho que pela minha rotina, que é muito estressante (E2).”

E2 e M3, nos discursos a seguir, referem-se à falta de convivência, de tempo

para investir na vida a dois, com seus respectivos cônjuges. Pode-se destacar esse aspecto como um distanciamento dos casais por falta de tempo e, assim, percebe-se a falta de solidariedade.

“Eu trabalho até tarde, inclusive final de semana, todos os feriados, carnaval, semana santa, réveillon, festividades, eu tô presa. Isso é uma coisa que, na minha relação com a minha família, tem um peso negativo (E2).”

“(...) cada vez que você trabalha mais e mais, às vezes está muito junto e, às vezes, muito separado, porque um corre pra um lado e o outro corre pro outro e cadê a intimidade? Estamos juntos, mas estamos separados (E2).”

“(...) não discutir as dificuldades que aparecem, não fazer um tempo para os dois (...) não deixar o outro a par do que acontece ou aconteceu na vida dele ou dela no dia a dia (M3).”

E2 verbaliza como percebe a solidão na conjugalidade e a atribui à falta de convivência solidária:

“(...) solidão é você não ter com quem contar. Solidão é, de repente, você ser casada ou, de repente, em qualquer lugar que você esteja você não ter apoio, não ter alguém pra te dar apoio de verdade e te escutar (E2).”

E3 menciona que a falta de companheirismo, de apoio do cônjuge, faz com que se sinta sozinha e desvalorizada:

“Nos compromissos, você nunca pode contar com o apoio do outro, é quando o outro não te ouve; querendo ou não, a gente chega em casa assim... estafado... estressado, aí quer desabafar aí o outro não te ouve, acho que é isso. Às vezes isso acontece no relacionamento, aí a pessoa se sente sozinha desvalorizada (E3).”

A partir da opinião dos colaboradores, segundo encontrado na segunda categoria da pesquisa – “Solidariedade”, o fator constitutivo mais importante do casamento é o companheirismo, a colaboração, o apoio, enfim, a comunhão que se pretende viver na vida a dois. Assim, a falta de solidariedade, de modo geral, foi apontada como um dos grandes motivos que levam os colaboradores a sentirem solidão; quando se insere no contexto da conjugalidade, pode ser sentida como o inverso da experiência da conjugalidade (como uma “não experiência”, se assim for possível dizer), mesmo que se fale de “conjugalidade” enquanto simples contexto de vida de duas pessoas juntas, sob o mesmo teto.

Categoria 11 – Proteção Individualista

De acordo com Houaiss (2004, p. 603), *proteção* significa cuidado com algo ou alguém mais fraco; amparo, apoio; que serve para abrigar; defesa. *Proteger* refere-se a pôr (se) a salvo, livre de perigos ou fatores externos. Essa busca para proteger a si mesmo pode ser entendida como uma forma de degradação da conjugalidade, pois, nesse caso, o que mais importa, para muitas pessoas, não é a vivência da dualidade, mas a proteção de si mesmo, de amparo individual.

Nesse sentido, pode-se dizer que a busca por uma vida conjugal é fruto da “*inautenticidade*” da pessoa – termo utilizado por Heidegger para referir um estado de desamparo, levando a pessoa a agir de acordo com o que dizem ser certo ou errado, obedecendo a ordens e proibições sem indagar suas origens e mantendo-se na

impessoalidade, não assumindo a responsabilidade existencial (Steiner, 1978). Desse modo, inclusive por meio da união com o outro, a pessoa anula sua singularidade, perde-se no meio dos outros ou do outro, atribuindo a responsabilidade pelos seus atos a um sujeito impessoal.

Assim, E1 e M2 declaram que a motivação maior para o casamento seja a tentativa de fuga da solidão.

“Eu acho que o casamento é para você realmente não ficar sozinha, porque, quando você é solteira, você pensa poxa amanhã meu pai e minha mãe vão embora e eu vou ficar sozinha. O casamento, a pessoa busca para não ficar só mesmo, achar um companheiro para isso porque a gente não sabe o dia de amanhã (E1).”

“Esse é o meu 3º casamento e eu sozinho né tinha que tentar encontrar alguém; os outros não deram certo, então eu tentei até encontrar a Ana, a pessoa que deu certo, graças a Deus, eu encontrei (M2).”

M2 assinala que muitas pessoas se casam em busca de uma proteção financeira, e não visando uma construção amorosa.

“Ocorre que o casamento, para as pessoas, ainda é possibilidade de ganhos financeiros; muitas vezes é visto como uma escalada financeira e não do sentimento, não da família. Hoje são pessoas cada vez mais egoístas, casando-se com um outro egoísta. O matrimônio, assim como a gente vê, é uma sociedade, é uma empresa (M2).”

A seguir, E2 descreve sua percepção de que é melhor ser casada, e até infeliz no casamento, que carregar o estigma de ser “beata” e sozinha. Sob sua perspectiva,

viver a possibilidade de um casamento infeliz é mais suportável do que a de ser “beata”. Por esse motivo, essa colaboradora lançou-se na união com seu marido, mesmo sabendo, desde criança, das dificuldades que permeiam um casamento. O termo “beata”, usado pela colaboradora, de acordo com Houaiss (2004) quer dizer, de modo pejorativo, mulher carola, solteira em idade muito avançada, excessivamente religiosa e puritana. A fala da colaboradora expressa seu medo de ser uma mulher que “ninguém quis”, vista como um fracasso. Nessa situação, pode-se perceber uma atitude de não-escolha, ou de uma escolha pautada segundo uma visão preconceituosa de si mesma, na qual o medo de carregar uma insígnia social pejorativa é muito grande; assim, ela escolheu o que lhe seria mais suportável de carregar, perante a sociedade:

“A vida inteira eu escutei que ser casada era muito difícil, que era um inferno, mas, mesmo escutando isso até hoje, eu prefiro mil vezes ser casada ou separada do que ter ficado solteira. Eu acho que se eu fosse beata eu ia ser muito infeliz (E2).”

“Eu me lembro que eu era criança e já falava que eu não era mulher de viver a vida solteira, largada, (...) (E2).”

E3 também refere que uma das suas grandes motivações, determinante da sua escolha por casar-se, foi a idade que estava avançando, ou seja, perante a sociedade, o limite de idade aceitável para permanecer *solteira* estava se aproximando, com risco de não casar-se.

“(...) eu estava numa idade certa, eu já estava com 26 anos. Eu fui ficando com vontade de casar, acho que toda mulher espera um dia se casar. A idade já estava chegando (E3).”

Assim, para alguns colaboradores, o casamento representou a “fuga” de um sentimento de solidão, como se a vida conjugal fosse supri-la. Acresce-se que nos discursos há certa tendência sociocultural impelindo ao casamento, como uma realidade inexorável, inevitável, o que expressa ausência de escolha em seus atos, sujeitando-se a um julgamento externo, social, muito mais que uma escolha consciente e autônoma.

Categoria 12 – Falta de Amor Conjugal

A falta de amor conjugal refere-se ao afastamento de “corpo e alma”, ao egoísmo que remete à escolha extremada, em favor de si mesmo, e à degradação da vida na dualidade conjugal.

M1 utiliza uma metáfora, descrita a seguir, para ilustrar sua concepção de solidão por parte de um cônjuge ou de ambos, vivenciando uma união conjugal. Ele descreve essa situação como um desencontro de individualidades que “não se encaixam”, não se encontram na vivência da conjugalidade. O colaborador ainda relata que essa questão do encontro, do “verdadeiro encaixe”, só ocorre quando a escolha da parceira ou do parceiro é pautada pelo amor. Acredita que o casamento só se concretiza, de fato, se o casal estiver em harmonia, se houver amor; caso contrário, emergem o sofrimento e sentimento de solidão para o casal:

“Se alguém passa por isso, é porque ela não conseguiu amar suficiente; (...) é como se fosse assim, duas engrenagens só trabalham acasaladas; se o peão não está fazendo a função, a coroa vai sofrer, ela vai quebrar os dentes, ela vai desengrenar, tá? E se a coroa

também não está adequada ao peão, o peão vai quebrar. Se você não tem harmonia idêntica, aí surge o conflito e você vai criar, pensar na solidão e a engrenagem vai quebrar (M1).”

Assim, M2 descreve que a falta de amor conjugal poderia levar uma pessoa a sentir ao sofrimento no casamento:

“Acho que a solidão só aconteceria se alguém desistir da parada (M2).”

“(...) quando não há amor, que acontece são dois indivíduos vivendo sob o mesmo teto, essa situação só não pode ser chamada de casamento, porque desse jeito qualquer ser humano vive uma depressão. (M2)”

Para E2 e M3, a falta de tempo para investir na vida conjugal, no amor “dos corpos e das almas” constitui-se em um afastamento físico e emocional dos cônjuges, pela falta de tempo para nutrir a relação e a vivência da intimidade.

“(...) cada vez que você trabalha mais e mais, às vezes está muito junto e às vezes muito separado, porque um corre pra um lado e o outro corre pro outro e cadê a intimidade? Estamos juntos, mas estamos separados (E2).”

“(...) nossa vida de marido e mulher fica muito incompleta, falta tempo (E2).”

“[Fala que a solidão conjugal] pode acontecer quando o marido ou a esposa fica em falta com o outro (...) não discutir as dificuldades que aparecem, não fazer um tempo para os dois (...) não deixar o outro a par do que acontece ou aconteceu na vida dele ou dela, no dia a dia (M3).”

Para M3, o egoísmo da esposa faz com que ele se sinta sozinho, por entender que ela não percebe suas necessidades, apenas as dela. Nesse sentido, pode-se dizer que há uma valorização de aspectos individuais, em detrimento dos conjugais.

“(...) gostaria que ela mudasse em alguns aspectos, aceitasse mais minha família. Essa discordância dela às vezes me faz sentir sozinho de família e de amigos e, às vezes, até dela mesma, porque é como se ela não entendesse minhas necessidades, e entendesse só as dela; nesse momento ela me deixa, para ser só ela. Acredito que [sinto] só nessas situações, dela não entender minhas vontades (...) (M3).”

A falta de amor conjugal foi descrita pelo distanciamento entre os cônjuges, causado pelo não investimento em momentos voltados ao diálogo e à convivência. Assim, não se abrem possibilidades de viver a intimidade na relação, gerando um distanciamento físico e emocional entre os cônjuges. A falta de disponibilidade e de abertura ao outro traduz-se na falta de amor conjugal, em favor, muitas vezes, de um individualismo exacerbado.

Categoria 13 – Solidão Individual

A solidão vivida na conjugalidade além de ocorrer por aspectos decadentes e degradantes da vida conjugal está intimamente relacionada a aspectos inerentes a experiência de cada pessoa, seja por aspectos existenciais ou não. Assim, destaca-se a seguir falas que expressam a solidão conjugal sentida, como um fator secundário que está relacionado à solidão individual.

E1 descreveu sua solidão não como um sofrimento causado pela relação marido e mulher, por aspectos degradantes da vida a dois, mas por ainda estar

vivendo o luto pela morte de sua filha. Por esse motivo sente-se abandonada e esquecida por todos, ao mesmo tempo em que reforça essa situação de solidão, pois também se isola das pessoas de seu convívio, inclusive de seu marido. Assim, a colaboradora vivencia a solidão em todas as relações por essa estar interligada a fortes sentimentos de perda e de luto, que ainda não elaborados. Tem momentos que E1 sente-se abandonada por todos, inclusive de seu marido.

“Eu me sentia sozinha quando a Daniela faleceu. Eu sentia que tudo e todos tinham me abandonado, até Deus (...), então eu fiquei muito ruim eu tomava remédio para dormir de dia e de noite (...). (E1)”

“Eu me afastei de todo mundo, do meu marido, da minha outra filha,. (choro) tanto é que eu não saía pra nada, aí eu vi que realmente eu estava sozinha (choro). eu sempre me sinto só quando eu lembro dela (filha que perdeu) e eu sei que isso nunca vai sumir, eu sei que vou sentir essa falta para sempre. (E1)”

Destaca-se que M3 em uma segunda resposta relacionada a solidão conjugal, acredita também que ela é inerente a individualidade de cada um:

“têm pessoas que carregam buracos antigos por muitos anos e por todo lado, pra todas relações dessa pessoa (...) tem gente que nunca teve pai e mãe de verdade, provavelmente essa pessoa vai sofrer conseqüências de não ter esse apoio, vai ter um buraco dentro de si, uma falta (...) acredito que esse tipo de pessoa possa sempre se sentir só.(M3)”

“Casamento não é ter um companheiro? Ou seja, é sentir que não tem um companheiro, (...) mas não é o outro que me faz ser sozinho,

ou sentir sozinho, é a própria pessoa que de uma forma inconsciente está se deixando sentir só. (M3)”

Diante desses discursos agrupados, pode-se dizer que a solidão conjugal é vivida enquanto solidão a dois por estar nos limites, na fronteira do casamento, mas que de fato é incitada por questões individuais, que podem de forma secundária ser “disseminada” por atitudes que são decadentes e desconstitutivas que ocorrem no casamento.

CAPÍTULO IV

Considerações Finais

Diante dos aspectos tratados até o momento cabe retomar e discutir as questões propostas no início desse trabalho, buscando respondê-las, e refletindo sobre os resultados encontrados nas categorias que sintetizaram os depoimentos dos colaboradores.

A discussão estará alicerçada em outros estudos e pesquisas, discutidas na revisão bibliográfica e no momento empírico do trabalho, além de tecer algumas considerações que podem ser relevantes e aprofundadas em outros estudos.

Cada conjugalidade apresenta uma maneira singular de ser, de se estruturar, se manter e se desfazer; metaforicamente, pode ser comparada à própria realidade das pessoas, que manifestam diferenças desde o princípio, dado que uns nascem mais fortes, outros mais fracos, uns morrem ainda bebês, outros vivem além dos cem anos. Apesar dessas singularidades pertinentes a tudo que diz respeito ao humano, todos os colaboradores, em alguns aspectos, relataram definições importantes e semelhantes relacionadas à vida a dois e à solidão conjugal, como pode ser observado nas categorias apresentadas e analisadas anteriormente.

A princípio, o que se destacou nas entrevistas foi a “satisfação”, expressa pelos colaboradores, ao longo dos seus discursos, com o próprio casamento; contudo, antes da realização da análise das entrevistas, não se sabia se isso era ou não reflexo de uma atitude de “aparente felicidade conjugal”. Após observação mais ampla e profunda das entrevistas pode-se perceber que essa “aparência” se confirmou. No início das entrevistas, a maioria dos colaboradores transmitia uma

mensagem que expressava sua grande satisfação com o casamento, no entanto, gradativamente, ao longo dos relatos, essa mensagem foi se modificando.

Acredita-se que a relação intersubjetiva, construída entre os colaboradores e a pesquisadora, permitiu que os cônjuges se tornassem mais acessíveis e pudessem expressar de forma mais genuína, o que sentiam na relação com o companheiro. Assim, por muitas vezes, não expressaram tanta satisfação como nos momentos iniciais das entrevistas.

Acredita-se também que conduzir as entrevistas com os casais, face a face poderia levá-los a serem menos genuínos, ou ainda que ficariam inibidos pela exposição de situações ou por manifestarem sentimentos negativos em relação ao cônjuge. Por esse motivo optou-se por fazer as entrevistas individualmente, com cada colaborador. A partir da visão da pesquisadora, verificou-se que mesmo com a entrevista individual, sem a presença do companheiro ou companheira, ainda existia um “cuidado”, uma “preocupação” em expor algo que poderia ser negativo sobre o cônjuge para a pesquisadora. Essa situação confirma que haveria maior dificuldade ou menor liberdade dos colaboradores para se exporem frente a frente ao marido ou à esposa, em uma situação de entrevista.

A questão da sexualidade que expressa em parte o amor conjugal e a questão da intimidade não foi falada por nenhum dos colaboradores da pesquisa. Destaca-se como um dado interessante por ser uma característica de grande importância na vida íntima de um casal. Poderiam ser levantadas algumas justificativas em relação ocorrência desse fenômeno na pesquisa.

A primeira justificativa levantada poderia ser pela própria situação de entrevista, pela exposição de situações que poderiam ser consideradas constrangedoras por serem de extrema intimidade do casal e por esse motivo não

foram expressas pelos colaboradores. A segunda hipótese que justificaria esse fenômeno, seria uma dificuldade vivida de fato na vida sexual dos colaboradores, por esse motivo poderiam ter evitado esse assunto na entrevista. A terceira possibilidade seria uma vivência atual satisfatória da vida sexual entre os cônjuges pesquisados e por esse motivo, por não representar um “problema” para os colaboradores, não foi mencionada por livre e espontânea vontade nas entrevistas.

Outros aspectos destacaram-se em relação aos colaboradores. Houve certa dificuldade para encontrar casais que aceitassem participar da pesquisa, de tal modo que sua escolha ateu-se àqueles que aceitaram o convite. Acredita-se que essa dificuldade de recrutamento interferiu em parte nos resultados da investigação, pois os colaboradores são pessoas que já fizeram ou fazem psicoterapia.

Dessa forma, os colaboradores entrevistados – por serem pessoas que manifestam uma preocupação e um cuidado consigo e com suas relações, por meio da psicoterapia – podem ser encarados como partícipes de um grupo especial. Acredita-se que, se o grupo de colaboradores não envolvesse pessoas com essa disponibilidade e iniciativa para o cuidado emocional e psíquico de si e de suas relações, possivelmente os resultados seriam outros. Essa hipótese vai ao encontro de pesquisas que apontam o processo psicoterápico como elemento que promove mudança significativa, tanto na percepção individual das pessoas, quanto de suas relações (Sousa, 2006; Andrade, 2007).

Para Ribeiro (2006, p.77) o cliente vai em busca de ajuda da psicoterapia é alguém que reconhece a sua impossibilidade de dar conta de si e de suas questões sem o auxílio de um outro olhar – seja por ter perdido a crença em si mesmo ou o poder de acreditar em si mesmo e em suas relações – e por isso se debate para se livrar de situações que ele mesmo reconhece como demolidoras de seu próprio ser.

Ainda assim, essa pessoa sabe e reconhece o caminho, mas não sabe como fazer para caminhar. E é nesse sentido que os colaboradores dessa pesquisa são descritos, pois são pessoas que, de alguma forma reconheceram a necessidade de ajuda, e pela responsabilidade que têm com a própria vida e suas relações foram atrás de quem pudesse lhes “auxiliar a caminhar”.

Hycner e Jacobs (1997) complementam essa idéia, e esclarecem que os motivos que levam uma pessoa a iniciar uma terapia estão relacionados ao seu diálogo “perturbado” com os outros, assim como à dificuldade de fazer contato consigo mesma. Desse modo, algumas psicoterapias tem enfatizado a ajuda às pessoas no sentido de desenvolver suas individualidades e suas relações de diálogo.

Nesse pensar, possivelmente o histórico de psicoterapia na vida dos colaboradores tenha facilitado a entrevista, por se tratar de pessoas que já fazem o exercício de expor suas vidas nesse contexto de diálogo, o que pode ter facilitado a exposição e a expressão frente à pesquisadora, que também é psicoterapeuta.

Outro aspecto relevante relacionado aos colaboradores constitui no fato de que, mesmo não havendo a intenção de se fazer a pesquisa somente com pessoas casadas, coincidentemente todos eram casados no civil e no religioso. Diz-se “coincidência” pelas variadas formas existentes de se viver uma vida conjugal nos dias de hoje. Experiências de novos modelos de relacionamentos, desde casamentos informais e abertos, até casamentos comunitários, poligâmicos e, ainda uniões homossexuais, tem ocorrido, além de um grande aumento de experiências extraconjugais, uniões estáveis temporárias ou definitivas, bem como de casais que moram separadamente (Ferro-Bucher, 1999, Jablonsky, 2007).

Na discussão abre-se espaço para interpretações e o uso de teorias que integradas aos resultados, sintetizam aspectos realmente relevantes e aproveitados do

estudo como um todo. As questões do *casamento* e da *solidão conjugal* não foram descritas ou nomeadas apenas por um conceito ou significado, mas foram descritas por várias situações que poderiam circunscrevê-las.

De tal modo, é possível elucidar, a princípio, duas perguntas: *O quê os cônjuges buscam na relação conjugal? Como os colaboradores definiram a conjugalidade?*

Significados e motivações da vivência da conjugalidade para os colaboradores:

A maioria dos colaboradores busca no casamento a vivência da *solidariedade*, do *companheirismo*, da *convivência*, e do *apoio mútuo*, além de viver o *amor* e de constituírem uma *família*. Alguns buscam no casamento uma *proteção individualista*, como forma de evitar a *solidão* ou ainda para se proteger de estigmas sociais.

Destaca-se a seguir, os resultados do que se mostrou relevante nas relações conjugais vividas pelos colaboradores da pesquisa, os quais foram encontrados a partir de características essenciais e específicas daquilo que constitui a conjugalidade para eles.

Os aspectos motivadores da vida a dois residem naqueles que caracterizam a vivência da conjugalidade. Diante dos resultados analisados, observa-se que para os colaboradores, o casamento, em síntese, significa: “tolerância”, “solidariedade”, “respeito”, “estima”, “amizade”, “respeito”, “amor conjugal” e “amor ágape”. Esses aspectos foram categorizados e analisados como característicos e pertencentes à idéia que eles delimitaram como sendo parte de uma conjugalidade, e que descrevem como uma convivência saudável, construtiva e positiva da dualidade.

Porém outros aspectos definidores da conjugalidade descrevem a relação

vivida de forma desconstrutiva e negativa, e são eles: “intolerância”, “falta de solidariedade”, “falta de estima”, “proteção individualista” e “falta de amor conjugal”. Assim, será descrito a seguir cada um destes enfoques citados, considerados universais, significantes e essenciais da relação conjugal.

A convivência *solidária* é um dos aspectos motivadores considerado mais importante pelos colaboradores. Essa convivência de apoio e companheirismo mútuo também foi destacada como definidora de uma convivência amorosa construtiva, ou seja, é uma das características que define uma conjugalidade “saudável”. Como afirma Aguiar (2005) uma das grandes satisfações que se tem na vida é poder contar com um(a) parceiro(a) para “o que der e vier”. Ter a possibilidade de ser o que se é em qualquer lugar que se esteja, e ainda assim, contar com o(a) parceiro(a). Essa solidariedade significa um ato de *voltar-se-para-o-outro*, de abrir um diálogo e abrir-se ao diálogo, colocando-se verdadeiramente em relação (Holanda, 2004).

A **solidariedade**, na relação conjugal significa companheirismo, apoio, escuta verdadeira, diálogo disponível no cotidiano, nos momentos de sofrimento ou de alegria na vida do casal. Esse aspecto, como já exposto, foi considerado por todos os cônjuges como o mais importante e constitutivo motivador da vida a dois. Ou seja, sem solidariedade não há experiência conjugal construtiva.

Em pesquisas realizadas por Jablonski (1996, 1998), verificou-se que os jovens solteiros pesquisados, verbalizaram o *amor* em primeiro lugar, como fator responsável pela *duração de um casamento*. Porém, os que passaram por algum tipo de experiência conjugal o colocaram em segundo lugar e colocaram em primeiro lugar o *respeito mútuo*, o *companheirismo*, a *comunhão de idéias – semelhanças* – e a *persistência*. Desse modo, fazendo um paralelo com essas pesquisas, observa-se que embora os colaboradores da pesquisa atual não tenham dado maior ou menor

ênfase ao *amor* ou ao *companheirismo* e *respeito* como fatores responsáveis pela duração de um casamento, foi por eles destacado que, tanto o *companheirismo* e o *respeito mútuo* quanto o *amor* têm uma importância muito grande e semelhante, como aspectos necessários à vida conjugal.

Nesse movimento de companheirismo e apoio recíproco, o amor surge como um apelo constante a essa participação mútua de intimidade. Assim, os resultados corroboram o encontrado na literatura, no sentido que, nas relações conjugais da contemporaneidade, o *companheirismo* é peça fundamental para a convivência, pois é como uma estrutura que dá base de sustentação a uma grande construção (Albuquerque, 1996).

A **tolerância** foi valorizada por todos os colaboradores como característica que os ajudam na convivência do dia-a-dia com o outro de forma construtiva. Assim, a *tolerância* como o primeiro traço tido como fundamental à convivência, é a capacidade de suportar e conviver com as diferenças do outro, tendo o papel de constituir uma convivência amigável e amorosa no casamento (Petrelli, 1999). Corroborando com essa análise, Buber (1968) assinala que o homem só existe em relação, e essa se fortalece na diferença, na alteridade de um ser em relação ao outro. O homem relaciona-se com aquilo que é similar e diferente ao mesmo tempo. As diferenças entre os parceiros não devem causar brigas e desavenças entre o casal e sim enriquecer a relação.

Rosset (2005) assinala que as relações conjugais estão passando por mudanças e um dos aspectos importantes dessas mudanças é que as pessoas estão menos iludidas a respeito da idealização da relação e dos parceiros. Desse modo, para não criar falsas expectativas em relação ao cônjuge, torna-se importante a conscientização e aceitação da pessoa com quem se escolhe viver, para que ela possa

existir e ser quem ela é. Nesse sentido, com a escolha feita de forma consciente e responsável abre-se espaço para o amadurecimento, intimidade e convivência pacífica.

A atitude de respeito ao outro, como aspecto necessário à convivência, é outro fator constitutivo do casamento. O **respeito** foi apontado pelos cônjuges pesquisados, ao se referirem às atitudes de tratar o outro com dignidade e atenção, de aceitação das diferenças entre ambos, de não haver traições extraconjugais, ter atitudes de carinho e cuidado com o outro, e ainda como espaço dado à expressão da individualidade de cada um. Além disso, o *respeito* foi destacado por uma colaboradora – E2 – em relação ao ato de casar-se na igreja, no sentido de receber a benção do padre como uma atitude de respeito à Deus e à si mesma.

Como afirma Petrelli (1999), o respeito refere-se à atitude de não invasão e ocupação de um espaço de um sistema próximo ou distante do nosso, assim ,a cada pessoa é devido um espaço sagrado e inviolável, seja ele físico, social e até mesmo cultural, de outro modo sem esse espaço à expressão na conjugalidade a intimidade sofre, e a criatividade se apaga.

A **estima** também se destacou como característica fundamental para a vivência de uma conjugalidade construtiva. Foi destacada nas falas dos colaboradores como a valorização das diferenças que, vistas como expressão das individualidades, enriquecem a convivência no casamento, deixando o outro não perder aquilo que é seu. Exemplifica-se pelas falas dos colaboradores: “(...) *eu casei com a Alice sabendo quem ela é, sem esperar que ela mude o jeito (M1).*”; “(...) *o Paulo era um exemplo de ignorância, mas era exemplo de honestidade, e meu porto seguro (E2).*”

Em referência à *estima*, Minuchin e Fishman (1990) explicam que na formação da conjugalidade cada um dos cônjuges tem um conjunto de valores e expectativas, explícitos ou inconscientes. Assim, esses autores lembram que, para que a vida a dois seja possível, esse conjunto de valores deve ser adequado com o passar do tempo; à medida que os companheiros abrem mão de parte de suas idéias e preferências, acabam perdendo um pouco de individualidade, mas fortalecem a relação, pois ganham em pertinência.

Quando há integração da singularidade de cada pessoa de forma harmoniosa à conjugalidade, ocorre um fortalecimento da relação. Desse modo, pode-se verificar que para alguns cônjuges colaboradores, a singularidade de um integrou-se ao outro, de forma complementar; nesse sentido, não houve perdas ou a desvalorização de um “eu” em prol de um “nós”, mas um aproveitamento daquilo que pode ser acrescentado à vida conjugal. As diferenças que se encaixam umas nas outras, são muito funcionais na vida de um casal como no caso do casal E2 e M2, pois ele adora cozinhar, lavar, passar e cuidar dos filhos, enquanto ela prefere trabalhar e administrar a vida financeira da família.

No caso citado acima a inversão de papéis entre os cônjuges acaba sendo positiva à relação. Assim, a questão da ruptura nos padrões psicossociais por um lado indica a transformação da relação homem e mulher, produzindo novas formas de sujeição e de subjetividades que em algumas relações como no caso do casal E2 e M2 podem ser vistas como algo positivo (Giddens, 1993; Féres-Carneiro & Diniz Neto, 2005).

A questão da ruptura dos padrões psicossociais está relacionada a mudança dos padrões do casamento contemporâneo é resultado de diversos fatores socioculturais envolvidos. Alguns como a ampliação do estado de direito e

democracia, o movimento de libertação feminino, a abertura do mercado de trabalho à mão-de-obra feminina e a crise pós-moderna. Cada um desses fatores modificou e foi responsável por reflexos nos padrões psicossociais, resultando em mudanças na estrutura ideológica, sociocultural, econômica e psicológica em que se instala uma mudança nos papéis sociais (Ferro-Bucher, 1999).

Outra característica valorizada pelos colaboradores como aspecto primário para a manutenção de uma relação amorosa positiva foi a **amizade** entre os cônjuges. A importância da amizade na vida conjugal, destaca-se, por ser necessário ter uma afeição, simpatia, ternura com o cônjuge, mesmo essa pessoa sendo alguém a quem não se é ligado por laços de parentesco.

Petrelli (1999) destacou que o sentimento da *amizade* talvez seja se constitua na origem e fundamento dos precedentes traços de tolerância, de respeito e de solidariedade. Para os colaboradores, a *amizade* vivida por eles com seus respectivos cônjuges leva à abertura para a intimidade e à cumplicidade, ao compartilhar e a uma cordialidade mantida pela boa comunicação no casamento.

Manter a *amizade* é cultivar a intimidade e a cumplicidade na relação, é ir além de amar muito a outra pessoa, é disponibilizar abertura para que ambos atendam ao espaço das emoções e dos sentimentos um do outro e possam oportunizar de fato o ato de com-partilhar (Aguiar, 2005).

O **amor conjugal** também se destaca como um dos pontos centrais e necessários à constituição e a manutenção de uma dualidade. Para Petrelli, (1999) esse amor é ao mesmo tempo *constitutivo* e *construtivo* da relação conjugal e se refere a um laço místico e pleno, de corpo e alma entre duas pessoas.

Bauman (2004) descreve o amor como a vontade de cuidar, de preservar o objeto cuidado. O eu que ama se expande doando-se ao objeto amado. Amar diz

respeito a auto-sobrevivência através da alteridade. E assim, o amor significa um estímulo a proteger, alimentar, abrigar, e também à carícia, ao afago, ao mimo, ou a – ciumentamente guardar, cercar. Amar significa estar a serviço, colocar-se a disposição, mas, também pode significar assumir responsabilidade.

Esse *amor conjugal* esteve presente nos discursos dos colaboradores, expresso enquanto motivação para estarem juntos em uma convivência, no desejo da constante presença do cônjuge, em uma grande valorização da pessoa de modo que seja vista como única e especial, na apreciação da beleza do outro não só pela exterioridade, mas também pela “alma”. Petrelli (2005) conceitua o amor como ética da existência que qualifica a *presença*.

Para homens e mulheres o “eu” moderno, estruturado sobre a noção de indivíduo autônomo, leva as pessoas a buscar e utilizar o amor como forma de compensação para dar sentido à sua própria existência, sendo este mais um grande motivo para reforçar e valorizar o sentimento de pertencimento mútuo dos parceiros (Costa, 1999).

Nos relatos, a maioria dos colaboradores descreveu o *amor conjugal* como núcleo de convivência amorosa. Nesse contexto, eles evidenciaram a importância de *constituir uma família*, com o surgimento de uma terceira pessoa – o filho. Assim, o amor de corpo e alma, de dois, tende a expandir essa construção amorosa e do espaço íntimo de forma a gerar um “*fruto*” *desse amor*. O amor conjugal se expande no *sentido integral da doação mútua e da procriação humana*. Diante disso, construir uma família foi um dos aspectos também considerado relevante para a busca de uma vida conjugal e também significativa da relação.

Em pesquisa com casais, Magalhães (1993) e Féres-Carneiro (1997) verificaram que a maioria das mulheres definiu casamento como “relação amorosa”,

enquanto todos os homens o definiram como “constituição de família”. Nesse sentido os resultados da presente pesquisa se assemelham aos obtidos por essas autoras, pois amor e família também foram descritos como aspectos delimitadores e construtivos de uma relação conjugal pelos colaboradores da presente pesquisa.

O último aspecto descrito pelos colaboradores, o qual define a vida conjugal em termos positivos e construtivos, é outro tipo de amor, chamado amor ágape.

Para Petrelli (1999), o *amor ágape* é a última dimensão da convivência amorosa, sendo a mais alta e a mais transcendente. O *amor ágape* é místico, chega-se até ele por meio da contemplação e da experiência mística, mas é só na prece que se consolida esse amor. *Ágape*, do grego, significa “amor”, “afeição”, é o amor cristão, religioso; no rito primitivo dos cristãos, consistia na refeição comum na qual era celebrada a eucaristia, tendo um sentido de *confraternização* (Houaiss, 2004).

O *amor ágape*, não foi descrito em sua forma “pura”, ou seja, não foi propriamente encontrado como um “vivido” concreto nas relações dos colaboradores, mas sua vivência persistiu como uma “busca” desse amor. Nesse sentido, esse amor foi observado em falas que valorizam a relação conjugal como uma experiência transcendente e religiosa, ou seja, com um sentido de sagrado, de união e de experiência de sacralidade.

O *amor ágape* é o amor conjugal que transcendeu as barreiras do corpo, é o amor de almas, fortalecido por uma força espiritual, muitas vezes representado pelo papel de uma sacralização, como na oficialização perante Deus e uma união numa igreja.

O matrimônio em seu aspecto religioso católico ainda está fortemente impregnado na visão de casamento para a maioria dos colaboradores dessa pesquisa, surgindo como um de seus aspectos significantes e constituintes do casamento.

Assim, mesmo com a diminuição do poder da igreja católica, ainda acredita-se que o ritual do matrimônio tenha a finalidade de delimitar, para muitas pessoas o espaço daquilo que seja ou não permitido. A visão espiritual do casamento esteve mais voltada aos princípios da igreja católica e de seus rituais; esses estão presentes e se revestem de importância para metade dos colaboradores, como se, de algum modo, o casamento fosse algo que só se concretizasse por meio dessa transcendência e de aspectos ligadas à espiritualidade. Este elemento – embora tenha surgido em sua especificidade católica – nos leva a crer na simbologia religiosa, independente da sua dimensão denominacional, ou seja, acredita-se que o elemento religioso esteja presente no imaginário que define uma conjugalidade construtiva.

A seguir será discutido o “outro lado da moeda”, ou seja, serão organizadas características universais que levam à deterioração da vida conjugal. Constituem-se em formas de decadência da convivência conjugal, vividas pelos colaboradores, a saber: “intolerância”, “falta de solidariedade”, “falta de estima”, “proteção individualista”, “falta de amor conjugal” e “solidão individual”.

De acordo com Houaiss (2004, p. 426), **intolerância** significa uma tendência a não suportar ou condenar o que desagrada, nas opiniões e nas atitudes alheias. De modo contrário à tolerância, a intolerância reside em não aceitar e não tolerar as diferenças do outro.

Os colaboradores descrevem-na como uma das causas do fim de um casamento. Referem-se a certos tipos de intolerância vividos na convivência: como exemplo, na não aceitação, por M2, do modo como E2 lida com o dinheiro e nos gastos com bens materiais; ou na intolerância de E3 diante da necessidade de liberdade de viver a individualidade mesmo que de maneira respeitosa e saudável por M3.

Féres-Carneiro (1998), ao discorrer sobre individualidades e conjugalidades, esclarece que toda facilidade e toda dificuldade de ser casal reside no fato deste encerrar, ao mesmo tempo, na sua dinâmica, duas individualidades e uma conjugalidade. Duas identidades que na relação amorosa convivem com uma conjugalidade, dividem um mesmo espaço, um projeto de vida de casal e criam uma identidade conjugal. Contudo, quando isso não ocorre, não há uma integração que possibilite a vivência da conjugalidade de forma positiva, vive-se de forma desarmônica, pois não se tolera ou se aceita a possibilidade do outro ser quem de fato é.

Assim, sempre haverá pontos de atrito na vida a dois e o sistema deverá adaptar-se – tolerar – para fazer frente às demandas contextuais modificadas; eventualmente um comportamento que difere daquele que se tornou costume, será sentido como uma ofensa, ou uma traição, mesmo que nenhum dos cônjuges tenha consciência do que seja o problema (Minuchin & Fishman, 1990).

Como afirmam Garcia e Tassara (2003), administrar as diferenças de forma destrutiva, as dificuldades de comunicação, as possíveis traições conjugais, além dos ciúmes, do egoísmo exacerbado e de manifestações agressivas, são exemplos dos obstáculos com os quais um casal pode deparar-se na vida a dois.

A **falta de estima** foi outro ponto destacado pelos colaboradores como uma característica relevante que leva à degradação do casamento. Essa categoria constituiu-se em uma forma de decadência da convivência construtiva amorosa na vida conjugal, pois se refere à não expressão e à desvalorização da singularidade de alguém, componentes que enfraquecem a estrutura da convivência a dois, degradando a vida conjugal, na medida em que não se valoriza ser quem se é na totalidade.

A *falta de estima* foi descrita pelos colaboradores de variadas formas: como a necessidade de viver uma *fusão* – não disposição para abrir mão da convivência única e exclusiva “eu-ele” e “eu-ela” – presente em algumas relações. Na vivência da *fusão*, existe a tentativa de acabar com as diferenças, levando à *confluência*¹, assim a pessoa não se posiciona diante da própria vida, como se o casamento anulasse o aspecto individual, dando lugar somente ao conjugal.

Desse modo, valorizar as individualidades dos cônjuges poderá levar à fragilização desse espaço comum da conjugalidade. Ou, de modo contrário, valorizar exageradamente a conjugalidade poderá levar as pessoas a submeterem suas individualidades um ao outro, despersonificando-as. Na vida conjugal, é necessária a interdependência para um equilíbrio interno e uma diminuição da tensão interna, que é criada pela negação dessa interdependência. Então, é preciso ser *um* sendo *dois*, ser *dois* sendo *um* (Féres-Carneiro, 1997).

Outra da vivência da *falta de estima* no casamento dos colaboradores, foi descrita por M3, que sente clara necessidade de momentos com amigos e com sua família de origem. Destaca-se que a atitude de sua esposa de não aceitação, delimita uma indiferença em relação à alteridade e às necessidades dele. Desse modo, essa desvalorização, é percebida por ele como um egoísmo exacerbado e uma dependência emocional de E3.

Holanda (1999) esclarece que o fundamento da humanidade do homem não se dá na semelhança – naquilo que é “igual”, à sua “imagem e semelhança” – mas se dá na alteridade, na diferença. Assim o amor é confundido com a anulação de si mesmo, a falta de estima refere-se a uma não-relação, pois não há relação apenas

¹ Para Ribeiro (1997) “a confluência é o processo pelo qual a pessoa se liga fortemente aos outros, sem diferenciar o que é seu o que é deles, diminui as diferenças para sentir-se melhor e semelhante aos demais (p.48).”

com a igualdade; quando nos anulamos, deixamos de existir nas diferenças.

A **falta de solidariedade** tem o mesmo peso e importância atribuídos à *solidariedade* no casamento, como já explicado anteriormente. A falta de solidariedade foi destacada pelos colaboradores como um dos fatores degradantes e negativos mais notáveis, existente no relacionamento conjugal. Diz-se notáveis, por terem sido os aspectos mais levantados e descritos pelos cônjuges.

Para os colaboradores, a *falta de solidariedade* refere-se à falta de apoio emocional e até mesmo financeiro, à falta de companheirismo com o cônjuge, seja por falta de convivência, por egoísmo, por falta de disponibilidade de um cônjuge para com outro e até mesmo por falta de tempo para investir na relação e de iniciativa para alcançar objetivos comuns.

Uma das maiores dificuldades vividas atualmente na vida conjugal consiste na falta de tempo livre para fortalecer o amor conjugal. “Como poderiam achar tempo para manter um relacionamento íntimo se estão presos aos enlouquecedores horários de trabalho, às idas e vindas, às viagens de negócios, à educação dos filhos, aos problemas para resolver (...)” (Papp, 2002, p.18). A intimidade não pode ser forçada, e encomendada, ela requer tempo para amadurecer; é preciso de tempo destinado à convivência, à troca de experiências e ao amor, para que o casal se fortaleça a partir desses momentos, os quais irão conferir particularidades e a estabilidade ao relacionamento conjugal.

Cardella (2009) assinala que uma das grandes motivações para muitas pessoas que escolhem o casamento é a valorização da experiência compartilhada e íntima, ou seja, existe o desejo autêntico de compartilhamento e parceria com o outro, em busca de companheirismo. Da mesma forma que a solidariedade é

apontada como um grande motivo para se unir a alguém, a falta dela também é um grande motivo para perda do sentido da existência do casamento.

Outra categoria que sintetiza aspectos degradantes e desconstitutivos do casamento foi chamada de **proteção individualista**, pois demarca de forma geral, algumas atitudes que ocorrem na experiência conjugal, vistas de forma negativa; refere-se às motivações com o objetivo único e exclusivo de um dos cônjuges, ou dos dois, em favorecer a si mesmo, ou de proteção de si mesmo.

Para alguns colaboradores, o casamento representou a “saída” de um sentimento de solidão, como se a vida conjugal pudesse suprir suas necessidades de contato, evitando a solidão. Além disso, observa-se, nos discursos, certo direcionamento sociocultural que os impele ao casamento. A conjugalidade torna-se uma realidade inevitável, tendo, nesse caso, o objetivo maior de impedir julgamentos e estigmas apontados da sociedade em direção àqueles que não se casam, ou se casam com a idade mais avançada.

De um modo ou de outro, as pessoas querem se casar ao menos uma vez na vida, e essa vontade se faz mais evidente nas mulheres. Pode-se supor que isso decorra de configurações sociais, como observamos em resquícios de pressões sociais que ridicularizam a figura da “solteirona”, como também podem derivar de representações relacionadas ao amor romântico, estimuladas pela cultura, pela sociedade, pelos meios de comunicação em geral e pela educação das famílias. Uma mulher que tenha completado 40 anos de idade, sem ter se casado ou se unido maritalmente a alguém, ainda nos dias atuais, será vista de forma preconceituosa (Jablonsky, 2001).

Assim, é preciso que as pessoas questionem sua real disponibilidade para a vida íntima e compartilhada, pois, muitas vezes a busca pelo casamento torna-se uma

busca pela vivência do não preconceito ou para fugir de rótulos e papéis sociais de “fracasso e incompetência”, como o de “alguém que ninguém quis”. Desse modo, o casamento pode tornar-se uma forma de autoafirmação e proteção para o indivíduo.

Outro destaque dos discursos dos colaboradores aponta para a *proteção individualista* advinda de falta de escolha e de responsabilização por atos, deixando-os sujeitos à avaliação externa, do social, o que expressa mais uma escolha consciente e autônoma.

Outra perspectiva evidenciada é que algumas pessoas se casam em busca de uma *proteção financeira*, e não objetivando uma construção amorosa e solidária. Contudo, essa postura foi descrita apenas por um colaborador – M2 – como uma percepção que ele tem em relação a alguns casais de modo geral, ele não descreve como algo que vive. A partir dessa percepção do colaborador destaca-se também que M2 por “coincidência”, depende financeiramente da esposa.

Nesse sentido Bauman (2004) destaca que os vínculos humanos estão sendo transformados em objetos de consumo e passaram a ser valorizados pelos novos atributos de conveniência de uso e descartabilidade, próprios do ato de consumir (Bauman, 2004). Ainda segundo o autor se a pessoa investe em uma relação, o lucro esperado é a segurança – em muitos sentidos: a proximidade, a companhia na solidão, o socorro na aflição. Complementa-se que a segurança financeira também seja um dos lucros esperados no investimento de uma relação conjugal.

Como na situação de uma pessoa que busca casar-se para sentir-se seguro financeiramente, ou apenas para mostrar a sociedade que é uma pessoa que conseguiu casar-se, como forma de mostrar-se competente, ou digna de ser amada.

A **falta de amor conjugal**, como já descrito nas categorias, refere-se ao afastamento de “corpo e alma”, ao egoísmo que remete à escolha extremada em

favor de si mesmo e à degradação da vida na dualidade conjugal. A falta de amor conjugal foi descrita pelo distanciamento entre os cônjuges, causado pelo não investimento em momentos voltados ao diálogo e à convivência, não abrindo, assim, possibilidades de viver a intimidade na relação. Constitui-se em um distanciamento físico e emocional entre os cônjuges, ou em falta de disponibilidade e de abertura ao outro, priorizando muitas vezes, o individualismo exagerado, de lutas de poder.

Além da falta de tempo para investir na vida conjugal, no amor “dos corpos e das almas”, constitui-se em um afastamento físico e emocional dos cônjuges pela falta de disponibilidade e/ou abertura de nutrir a relação e a vivência da intimidade.

A falta de amor conjugal reside, ao mesmo tempo nas atitudes extremamente individualistas e protecionistas de si mesmo, na falta de solidariedade, na falta de estima e na intolerância. Assim, como afirma Buber (1979), o amor não se realiza no homem, não está ligado ao Eu. O amor não ocorre nem em um, nem em outro da relação: o amor acontece *entre* o Eu e o Tu. Holanda (2004) ressalta que a relação amorosa não é ação de um sobre outro, mas é um ato comum a dois sujeitos na intimidade. Buber (1979) corrobora ao salientar que o amor não é um sentimento de um para o outro, mas um evento que somente se dá na relação entre ambos. É somente nesta relação, na dimensão da *intersubjetividade* que se constitui a existência humana.

Na pesquisa a falta de amor conjugal se destaca quando E3 não permite que o marido viva em contato com seus amigos e familiares, não aceitando tudo que sempre fez parte da vida dele mesmo antes se casar. Outro caso é o de M2 que acredita que o amor é vivido de modo contrário, ou seja, em uma busca constante para aparar as diferenças com a esposa. Com isso, ele anula aquilo que é o modo de ser e existir da esposa e o dele para viver uma igualdade. Outro colaborador, M1 em

atitude inversa à desses colaboradores, expôs que não se importa que a esposa dele seja quem é, que ele a ama, com defeitos e qualidades desde antes de se casar. M1 esclarece que a solidão conjugal é fruto dessa falta de aceitação anterior ao casamento pelo outro, que ele coloca como nesse caso, “não se ama o suficiente”. Assim, por não haver um encontro verdadeiro, surge a solidão no relacionamento.

A falta de amor conjugal se relaciona à atitude egoísta de um cônjuge com outro, segundo a qual o outro é tratado como se fosse objeto de satisfação de desejos; e relaciona-se também ao fato de não haver aceitação de frustrações e diferenças, as quais fazem parte de uma convivência íntima. Destaca-se, assim, que, em inúmeros casos, a manutenção de uma relação conjugal mesmo sem amor, justifica-se por interesses pessoais, conveniências, medo da solidão, vaidade e dependências (Cardella, 2009).

Existe outra importante unidade de significado que refere-se a uma questão relacionada a individualidade de cada pessoa que dificulta a integração da conjugalidade, e que foi denominada de **solidão individual**. Essa quando não administrada como algo que é próprio da pessoa, leva também uma decadência do relacionamento por atitudes de isolamento e de dependência no contexto do casamento impedindo o diálogo, a abertura e o compartilhar ocorrerem. Além disso, corre-se o risco do cônjuge que a vivencia julgar, por não estar em plenas condições de avaliar e diferenciar, como uma solidão que advém da relação conjugal.

E ainda o fato de a pessoa sentir solidão pode levá-la a um “círculo vicioso”, pois, por se sentir só, realimenta o processo de manter-se afastada e isolada das pessoas (Tamayo & Pinheiro, 1984). Nesse sentido, no casamento, a pessoa que sente solidão por questões que lhes são próprias, tende a manter-se afastada do cônjuge. Como no caso de E1 que se afastou não só do marido, mas de todos a sua

volta: *“Eu me afastei de todo mundo, do meu marido, da minha outra filha, (choro) tanto é que eu não saía pra nada, aí eu vi que realmente eu estava sozinha (choro) (E1)”*.

É importante ressaltar que as motivações para o laço de maior intimidade são várias, desde a busca por um companheiro, por amor, por apoio emocional, fuga da solidão, construção de uma família, ou até mesmo para não ser julgado como alguém que nunca foi casado.

O casamento descrito a partir das experiências dos entrevistados significa a vivência desses aspectos tratados, sejam eles bons ou ruins, construtivos ou desconstrutivos. Conclui-se que todos os colaboradores vivem esses dois lados do casamento, positivos e negativos do casamento.

Diante disso, na vida real, como evidenciado pelos cônjuges entrevistados, atitudes de companheirismo, ternura, amizade, amor e tolerância, precisam estar presentes no casamento; da mesma forma, dele fazem parte, também, outros aspectos como brigas e desentendimentos pelas diferenças, pelas dificuldades de aceitar e estimar aquilo que não é semelhante, além de falta de apoio, de escuta e de cuidado. Essas atitudes e sentimentos não podem ser mensurados, pois cada casal constrói uma estrutura que lhe é própria, onde uns vivem mais aspectos positivos do casamento e outros menos. A manutenção e a motivação para se manterem como casal depende das necessidades de cada um e das individualidades que integram a conjugalidade.

Contudo, nem todos que se unem com a intenção de formar uma conjugalidade conseguem isto de fato, ou existencialmente. Pois essa construção amorosa, muitas vezes difícil de ser entendida na sua totalidade, é construída e mantida por inúmeros motivos que, muitas vezes, não são necessariamente aqueles

no sentido de construir uma família maior, ou fazer um ao outro feliz, ou mesmo por amor, mas por uma insegurança, por sentimentos como egoísmo e medo da solidão. Nesses casos, a conjugalidade existe tão somente pela delimitação de uma fronteira conferida por um ritual civil e/ou religioso, ou simplesmente “por juntar as escovas”, passando a viver sob o mesmo teto, ou de portar um rótulo – casado(a), amigado(a). Nesses casos, a conjugalidade existe de modo “aparente”, ou seja, ela não é vivida de fato.

A solidão na relação conjugal foi compreendida a partir de atitudes que impedem a vivência da dualidade na relação conjugal – descrita por Petrelli (1999) como a experiência de ser “dois-em-um” e “um-em-dois” constituindo uma unidade indivisível.

Buscou-se responder às seguintes questões, propostas no início do trabalho: *Os colaboradores sentem solidão na vida conjugal? Como se configura esse de sentimento de solidão?*

O fenômeno da solidão, vivida na relação conjugal:

Em artigo sobre a solidão, Moreira e Callou (2006) apontam que ela pode ocorrer tanto na presença quanto na ausência do outro, quando se revela na presença de outros pode ser chamada de *solidão acompanhada*.

A **solidão conjugal** foi percebida por todos os colaboradores, mesmo por aqueles que disseram não a vivenciar em seus casamentos; contudo, percebem que ela ocorre quando observam casais à sua volta. A solidão conjugal foi definida pelos colaboradores por meio de características já descritas, pertinentes à degradação da

vida conjugal: intolerância, falta de solidariedade, falta de estima, falta de amor conjugal, atitudes de proteção individual e pela solidão individual.

A seguir destaca-se a descrição das perspectivas, já comentadas anteriormente, que levam a relação conjugal à decadência, porém especificando os aspectos que incitam a solidão no casamento.

A **intolerância**, manifesta pelas atitudes de não aceitação das diferenças, e da manutenção do espaço mínimo da individualidade do outro, torna difícil a convivência marido/mulher e até mesmo insuportável. As diferenças entre os parceiros devem enriquecer a relação pelas características especiais que cada um carrega e não causar discórdia (Albuquerque, 1996).

Desse modo, não havendo uma convivência minimamente tolerante, o cônjuge sente-se não aceito, não amado e subvalorizado, o que dificulta a abertura e a disponibilidade genuínas para intimidade e leva ao sentimento de solidão na conjugalidade.

A **falta de estima** completa o aspecto da intolerância, refere-se à não expressão e à desvalorização da singularidade da pessoa enfraquecendo a estrutura da convivência a dois. Na vida conjugal, na medida em que um não aceita a alteridade do outro, não se abre a possibilidade da liberdade de ser quem se é no convívio. Assim, a luta pela igualdade no relacionamento conjugal leva a desconstrução de sentimentos de amor, e de estima, pois pode levar à anulação de si mesmo em prol de um “nós”.

Como discutido anteriormente, sabe-se que a relação só ocorre nas diferenças e, não vivenciar essas diferenças e sua não aceitação, significa uma “não-relação”. Essa “não-relação” vivida no contexto conjugal pode ser internalizada e levar ao sentimento de solidão no casamento por um dos cônjuges ou por ambos.

A fusão, a não diferenciação ou confluência, que ilustram uma falta de estima, é o buscar a anulação das diferenças na convivência conjugal. O estar com outro que não se diferencia acaba sendo uma não-relação, ou uma relação consigo mesmo, assim a necessidade de estar com um *outro* não é suprida. Do mesmo modo, aqueles casais que vivem e apreciam apenas o “ser-com”, não alternando com o “ser-si-mesmo”, que vivem “grudados” sem buscarem se colocar como indivíduos autônomos, acabam por abandonar a si mesmos (Costa 1999). Nesse sentido o casal deixa de viver um relação propriamente dita, pois, como afirma Whitaker (1995), a relação conjugal é aquela, na qual se vive uma espécie de *união e separação*.

Diante dessas situações, tornam-se “casais adoecidos” pela não experiência de um “outro”, mas de um “outro” que se torna um “eu”. Desse modo, a experiência da solidão no contexto do casamento, pode ocorrer dado que não há integração de um “eu” com um “outro”, mas um “eu” que se abandona para viver apenas o “outro”. Ressalta-se ainda que as demandas emocionais excessivas de um parceiro sobre o outro, sufocam, criam prisões e reféns, com grandes perdas para o amor, o qual adquire condição de exílio e exclusão (Cardella, 2009).

Um dos grandes motivos para os colaboradores sentirem solidão no casamento consiste no destaque atribuído à **falta de solidariedade** na convivência íntima no contexto da conjugalidade, isso pode ser sentido como o inverso da experiência da conjugalidade, como uma “não-experiência”, ou seja, com a falta de solidariedade no casamento, não há vivência de conjugalidade. Tal falta de solidariedade diz respeito à ausência de apoio e escuta, à falta de companheirismo e cuidado com o cônjuge, seja pela não convivência, por egoísmo, por falta de disponibilidade de um cônjuge para com outro e até mesmo por falta de iniciativa para busca de projetos comuns e de tempo para investir na relação.

Esse aspecto “falta de tempo” – destacado nas falas dos colaboradores – indica uma preocupação com os rumos da modernidade, já que muitos casais manifestam dificuldades em desenvolver uma melhor conjugalidade diante das demandas do trabalho. O tempo dispensado ao trabalho e a outros afazeres por todos os colaboradores é muito grande. Assim alguns cônjuges relataram abertamente a insatisfação relativa à falta de um investimento temporal e qualitativo no relacionamento, o que inclusive dificulta a comunicação no casal.

Verifica-se que barreiras como a falta de tempo são interpostas a vários casais; como a falta de companheirismo, acabam por interromper o diálogo do casal e que muitas vezes, se estabelece por situações que não são exploradas na relação, as quais vão sendo deixadas para trás, sem serem resolvidas fazendo surgir uma divisão no casal, uma perda de confiança e de cumplicidade. O que de fato levará o casal pelo distanciamento dialógico e como consequência, uma ausência afetiva do outro, e a sensação de não “com-partilhamento” na vida conjugal, nos quais estão ligados ao sentimento de solidão, como manifestado pelos colaboradores.

A solidão emocional foi descrita por Gomes (2001) como a ausência afetiva do outro, intimamente ligada ao sentimento, com à sensação de estar só. O outro pode estar próximo geograficamente, mas se, não houver aproximação psicológica, e falta interação, apoio e comunicação emocional, o indivíduo sente solidão (Gomes, 2001). A solidão enquanto falta de aproximação emocional e psicológica, pode ser vivida na vida conjugal e também na vida das pessoas solteiras, advinda da falta de solidariedade das pessoas umas com as outras, além de outros aspectos negativos ligados e vividos nos relacionamentos atuais. Em um casamento, outro aspecto que leva a solidão emocional e psicológica é a falta de amor conjugal.

A falta de amor conjugal refere-se a um distanciamento físico e emocional

entre os cônjuges, gerando um sentimento de solidão pela falta de comunhão, intimidade, diálogo, carinho e cumplicidade entre o casal. Buber (1979) assinala que é na experiência do amor conjugal que existe a possibilidade de plenitude da realização da relação Eu-Tu, momento em que o Eu se manifesta para seu Tu abrindo possibilidades para o diálogo verdadeiro dirigido a outro humano. Desse modo, amar é reconhecer a totalidade do outro, é percebê-lo em sua plenitude.

A falta de amor conjugal está intimamente ligada a solidão no casamento, pois, a partir disso há uma falta de abertura e de disponibilidade para construção de intimidade – aproximação física, emocional e espiritual – que representa um dos grandes alicerces da conjugalidade. Nesse sentido, a falta de amor, foi expressa por alguns colaboradores, que seria motivo para uma separação do cônjuge, ou ainda que, o casamento nem mesmo se realizaria, pois todos expressaram que um dos grandes motivos que os levaram a casar era o amor que existia pelos seus respectivos cônjuges.

Assim, descreve-se a falta de amor conjugal como a falta de estruturas, ou alicerces necessários para manter a integração da conjugalidade, desse modo, como descrito por M2, “*são dois indivíduos vivendo sob um mesmo teto*”, ou seja estão juntos porque vivem em uma mesma casa, mas estão sozinhos ao mesmo tempo pois não há uma ligação afetiva e emocional. Situação que leva as pessoas que estão nessa condição de “vida conjugal” a se sentirem sozinhas.

Peplau e Perlman (1982), afirmam que a solidão é uma reação emocional de uma pessoa que ao perceber a discrepância entre os níveis esperados e os obtidos no contato com o outro. Pode-se dizer que o sentimento de solidão na relação conjugal surge a partir de quando aquilo que se recebe de alguém não é o que se espera, ou aquilo que se espera de alguém não é o que se recebe. De modo mais específico a

solidão conjugal pode ocorrer pela expectativa de que o casamento possa trazer “calor”, intimidade e a sensação de pertencer, que acaba não sendo correspondida, pela falta amor na relação.

Para M1 a solidão no casamento acontece exatamente como os autores acima expuseram. O colaborador expressou que a solidão conjugal acontece quando não se ama suficiente a pessoa para aceitá-la como ela é, desse modo, para ele, as pessoas se casam esperando que a outra pessoa mude o jeito de ser ao longo do casamento, contudo, ela acaba por manter-se como sempre foi. Assim, ocorre um desencontro entre as duas pessoas, “não se *recebe* aquilo que se *espera* e não se *doa* aquilo que se *espera*”.

O amor conjugal não pode ser inventado ou forçado, ele acontece quando empecilhos são dissolvidos, sendo o maior deles o individualismo exacerbado e o isolamento, são suas maiores expressões do amor na vida de uma pessoa sinalizando que ela direcionou sua existência na sua realização como ser humano. Uma vida sem amor revela um adoecimento, pois a condição humana original fica impedida de realizar (Aratangy, 2007).

Para alguns colaboradores, a **proteção individualista** no casamento representou uma proteção voltada, exclusivamente às necessidades individuais dos cônjuges, sem pesar nas conseqüências negativas para o outro. Nesse caso, a opção por casar-se não é uma escolha pela valorização da alteridade do outro, por amor, por graça, mas por conveniência. Assim, a vivência da conjugalidade torna-se apenas um objeto de consumo, momento de autoafirmação que mantém o vazio e a solidão existencial, na medida em que não há estruturas positivas, como o desejo e escolha autêntica de compartilhamento e parceria, para a vivência da dualidade.

Para os colaboradores uma das manifestações da proteção individualista que leva ao sentimento de solidão no casamento está diretamente relacionada ao *egoísmo* e *autocentramento* de um dos cônjuges ou dos dois no relacionamento, situação que está ligada às atitudes de intolerância e a falta de solidariedade no casamento, como exposto por E3 em atitude de extremo egoísmo ao não permitir que seu marido conviva com a família de origem e amigos depois que se casaram. Por perceber o egoísmo na esposa M3 sente solidão no casamento: “*é como se ela não entendesse minhas necessidades, e entendesse só as dela (...) nesse momento ela me deixa, para ser só ela.*”

Outra forma de proteção individualista destacada pelos colaboradores foi expressa por sentimentos e medo da solidão, e do preconceito e julgamento social; que motivaram alguns dos colaboradores – E1, M2, E2, E3 – a se casarem. Nesses casos, pôde ser vistas atitudes de *inautenticidade* frente à vida, isto significa que a pessoa não assume a responsabilidade sobre a própria vida e sobre suas escolhas, não desenvolvendo dessa forma características importantes como a auto-estima e a autonomia. Assim, não aceitando correr riscos para atingir seus objetivos, a pessoa passa a buscar por amparo e segurança nos outros. Desse modo, torna-se um estranho para si mesmo e coloca-se a serviço dos outros, “diluindo-se” na impessoalidade. Pode-se dizer que a pessoa inautêntica interpreta a solidão como abandono, por não ter amadurecido o próprio “eu”, assim, por não ter autonomia sobre a própria vida nunca se sentindo seguro e feliz sozinho (Heidegger, 2002).

Assim como a falta de autonomia e autenticidade diante da vida, Novaes de Sá, Mattar & Rodrigues (2006), complementam que atualmente vive-se de forma ambivalente, entre a busca do afastamento e a necessidade de proximidade. Aspirase sentir-se amado, confortável e amparado, mas para isso o outro é desvelado como

algo colocado à disposição devendo atender desejos e anular o vazio que se sente. Desse modo, os esforços parecem inúteis, considerando que o distanciamento existencial persiste, e a solidão é vivida enquanto sofrimento, pois mesmo estando em proximidade com alguém, ainda assim não se sente, de fato, junto ao outro. Isso ocorre pela falta de cumplicidade e companheirismo, apagados pela neblina do individualismo, estimulado nos dias atuais.

Weiss (1973), ao discorrer sobre sua perspectiva da solidão resume alguns dos aspectos expostos até o momento ligados a solidão conjugal. Segundo o autor, a solidão é causada não por se “estar só”, mas por se estar sem alguma relação precisa ou sem um conjunto de relações, das quais se sente a necessidade. Desse modo, a solidão aparece sempre como *uma resposta à ausência de algum tipo particular de relação* ou, mais precisamente, uma resposta à ausência de alguma provisão relacional particular. Esse tipo de *relação particular* pode consistir em uma relação de convivência amorosa conjugal; que pode ser vivida com um cônjuge ou por alguém que muito se estima, por exemplo, uma mulher sente falta especificamente do amor do marido ou vice-versa.

Ou como no caso de E1 destacado a seguir em que a solidão conjugal é sentida, porém como um fator secundário que está relacionado a um outro tipo de falta. A colaboradora diferenciou-se profundamente de outros colaboradores ao falar sobre a solidão na vida conjugal. E1 descreveu sua solidão conjugal não como um sofrimento causado pela relação marido e mulher, por aspectos degradantes da vida a dois, mas por ainda estar vivendo o luto pela morte de sua filha. Por esse motivo sente-se abandonada e esquecida por todos, ao mesmo tempo em que reforça essa situação de solidão, pois também se isola das pessoas de seu convívio, inclusive de seu marido. Nesse sentido, a solidão é vivida pela falta específica da sua relação com

a filha que morreu. Assim, a colaboradora vivencia a solidão em todas as relações por essa estar interligada a fortes sentimentos de perda e de luto, que ainda não elaborados.

No caso de E1 acima citado, destaca-se que a solidão vivida na conjugalidade pode estar intimamente relacionada a aspectos inerentes a experiência de cada pessoa, seja por aspectos existenciais ou não. M3 acredita também que **a solidão inerente a individualidade de cada um** pode levar a solidão conjugal: *“têm pessoas que carregam buracos antigos por muitos anos e por todo lado, pra todas relações dessa pessoa (...) tem gente que nunca teve pai e mãe de verdade, provavelmente essa pessoa vai sofrer conseqüências de não ter esse apoio, vai ter um buraco dentro de si, uma falta (...) acredito que esse tipo de pessoa possa sempre se sentir só.”*

Diante disso, a solidão conjugal é vivida como tal por estar sendo vivida nos limites do casamento, mas que de fato também é incitada por questões individuais, que podem de forma secundária ser “disseminada” (por atitudes relacionadas a solidão individual, como o isolamento) por um dos cônjuges no casamento, *porém não deixam de ser aspectos desconstitutivos do casamento.*

Burns (1985) discorrendo sobre o tema ressalta que, no que tange à solidão, uma de suas importantes descobertas foi que “estar casado não protege ninguém de se sentir sozinho”. A presente pesquisa corrobora com os resultados desse pesquisador, pois, de fato, pôde confirmar que a maioria dos colaboradores sente solidão na relação, mesmo quando se trata de casais, tais como os participantes dessa investigação, que vivenciam, sobretudo, aspectos positivos no casamento.

De outro modo os psicólogos Rubinstein e Shaver (1982), em um ensaio, relatam que “sentir falta de um parceiro” é um pré-requisito para a solidão, enquanto

“ter um parceiro” é um pressuposto de ausência de solidão. Ou seja, segundo esses autores, viver uma relação conjugal ou algo parecido é um pressuposto para ausência, contudo, isso não se confirmou nos resultados apresentados nessa investigação.

A solidão conjugal foi compreendida como falta de intimidade e de comunhão, as quais, levam ao desenvolvimento da amorosidade no casal. Porém, não se trata de uma comunhão na qual há anulação de si mesmo, mas uma comunhão de individualidades que, em na sua imensa riqueza se doa à presença do outro, em prol de um “nós”. É a experiência que nos capacita a estar sós, pois carregamos o outro em nós mesmos. Sem essa presença a solidão é insuportável, pois torna-se uma queda no vazio.

A vida conjugal é uma dança, na qual as duas pessoas precisam, primeiramente, querer dançar, buscando sintonia para que possam dar passos equilibrados, mas que se diferem, uma hora um conduz e outra hora o outro conduz, assim, surge a possibilidade da plenitude do casal, de diversão, de cansaço, e até mesmo de pisar nos pés um do outro, e se isso ocorrer que haja tolerância, carinho e perdão.

Os casais analisados assinalaram mais aspectos bons e construtivos da vida conjugal do que destrutivos. Nesse sentido verifica-se que os casais colaboradores estão em busca de aperfeiçoamento da relação conjugal, em busca por desenvolver a amorosidade conjugal.

Diante dos resultados, pode-se assinalar fatores estruturais e elementares de um relacionamento conjugal. De acordo com seus os discursos, os colaboradores possibilitam o desvelamento das essências do modo de existência interpessoal, traduzidas em dimensões ontológicas do Ser. Acredita-se ter aberto possibilidades

para a reflexão acerca de temas relacionados à vivência da conjugalidade, com vistas a contribuir para a psicologia clínica em situações de atenção a casais e famílias. Os psicólogos clínicos podem buscar trabalhar as estruturas degradantes da vida conjugal, a partir das estruturas construtivas e positivas já existentes na conjugalidade, ou mesmo ajudar os casais a perceber, de modo mais claro, tais estruturas da relação.

Mesmo reconhecendo a extensão reduzida desse trabalho e as limitações do estudo, espera-se que o mesmo possa ser útil à psicoterapia de casais e família e a todos aqueles que, de algum modo tenham interesse nesse tema.

REFERÊNCIAS

- Abbagnano, N. (2000). *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes.
- Aguiar, S. (2005). Um toque de amor. In Rosset, S. M. (org.). *Relações de casal: tempo, mudanças e praticas terapêuticas* [p. 17-38]. Curitiba: Sol.
- Albuquerque, A. M. (1996). *Afinal, o que querem os homens?* Belo Horizonte: Mazza.
- Amatuzzi, M. M. (1996). Apontamentos acerca da pesquisa fenomenológica. *Estudos de Psicologia*, 13 (1), 5-10.
- Amatuzzi, M. M. (2003). Pesquisa fenomenológica em Psicologia. In M. A. de Toledo Bruns & A. F. Holanda (Orgs.). *Psicologia e pesquisa fenomenológica: reflexões e perspectivas* [p. 15-22]. Campinas: Alínea.
- Andrade, C. C. (2007). *A Vivência do Cliente no Processo Psicoterapêutico: Um Estudo Fenomenológico na Gestalt-terapia*. Dissertação de Mestrado em Psicologia. Universidade Católica de Goiânia. Goiânia.
- Aratangy, L R. (2007). *O anel que tu me deste: o casamento no divã*. São Paulo: Artemeios.
- Ariés, P. (1978). *História Social da Criança e da Família*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Ariés, P. (1981). A família e a cidade. Em S.A. Figueira e G. Velho (Orgs.). *Família, psicologia e sociedade* [pp. 13-23]. Rio de Janeiro: Campus.
- Ariés, P. & Duby, G. (1987). *História da vida privada, 4: da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Barros, W. (2009). Racionalidade e interioridade: um breve apontamento sobre o

tema da autenticidade do pensamento de Kierkegaard. *Revista eletrônica Kinesis*, (1)1, 114-132. Disponível em: <http://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/Kinesis/WagnerdeBarros>

Bauman, Z. (2004). *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Berger, P. & Kellner, H. (1970). Marriage and the construction of reality. Em P. H. Dreiazel. (Org.), *Recent sociology*, New York: The Mac Millow Company. Citado por Féres-Carneiro, T. (1998). Casamento Contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, [Porto Alegre], 11(2), 379-394.

Boss, M. (1976). Solidão e Comunidade. *Revista Brasileira de Daseinsanalyse*, São Paulo, 2 (2), 25-45.

Brasil, M. A. C. (1994). O anel que tu me destes. Em C. Calligaris (Org.), *O laço conjugal* [pp. 103-110]. Porto Alegre: Artes e Ofícios.]

Buber, M. (1979). *Eu e Tu*. São Paulo: Centauro.

Buber, M. (1982). *Do diálogo e do dialógico*. São Paulo: Perspectiva.

Burns, D. (1985). *Intimate Connections*. New York: New American Library.

Cabral, A (1971). *Dicionário de Psicologia e Psicanálise*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura.

Caillé, P. (1995). Terapia de casal do ponto de vista sistêmico: uma pesquisa em curso. In: M. Andolfi, C. Angelo & C. Saccu (orgs.). *O casal em crise* [p.133-143]. São Paulo: Summus.

- Calligaris, C. (1994). O Grande Casamenteiro: questionamentos psicanalíticos sobre o que nos leva a casar. In: Calligaris (org.) *O Laço Conjugal* [pp. 11-23]. Porto Alegre: Artes e Ofícios.
- Cardella, B. H. P. (2009). *Laços e nós: o amor e intimidade nas relações humanas*. São Paulo: Ágora.
- Carpenedo, C. e Koller, S. H. (2004). Relações amorosas ao longo das décadas: um estudo de cartas de amor. *Revista Interação em Psicologia*, 1 (8), 01-13.
- Carter, B. e McGoldrick, M. (1995). *As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar*. Porto Alegre: Artes Médicas
- Casey, J. (1989). *História da família*. São Paulo: Atica.
- Costa, J. F. (1999). *Sem fraude nem favor: estudos sobre o amor romântico*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Costa, C. A, Q. (2005). Três modos da experiência de “ser-com” e ‘ser-si-mesmo’ em situação conjugal: um estudo exploratório. Dissertação de Mestrado em Psicologia. Universidade Católica de Pernambuco.
- Cunha, A (2001). *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. São Paulo: Nova Fronteira.
- Dantas, M. A. (1993). *Isolamento Social Voluntário e Processos Criativos*. Dissertação de Mestrado em Psicologia. Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro.
- Dartigues, A. (1992). *O Que é Fenomenologia?* São Paulo: Moraes.
- Diniz, G. R. S. (1999). Homens e mulheres frente à interação casamento-trabalho: Aspectos da realidade brasileira. Em T. Féres-Carneiro (Org.), *Casal e família: Entre a tradição e a transformação* [pp. 39-53]. Rio de Janeiro: Nau.

Dolto, F. (2001). *Solidão*. São Paulo: Martins Fontes.

Feijoo, A. M. L. C. (2008). A filosofia da existência e os fundamentos da clínica psicológica. *Estudos e Pesquisa em Psicologia*. Rio de Janeiro (2) 8. Disponível: http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812008000200014&lng=pt&nrm=

Féres-Carneiro, T. (1997). A escolha amorosa e interação conjugal na heterossexualidade e na homossexualidade. *Psicologia Reflexão e Crítica, Porto Alegre, 10(2)*, 351-368.

Féres-Carneiro, T. (1998). Casamento Contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, [Porto Alegre], 11(2), pp. 379-394.

Féres-Carneiro, T. (2001). *Casamento e família: do social à clínica*. Rio de Janeiro: Nau.

Féres-Carneiro, T. (2003). *Família e casal: arranjos e demandas contemporâneas*. São Paulo: Loyola.

Féres-Carneiro, T. & Diniz Neto, O. (2005). Psicoterapia de casal na pós-modernidade: rupturas e possibilidades. *Estudos de Psicologia* [Campinas], 22(2), 133-141.

Ferreira, S. A. B. (1999). *Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira

Ferro-Bucher, J. S. N. (1999). O casal e família sob novas formas de interação. In T. Féres-Carneiro (Org.). *Casal e família: entre a tradição e a transformação* [pp.169-193]. Rio de Janeiro: Nau Editora.

Ferry, L. (2008a). *Famílias, amo vocês: política e vida privada na época da globalização*. Rio de Janeiro: Objetiva.

- Ferry, L. (2008b). Superpapo: “nunca amamos tanto nossos filhos”. *Revista Super Interessante*, 254, 17-19.
- Forghieri, Y. (2004). *Psicologia Fenomenológica: fundamentos, método e pesquisas*. São Paulo: Pioneira.
- Fromm, E. (2000). *A arte de amar*. Rio de Janeiro: Martins Fontes.
- Garcia, M. L. T. e Tassara, E. T. O. (2003). Problemas no casamento: uma análise qualitativa. *Estudos de Psicologia [Campinas]*, 8(1), 127-133.
- Garcia, M. T. M. (2003). União estável e concubinato no novo código civil. *Revista Brasileira de Direito de Família*, 20(5), 33-44.
- Giddens, A. (1992). *A Transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: UNESP.
- Giles, T. R. (1975). *História do existencialismo e da fenomenologia*. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo.
- Giorgi, A. (1985). Sketch of a psychological phenomenological method. In A. Giorgi (Org.). *Phenomenology and psychological research* (pp. 8-22). Pittsburg: Duquesne University Press.
- Gomes, W. (1997). A entrevista fenomenológica e o estudo da experiência consciente. *Psicologia, USP*, 8 (2), 305-336.
- Gomes, W. (1998). *Fenomenologia e pesquisa em Psicologia*. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Gomes, A.M. A (2001). Solidão: uma abordagem interdisciplinar pela ótica da teoria bíblica reformada. *Fides Reformata. Mackenzie*, 6 (1). Disponível em: <http://www.mackenzie.br/teologia/fides/vol06/num01/Maspoli.pdf>> acesso

em 24 fev. 2008.

González Rey, F. (2002). *Pesquisa qualitativa em psicologia: caminhos e desafios*. São Paulo: Pioneira.

Haguette, T.M.F. (2000). *Metodologias Qualitativas na Sociologia*. Petrópolis: Vozes.

Heidegger, M. (1973). *O que é metafísica*. Coleção os pensadores. São Paulo: Abril Cultural

Heidegger, M. (2002). *Ser e Tempo*. Vol I e II. Petrópolis: Editora Vozes.

Holanda, A. (2002) *O resgate da Fenomenologia de Husserl e a pesquisa em Psicologia*. Tese de Doutorado em Psicologia. Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas), Campinas.

Holanda, A. F. (1999). Sobre o Diálogo e o Dialógico. *In Boletim de Gestalt-Terapia, Uberlândia, (46) 7, 06-08.*

Holanda, A. (2003a). Fundamentação fenomenológica da pesquisa no vivido. *In I. Costa; A. F. Holanda; F. Martins & M. I. Tafuri (orgs.). Anais – Trabalhos completos. VI Conferência Internacional sobre Filosofia, Psiquiatria e Psicologia: Ética, Linguagem e Sofrimento* [pp. 171-183]. Brasília: Abrafipp.

Holanda, A. (2003b). Pesquisa fenomenológica e psicologia eidética: elementos para um entendimento metodológico. *In M. A. de Toledo Bruns. & A. F. Holanda (Orgs.). Psicologia e Fenomenologia: reflexões e perspectivas* [pp. 35-56]. Campinas: Alínea.

Holanda, A. (2004). “Amar ou ser-amado eis a questão”: gestalt, dialogicidade e participação amorosa em Gabriel Marcel. *In Revista do X Encontro Goiano da Abordagem Gestáltica, 10, 173-182.*

- Houaiss, A. (2004). *Minidicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- IBGE (1996). *Anuário Estatístico Brasileiro*. Brasília: Autor
- Jablonski, B. (1996). A Aferição de Atitudes de Jovens Solteiros(as) Frente à Crise do Casamento: uma réplica. *Cadernos de Psicologia, Série Social e Institucional, IP/UERJ*, 5, 5-21.
- Jablonski, B. (1998). *Até que a vida nos separe: A crise do casamento contemporâneo*. Rio de Janeiro: Agir.
- Jablonski, B. (2001). Atitudes frente à Crise do Casamento. Em T. Féres-Carneiro (org.), *Casamento e Família: do Social à Clínica*. P. 81-95; Rio de Janeiro: ed. NAU.
- Jablonski, B. (2003). Afinal o que quer um casal? Algumas considerações sobre o casamento e a separação na classe média carioca. In T. Féres-Carneiro (Org.). *Família e casal: arranjos e demandas contemporâneas* [pp. 141-168]. Rio de Janeiro: PUC-Rio.
- Jablonsky, B. (2007). O cotidiano do casamento contemporâneo: a difícil e conflitiva divisão de tarefas e responsabilidades entre homens e mulheres. Projeto de Pesquisa CNPQ. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.
- Jacobs, L. (1997). O diálogo na teoria e na Gestalt-terapia. In R. Hycner & L. Jacobs. *Relação e cura em Gestalt-terapia* [p. 67-94]. São Paulo: Summus.
- Lins, R. N. (1999). *A cama na varanda: Arejando nossas idéias a respeito de amor e sexo* (6ª ed.). Rio de Janeiro: Rocco.
- Lipotvesky, G. (1988). *A era do vazio: ensaios sobre o individualismo contemporâneo*. Lisboa: Relógio D'Água.

- Macfarlane, A. (1990). *História do casamento e do amor: Inglaterra: 1300-1840*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Magalhães, A. S. (1993). *Individualismo e conjugalidade: um estudo sobre o casamento contemporâneo*. Dissertação de Mestrado em Psicologia, PUC-Rio.
- Magalhães, A. S. (2003). Transmutando a subjetividade na conjugalidade. In: Féres-Carneiro (Org.). *Família e Casal: arranjos e demandas contemporâneas* [p. 225-245]. Rio de Janeiro: Puc-Rio.
- Malheiros Filho, F. (1996). *A união estável: suas configurações e efeitos*. Porto Alegre: Síntese.
- Mansur, L. H. B (2008). Solitude: virando a solidão pelo avesso. *Psicanálise e Cultura*. São Paulo, (46) 31, 38-45.
- May, R. (1991). *O Homem à Procura de Si Mesmo*. Petrópolis: Vozes.
- Miller, M. V. (1995). *Terrorismo íntimo: a deterioração da vida erótica*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- Minuchin, S. e Fishman, H. C. (1990). *Técnicas de terapia familiar*. Porto Alegre: Artes médicas.
- Moreira, D. A. (2004). *O método fenomenológico na pesquisa*. São Paulo: Pioneira.
- Moreira, V. (2001). Psicopatologia e Contemporaneidade: Individualismo como sintoma contemporâneo. *Revista Terapia Psicológica*, (19) 1, 33-38.
- Moreira, V. e Callou, V (2006). Fenomenologia da solidão na depressão. In *Mental: revista de saúde mental e subjetividade da UNIPAC*, (07) 4, 67-83.

- Moustakas, C. (1961). *Loneliness*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall.
- Moustakas, C. (1994). *Phenomenological research methods*. Thousand Oaks: Sage Publications.
- Neri, R. (2005). *A psicanálise e o feminino: Um horizonte da modernidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Novaes de Sá, R. N., Mattar, C. M., Rodrigues, J. T., (2006) Solidão e relações afetivas na era da técnica. *Revista do Departamento de Psicologia, UFF, (18) 2*, 111-124.
- Papp, P. (2002). *Casais em perigo: novas diretrizes para terapeutas*. Porto Alegre: Artmed.
- Paula, M. G. (2009). *O indivíduo e a comunidade em Kierkegaard*. São Paulo: Editora Paulus.
- Petrelli, R. (1999). *Para uma Psicoterapia em Perspectiva Fenomênico-Existencial*. Goiania: UCG.
- Petrelli, R. (2001). *Fenomenologia: teoria, método e prática*. Goiânia: UCG.
- Petrelli, R. (2005). A cura pela presença do amor dado como presente. In: *Anais do XI Encontro Goiano da Abordagem Gestáltica. 1*, 9-12.
- Peplau, L. A., & Perlman, D. (1982). *Loneliness: A Source-book of Current Theory, Research, and Therapy*. New York: John Willey & Sons.
- Poster, M. (1978). *Teoria crítica da família*. Rio de Janeiro: Editora Zahar.
- Prost, A.(1992). *História da vida privada, 5: da primeira Guerra a nossos dias*. In: Ariès, P. & Duby, G. (orgs.). *História da Vida Privada* . São Paulo: Companhia das letras.

- Whitaker, C. A. (1995). As funções do casal. In: M. Andolfi, C. Ângelo & C. Saccu (Orgs.). *O casal em crise* [p. 225-245]. São Paulo: Summus.
- Reale, G. & Antiseri, D. (1991). *História da Filosofia*, São Paulo: Edições Paulinas.
- Ribeiro, J. P. (1997). *O ciclo do contato: temas básicos na abordagem gestáltica*. São Paulo: Summus.
- Ribeiro, J. P. (2006). *Vade-mécum de Gestalt-terapia: conceitos básicos*. São Paulo: Summus.
- Richardson, J. R. (1999). *Pesquisa Social: métodos e técnicas*. São Paulo: Atlas.
- Rodrigues, H. B. C. (2004). O homem sem qualidades. História Oral, Memória e Modos de Subjetivação. *Estudos e Pesquisas em Psicologia* [online]. Ano 2, N.2 [citado 06 Julho 2009], pp. 24-46. Disponível em: <http://www.revispsi.uerj.br/v4n2/artigos/ARTIGO2.html>
- Rosset, S. M. (2005). *Relações de casal: tempo, mudanças e práticas terapêuticas*. Curitiba: Sol. [pp.39-63].
- Rogers, C. (1979). *Novas formas do amor*. Rio de Janeiro: José Olympio.
- Rubenstein, C., & Shaver, P. R. (1982). The experience of loneliness. In L. A. Peplau & D. Perlman (Eds.), *Loneliness: A sourcebook of current theory, research, and therapy* [p. 206-223]. New York: Wiley-Interscience.
- Secco, F. S. (2008). Kierkegaard: cristianismo e solidão. <http://outroscampos.blogspot.com/2008/12/kierkegaard-cristianismo-e-solido.html> (acessado em 28 de junho de 2009).

- Sousa, D. (2006). Investigação em psicoterápica: contexto, questões e controvérsias – possíveis contributos da perspectiva fenomenológico existencial. *Análise Psicológica*, 3 (XXIV), 373-382.
- Steiner, G. (1978). *As idéias de Heidegger*. São Paulo: Cultrix.
- Sullivan, H.S. (1953). *The interpersonal theory of psychiatry*. New York: Norton.
- Tamayo, A. e Pinheiro, A. (1984). Conceituação e definição de solidão. *Revista de Psicologia*, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza. Vol 2
- Turato, E. R. (2003). *Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicada nas áreas da saúde e humanas*. Petrópolis: Vozes.
- Vainfas, R. (1986). *Casamento, amor e desejo no ocidente cristão*. Ed. Ática.
- Vatimo, G. (1987). A quebra da palavra poética. Em: O fim da modernidade – Niilismo e hermenêutica na cultura pós- moderna. Portugal: Presença.
- Vilhena, J. (1991). Viver juntos nos mata. Separarmo-nos é mortal. A ilusão grupal e a incapacidade de ficar só. Em J. Vilhena (Org.), *Escutando a família: uma abordagem psicanalítica* [p. 11-28]. Rio de Janeiro: Relume-Dumará .
- Vitale, M. A. F. (1999). *Terapia de casal e psicodrama*. São Paulo: Ágora.
- Von Koss, M. (2000). *Feminino + masculino: Uma nova coreografia para a eterna dança das polaridades*. São Paulo: Escrituras.
- Weiss R.S, (1973). *Loneliness: The Experience of Emotional and Social Isolation*. Cambridge: MIT Press.
- Whitaker, C. A. (1995). As funções do casal. In: M. Andolfi, C. Ângelo & C. Saccu (Orgs.). *O casal em crise* [p. 225-245]. São Paulo: Summus.

Woodward, K. (2000). Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual.
In: Silva, T. T. (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais* [p. 07-72]. Petrópolis: Vozes.

Yalom, I. D. (1996). *O executor do amor e outras histórias sobre psicoterapia*. Porto Alegre: Artes Médicas.

,

ANEXOS

Anexo 1

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA COMITÊ DE ÉTICA EM
PESQUISA**

Você está sendo convidado (a) a participar como voluntário (a) de uma pesquisa de mestrado em psicologia, que tem como objetivo compreender o significado da vivência do sentimento de solidão na relação de casal, além de buscar o aprimoramento de conhecimentos a respeito dessas relações. Busca, ainda, informações básicas por meio de um levantamento qualitativo, que possa colaborar para o entendimento dos relacionamentos conjugais.

Após os esclarecimentos e informações a respeito deste trabalho, caso aceite fazer parte deste estudo, assine ao final do documento, que contém duas vias. Uma dessas vias é sua e a outra é do pesquisador responsável.

Em caso de recusa, sinta-se a vontade em não participar, não sendo por isto, responsabilizado ou penalizado em hipótese alguma. A qualquer momento, caso haja dúvidas, você pode procurar o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Católica de Goiás.

Informações sobre a Pesquisa:

Título do projeto: Solidão na vida conjugal: vivências de casais

Pesquisador responsável: Thais Ribari Fujioka

Telefones para contato: 3245-1322/ 8480-0899

Orientador da Pesquisa: Prof. Dr. Adriano Furtado Holanda

Telefone para contato: (41) 9944-2460

A pesquisa adotará um único momento, que será uma entrevista semi-estruturada individual feita com cada cônjuge em momentos diferentes. Essa pesquisa não tem objetivo terapêutico e técnico, busca-se apenas investigar o tema.

Este material será reservado ao pesquisador e ao orientador da pesquisa, e descartado após o procedimento de análise.

Durante todo o processo você será acompanhado pelo pesquisador e orientador da pesquisa estando a inteira disposição para esclarecimento de dúvidas, que poderão ser realizados a qualquer tempo do curso da pesquisa, questionamentos pertinentes à metodologia, aos procedimentos adotados e ao assunto estudado.

Este trabalho não oferece em nenhum momento qualquer risco, prejuízo podendo você desistir de sua colaboração a qualquer momento, resguardando o direito de retirar seu consentimento sem qualquer penalidade e mantendo sigilo de sua participação.

A pesquisa estará à disposição para publicação de resultados, artigos e documentos acadêmicos bem como apresentações em eventos e atividades científicas. No entanto é importante salientar sobre o sigilo que assegura a sua privacidade quanto aos dados confidenciais envolvidos na entrevistas de maneira a não expô-lo (a). Nestas atividades, jamais serão divulgados nomes, características ou qualquer outro dado que permitam identificar-lhe como participante da pesquisa.

Agradecemos antecipadamente sua participação.

Consentimento de participação da pessoa como sujeito

Eu _____, portador do
CPF nº _____, RG nº _____.

Comprometo-me a participar do estudo sobre “o sentimento de solidão na relação de casal”, no qual fui comunicado dos objetivos e interesses científicos da pesquisa, tendo a liberdade de fazer perguntas a qualquer momento.

Esclarecido também de que minha participação é voluntária posso retirar-me do estudo a qualquer momento que desejar. Em nenhum momento terei meu nome publicado ou exposto por qualquer razão, e caso seja necessário, será trocado como forma de manter minha privacidade.

Os pesquisadores se comprometem a manter confidência sobre toda e qualquer informação que possa me identificar.

Local e data:

Nome do sujeito:

Assinatura do sujeito:

Presenciamos a solicitação de consentimento, esclarecimentos sobre a pesquisa e aceite do sujeito em participar.

Testemunha (não ligada à equipe de pesquisadores):

Nome: _____ Assinatura: _____

Anexo 2

Entrevista Semidirigida

1. O que é o casamento para você?
2. Há quanto tempo você é casada (o)?
3. O que te motivou a casar?
4. O que realmente encontrou no casamento?
5. Quais expectativas você tinha antes de se casar?
6. Quais as expectativas que você tem hoje em relação ao seu casamento?
7. Como é a rotina de vocês?
8. Você mudaria algo no seu casamento? O quê?
9. O que é a solidão para você?
10. Como você entende a solidão no casamento?
11. Você sente a solidão no casamento?

Anexo 3

Entrevista casal 1 – Marido (M1)

Realizada em 23 de Junho de 2008

Nome: Glauco (fictício)

Idade: 42 anos

Religião: Católica

Situação conjugal: Casado (11anos)

Grau de instrução: Segundo completo

Profissão: Comerciante

Trabalha: locação de materiais de construção(prestação de serviço)

Filhas: Mariana de 4 anos e Daniela falecida (nomes fictícios)

O que é o casamento para você?

Bom casamento..., o homem pra mim, você casa..., o homem e a mulher viram uma só pessoa, então se você era uma pessoa, você passa a ser duas. Casar. A melhor coisa que existe na face da terra pra mim, foi o meu casamento, não tenho nada a reclamar só tenho a agradecer, problemas? Tem! Mas... desconfiança da esposa? Tem! Muitas vezes porque ela não tem confiança em si.

Porque que eu não tenho desconfiança da minha esposa? Porque eu tenho confiança em mim. Se eu tenho confiança em mim porque eu não vou ter dela? Então não tem grau de desconfiança no casamento, ou você confia ou não confia, tá? Primeiro eu não bebo, eu não fumo, eu não jogo! Não é porque eu sou crente não é porque eu já fui um viciado, tá? Não porque eu fui ex-alcóolatra! É porque a minha natureza é assim! Eu não precisei de nada desses artifícios para fazer a minha cabeça... minha cabeça nasceu feita... então muitas vezes as pessoas confundem, aí muitas vezes a pessoa se casa, aí ele quer arrumar uma namorada, ele que beber cerveja com os colegas todo fim de tarde, né?! Ele quer chegar em casa 22:30, 23:30, meia noite e quer que a mulher ache bom... enquanto a mulher tá reclamando, tá bom pra ele, porque o dia que a mulher esquece dele... acabou! Porque ela não quer mais, já arrumou outro, vai viver a vida, entendeu? Então não existe isso, as pessoas muitas vezes confundem, casamento é casamento... você casou, vocês é uma só pessoa você não precisa de mais nada, porque você vai ter sua família, tá? Muita gente confunde casamento com fotografia de casamento, cerimônia de casamento, festa de casamento, tá? Ter uma mulher exclusiva, e ter mais outras por fora... casamento não é isso!

Quando eu fui casar meu pai falou pra mim... você resolveu casar? Eu resolvi! Bom eu casei com 30 anos namorei 6 anos. Aí olha bem... vou te falar, meu pai me falou: Meu filho eu vou te falar uma coisa e que te sirva para você tirar a conclusão que você quiser. Meu era um homem muito sábio... ele falou: Meu filho, o boi solto lambe o corpo inteiro, o boi amarrado, cercado só lambe a vida então daí você tira qualquer conclusão que você quiser... tem 11 anos que eu sou casado e eu nunca tive outra mulher, tá? Não sinto vontade de ter, acho muita mulher bonita, mas dentro de um limite, então concepção de casamento para mim é isso tá?! É casar e

ser casado e manter-se casado. Então se você resolve casar, tanto homem, quanto a mulher não tem que tá andando com pessoas de fora não, essas pessoas você só vê de vez em quando não vê os defeito, as dificuldades do conviver. E outra coisa para manter um casamento o marido ou a mulher nunca deve pegar os próprios defeitos e jogar nos outros.

Então é isso que é o casamento, é você casar consciente do que você está fazendo. Quando você casa, o padre, o pastor, o ministro que esteja ali presente ele fala que casar é largar a família e seguir o seu caminho. Mas existem muitos casos que a filha não larga a mãe, não larga o pai, não larga os irmãos, tá?! Quando você vai fazer alguma coisa a mãe acha ruim, sabe? Então se você casar você tem que seguir o seu caminho, porque você fez essa escolha na hora que você casou.

Quando você casa com alguém você casa com a pessoa e os problemas dela. Ninguém obriga ninguém, mas desde que você casa você se torna um só corpo.

O que as pessoas tem que buscar é aquilo que o padre falou. É fácil? De jeito nenhum é difícil, você cobrar dos outros é fácil, agora ser cobrado...

O que te motivou a casar?

O gostar muito dela, ela é uma pessoa de caráter, boa mãe, gosta de trabalhar, não é de ficar saracutiando por aí e eu não tenho vergonha de falar que eu amo a minha esposa, tá? Foi por amor! Muitas vezes eu sei que ela não acredita fielmente que eu a amo. Mas isso aí é um problema dela porque eu tenho plena convicção que ela me ama.

Quais expectativas você tinha do casamento?

Antes de me casar com ela a única coisa que me consumia e me dava medo era de não conseguir sustentar uma família. Único medo meu era esse porque o resto eu sabia como problemas que surgisse com ela eu sei que se eu não resolvesse os problemas com ela, não seria resolvido com uma 2º esposa, uma 3º esposa, uma 4º esposa, porque problemas sempre teria é a mesma coisa que ficar só trocando de roupa.

O que realmente você encontrou no casamento?

Eu casei com Alice não porque ela é bonita meu pai era contra o meu casamento ele queria que eu casasse com uma prima dele que era muito bonita, mas eu estou com ela porque é a mulher que eu gosto, eu gosto tanto dela que ela perdeu o rosto sabe? Eu me sinto bem deitar com ela conversar com ela, ela é meu amigo, meu ombro, meu sócio É tão ruim o dia que a gente discute que não tem jeito de colocar o braço em cima dela, quando é de madrugada e eu vejo que ela está dormindo eu coloco o braço em cima dela pelo menos uns 10 minutinhos... Eu tenho tantos problemas pra enfrentar ao longo do dia, pra quê eu vou ficar brigado com a pessoa que eu mais gosto. Ela que me faz buscar cada vez mais no trabalho, e na vida me ajudou a construir uma família maravilhosa...

Quais as expectativas que você tem hoje em relação a sua vida conjugal?

Quero continuar com ela com esse amor que tem com a nossa família é por isso que estamos a 11 anos juntos e eu espero ficar o resto da vida com ela, trabalhar com ela crescer junto, que é o que a gente faz desde o namoro.

Como é a rotina de vocês?

Na minha rotina eu sou viciado,... quando dá 6 horas da tarde, me dá desespero de vontade de ir pra minha casa, eu fico agoniado quando precisa passar do horário das 18 horas, eu fico querendo ir pra casa, tomar meu banho, brincar com a minha filha, ficar com a minha esposa, ter a presença dela comigo, você entendeu? Eu fico doído pra ficar em casa...

E olha, eu fico com ela (esposa) o dia inteiro porque a gente trabalha juntos o dia todo, mas na empresa eu vejo ela como uma profissional, ela na empresa é administradora de nossas contas, ela não é a minha esposa lá ela é a profissional. Então nossa rotina é casa e trabalho... basicamente é isso.

Então o que rege, o meu casamento é o respeito, enquanto tiver respeito mútuo, vai ter casamento. Acertando ou não acertando, a pessoa que tem que fazer a escolha do companheiro, não porque sua família quis. Eu penso assim, tem pessoas que nascem para viver solteiras e tem pessoas que nascem para viver casados. Eu tenho certeza que eu nasci pra ser casado!

Como é essa certeza de que nasceu pra ser casado?

Eu sei porque eu sou assim, eu gosto de ter alguém do meu lado, eu gosto de ter alguém pra esquentar as orelhas, que eu tenha confiança, respeito, eu sempre quis ter filhos, tudo bonitinho pai, mãe e filhos, mesmo porque eu não tive isso, e eu sempre quis ter...

Como é a comunicação de vocês dois?

A minha comunicação com ela é muito boa, mas muitas vezes ela não entende o que é que eu quero dizer... porque mulher é o seguinte... são muitas vezes muito ingênuas, inseguras. Minha mulher é insegura então várias coisas acabam interferindo na nossa comunicação porque uma palavrinha mal colocada... já pode ser mal interpretada... ela fantasia e ai já viu né até que explica que focinho de porco não é tomada...

Você mudaria alguma coisa na sua vida conjugal?

Eu vejo que tem que mudar, porque a gente todo dia muda um pouco então minha vida conjugal tem que acompanhar nossas mudanças diárias. Mas mudar algo na estrutura do meu casamento, não! Se melhorar vira festa! Problemas financeiros todos nós temos eu quebrei a 6 anos atrás e não me sobrou nada, sobrou minha casa, meu carrinho velho e a minha família... Eu consegui passar por isso... porque? Porque eu tenho a minha esposa e se eu perder tudo que eu tenho hoje eu tenho coragem de pegar um carrinho de picolé e ainda assim vou ser muito feliz sabe porquê? Por que eu tenho a minha família, eu tenho o que eu quero, ela é a base. E com ela que eu divido meus problemas, minhas alegrias, meu dinheiro, assim e viver

a vida de marido e mulher. Se eu mudar a esposa que eu tenho eu vou mudar aquela pessoa que escolhi... agora melhorar em alguns pontinhos é uma coisa... as vezes essa questão dela ser tão insegura, essas de levar algumas coisas ao pé da letra quando a gente vai conversar. A Alice tem uma questão que eu acho interessante, não sei se ela te falou... ela quer resolver os problema sozinha, ela acha que eu não percebo isso, ela finge mas eu percebo que ela não tá boa, mas respeito isso nela.

Qual o sentido da solidão pra você?

A solidão pode ser vivida assim sozinho dentro de um cômodo e pode ser vivida no meio de uma multidão, porque a solidão nada mais, nada menos é, do que a forma que acontece sua imaginação, seus pensamentos, se você pensa que você está sozinha e vai ficar sozinha, com certeza você vai estar sozinha. É simples viver você não pode cobrar de alguém porque você está só, não existe solidão, solidão é você que fabrica ela, com a forma que algumas pessoas vivem assim como também não existe escuridão, existe ausência da luz tá? Se existe solidão é porque a pessoa está tirando o bem-estar, a harmonia dela mesma. A solidão não existe, você que faz ela.

Como você vê a solidão na relação conjugal?

Se alguém passa por isso na relação conjugal é porque ela não conseguiu amar suficiente, o que precisa é ela conseguir achar essa pessoa ... é como se fosse assim, duas engrenagens só trabalham casadas, se o peão não está fazendo a função a coroa vai sofrer, ela vai quebrar os dentes, ela vai desengrenar tá? E se a coroa

também não está adequada ao peão, o peão vai quebrar, então o quê que acontece? Se você não tem harmonia idêntica aí surge o conflito e você vai criar, pensar na solidão e a engrenagem vai quebrar... Então só pra você entender, se a pessoa vai casar ela tem enxergar os defeitos da pessoa e aceitá-los antes de casar, ou seja, tem que casar sabendo com quem se está casando com quem se está casando. Essa história de que depois de casar fulano, fulana melhora, eu coloco do meu jeito é a maior ilusão que existe... e eu acredito que a solidão passa surgindo daí fruto, de uma ilusão criada pela própria pessoa. Ninguém muda ninguém... como é que você casa com uma pessoa pensando em mudar ela? Você não vai casar com outra pessoa você vai casar consigo mesmo... não é? Então casamento é renúncia da vida de solteiro... O casamento foi feito para durar, mais o problema é que o peão muitas vezes não encaixa na engrenagem, encaixa mais ou menos antes de casar e acha que depois do casamento vai se encaixar perfeitamente, depois de casado que não encaixa mesmo, aí a pessoa vai criar uma solidão, porque tá casando com uma pessoa que ele ou ela espera que seja outra.

Você sente solidão no casamento?

De maneira nenhuma eu já senti isso, porque como eu te falei a pessoa que cria isso pra ela, eu casei com a Alice sabendo quem ela é, sem esperar que ela mude o jeito, senão não faz sentido eu ter escolhido ela pra ficar comigo a vida toda tá? Eu iria escolher só metade dela e de metade ninguém vive com ninguém.

Anexo 4

Entrevista casal 1 – Esposa (E1)

Realizada em 23 de Junho de 2008

Nome: Alice (fictício)

Idade: 34 anos

Religião: Espírita

Situação conjugal: Casada (11 anos)

Grau de instrução: Superior (Ciências contábeis)

Profissão: Comerciante

Trabalha: locação de materiais de construção (prestação de serviço)

Filhas: Mariana de 4 anos e Daniela falecida (nomes fictícios)

O que é casamento para você?

Eu acho que o casamento é para você realmente não ficar sozinha, porque quando você é solteira, você pensa poxa amanhã meu pai e minha mãe vão embora e eu vou ficar sozinha. O casamento a pessoa busca para não ficar só mesmo, achar um companheiro para isso porque a gente não sabe o dia de amanhã...

O que te motivou a casar com ele?

Eu acho que é mais é gostar mesmo, nós namoramos 06 anos, então assim eu acho que é gostar mesmo! Ele sempre me mostrou que queria algo sério, ele me passou que gostava muito de mim também, então porque não ficar juntos? Eu queria mesmo um companheiro, uma pessoa que eu pudesse confiar que seria um bom pai, um bom marido e é isso que vi nele.

E qual a expectativa você tinha em relação ao casamento?

Eu tinha muito medo de casar, de não dar certo. Eu não sei porque... o meu gênio é muito diferente do dele e eu ficava pensando que nosso casamento poderia não dar certo por isso, eu imaginava que seria difícil conviver duas pessoas tão diferentes.

E o que realmente encontrou na vida conjugal?

Nós somos muito companheiros, apesar das nossas diferenças serem muitas, nós somos muito solidários um com o outro... Por exemplo se tem um lugar pra mim ir e ele não pode ir eu não vou, se ele tiver que ir e eu não puder ele não vai... então assim nós somos muito companheiros sempre e é o que fez nosso casamento dar muito certo e que ele é caseiro e eu também, ele é muito voltado pra gente, pra nossa vida. Mas as diferenças existem.

Qual expectativa você tem hoje da sua vida conjugal?

Eu acho que dá agora pra frente vai sendo dessa forma com eu tinha te falado... pra quem achava que seria muito difícil viver casados, pra mim está bom. Quero que a gente continue sendo companheiro e cúmplice um do outro como a gente já é.

Como que é a rotina de vocês?

A gente vai pra empresa trabalha durante o dia almoça em casa com a Mariana levamos ela pra escola porque tudo é pertinho. Voltamos para empresa, aí um dos dois busca ela na escola, aí quem fica na firma fecha a empresa e vamos embora para casa, as vezes a gente vai lá na minha mãe, na mãe dele um pouquinho é essa que é a nossa rotina. É uma rotina simples!

E como é a comunicação de vocês?

Eu descreveria como sendo boa.

Tem algo que você gostaria de mudar sua vida conjugal?

Não acho que não... o que gostaria de mudar? Não, acredito que sou feliz assim!

Qual o sentido da solidão pra você?

Eu acho que a solidão eu não conheço bem o que é solidão, mas eu acho que solidão é mais aquela pessoa que se tranca em si, não com relação as outras pessoas, mas aquela pessoa que se isola do mundo, parte dela.

Eu acho que solidão é mais a pessoa que como se diz... que impõe aquilo a si mesmo, não significa que as pessoas a abandonam, igual muitas as pessoas falam... nossa aquela pessoa mora sozinha, é solitária... muitas vezes essa pessoa que mora sozinha tem uma vida mais abastada de amigos, familiares mais movimentada do que uma pessoa que está casada e que tem uma grande, família.

Eu acho que a solidão acontece quando a pessoa se tranca pra si mesmo, eu acho que não adianta nada, você ter uma família enorme ter muitos amigos se você se sente sozinho. As vezes você é “sozinho” e não se sente. Eu mesmo tinha uma colega de faculdade que morava sozinha, a gente perguntava pra ela: Você não se sente sozinha? Ela falava: Não, chega final de semana eu saio.

Eu conhecia gente que tinha família que se sentia mais sozinha do que ela.

E como você entende a solidão na vida conjugal?

Eu acho que é isso que falei. Eu me sentia sozinha quando a Daniela faleceu. Eu sentia que tudo e todos tinham me abandonado, até Deus... Mas vai passando o tempo você vai vendo que... eu era muito católica quando aconteceu de eu perder a Daniela então eu passei a frequentar o espiritismo, a terapia, a Dra. Ângela minha ginecologista, então eu fiquei muito ruim quando ela faleceu eu tomava remédio para dormir de dia e de noite... Eu me afastei de todo mundo, do meu marido, da minha outra filha... (choro) tanto é que eu não saía pra nada... aí eu vi que realmente eu estava sozinha (choro) o dia que a minha outra filha foi na festinha que minha mãe levou da filha de uma amiga minha, e no momento que essa amiga minha perguntou assim: Mariana cadê a sua mãe? E ela respondeu: Minha mãe não pode mais sair, ela mãe não gosta mais de mim porque a Daniela morreu...

Então eu vi que eu tava muito sozinha e que (choro) eu tava matando a minha outra filha que estava viva também... e deixando ela sozinha de mãe, então foi aí que eu resolvi sair da minha solidão, mas eu sempre me sinto só quando eu lembro dela (filha que perdeu) e eu sei que isso nunca vai sumir, eu sei que vou sentir essa falta para sempre.

Você sente solidão no seu casamento?

É como eu já disse, eu senti em alguns momentos, quando eu mesma me afastei dele.

Anexo 5

Entrevista casal 2 - Marido (M2)

Realizada em 03 de Julho de 2008

Nome: Paulo (fictício)

Idade: 57 anos

Religião: Católica

Situação conjugal: Casado

Grau de instrução: Segundo completo

Profissão: Corretor de imóveis

Trabalha: Venda de imóveis

Filhos: filha de 16 anos e filho de 11 anos

Há quanto tempo vocês estão juntos?

Há 22 anos, são 6 de namoro e 16 de casados.

O que é casamento para você?

Pra mim? Pra mim é tudo na vida de um homem, um casamento bom, saudável, um relacionamento saudável, que é compatível né? Os pensamento, os projetos, idéias, a luta, o trabalho, o dia-a-dia, a família, os filhos, isso é a melhor

coisa que existe na face da terra, o casal construir uma família, e um casamento sem família não existe nada, então se casamento pra mim é família, pra mim é tudo!

E o que motivou a casar-se?

Amor! Por um conjunto de coisas como cumplicidade, a satisfação de estar junto, o lazer, de modo geral a pessoa só te satisfaz então você não quer perder essa pessoa por nada e aí o único caminho é procurar casar. Esse é o meu 3º casamento e eu sozinho né tinha que tentar encontrar alguém, os outros não deram certo então eu tentei até encontrar a Ana a pessoa que deu certo, graças a Deus eu encontrei. Não significa que ela é perfeita, mas de 0 a 10 eu daria 9, nada na vida é 100%, mas existe um percentual altíssimo de que é realmente ela seria a pessoa certa para construir uma família.

E quando você se casou quais eram as suas expectativas?

As expectativas sempre foram do lado bom, pensar em produzir, crescer, e ter filhos, trabalhar e ter um casamento bom.

E o que você encontrou na vida conjugal?

No fim, hoje eu posso dizer que foi um projeto que deu certo. Hoje eu tenho uma família, filhos maravilhosos e uma companheira.

Quais expectativas você têm hoje do seu casamento?

Assim, projeto você concretiza 1, e já nasce 2, 3 na frente né? E como eu não tenho projeto para morrer e nem para terminar nada então eu só quero mais, crescer, trabalhar...

E como é a rotina de vocês?

Trabalho! Trabalhamos uma média de 13, a 14 horas por dia; graças ao trabalho que nós conquistamos nossa vida, trabalhamos todos os dias, só não aos domingos, não tiramos férias, nada. Uma vez tiramos uns 20 dias de férias, nós ficamos doidos para voltar, a gente já não aguentava ficar mais à toa, para nós uma semana já é o bastante.

Como é a comunicação entre vocês?

Olha eu não tenho de quê reclamar, nós sempre damos um jeito de conversar se alguma coisa tá diferente, mas hoje em dia está melhor porque na terapia a gente as vezes aproveita pra lavar umas roupa suja.

Você mudaria algo no seu casamento?

Não! Os defeitos dela são aceitáveis toleráveis, eles existem mas são coisas que eu consigo conviver. Hoje as pessoas casam achando que vão resolver os problemas de suas vidas e nunca o outro vai ser a solução do meu problema, se o problema é meu; porque o outro seria a solução do meu, meu e só meu problema.

Agora se eu tenho condições pra ajudar o meu parceiro a resolver os problemas dele, porque eu não vou ajudar...

É como se pudéssemos juntar duas pessoas numa só, esse e o meu pensamento. Ocorre que o casamento para as pessoas ainda é possibilidade de ganhos financeiros, muitas vezes é visto como uma escalada financeira e não do sentimento, não da família. Hoje são pessoas cada vez mais egoístas casando-se com um outro egoísta. O matrimônio assim como a gente vê é uma sociedade, é uma empresa.

Então pra dar certo quando um conquista o outro com carinho, respeito e cuidado acima de tudo para que dê certo, porque se não se for por interesse monetário, se for por um sentimento egoísta para resolver seus problemas assim um não está pela pessoa, esta apenas por si mesmo, logo acaba porque fica um casamento individual, cada um com seus interesses, e que provavelmente não vai ser os mesmos.

No meu casamento não tem nada meu nem dela, tudo é nosso! O casamento tem que ser uma parceria verdadeira. Muitos casamentos não deveriam ser chamados de matrimônio, mas patrimônio.

Casamento é tolerância, é querer viver juntos gostar de ter uma família é querer que essa família cresça. Porque toda família cresce num percentual e ninguém é igual a ninguém né? Então a família deve ser preservada, assim se não fosse a família, se não existe esse amor na família o mundo já tinha acabado, não tinha esse monte de cidade, comércio, escolas,... as pessoas só se desenvolvem muitas vezes porque tem uma família que ela ama e quer viver melhor, melhorar de casa de situação, hoje vivemos pra trabalhar para dar melhor qualidade de vida cada vez

melhor aos filhos, apesar de haver muito desamor que existe no mundo, ainda existe muita gente bem intencionada com compromisso com o casamento e com a família. Se não fosse a família, não existia mais nada!

O que é solidão pra você?

Graças a Deus eu não sei te descrever porque eu nunca tive, eu não penso nessas coisas, eu não tenho pensamentos negativos de tamanho nenhum na minha cabeça, acredite se quiser! Eu sou otimista ao extremo e não deixo as pessoas a minha volta ser pessimistas. As vezes o que pode acontecer e eu ficar preocupado com um problema que surge, mas logo logo enfrentando as situações se resolvem.

Então eu sou assim...Tá triste? Bola pra frente vamos trabalhar que qualquer sofrimento passa.

Solidão eu acho que as pessoas tem quando tem depressão, as pessoas perdem o domínio dos sentimentos, aí a solidão acredito que começa a fazer parte de uma situação, que Deus me livre de passar por isso algum dia! Se for depender do meu pensamento, da minha cabeça acredito que eu nunca vou ter, nunca vou sentir solidão. Eu já passei por problemas muito sérios, e passei por eles com esse jeito meu.

Então como é a solidão na vida conjugal?

Acho que a solidão só aconteceria se alguém desistir da parada, aí pode ser que sinta isso aí, ou quando ambas as partes não se acertam nas diferenças, aí cria um

atrito e ai vai partir para a separação que pode ser vivida mesmo estando junto do outro, tem casais que dormem em quartos separados não tem mais relação nenhuma e ainda se mantêm como casados, pra mim é dois indivíduos dividindo o mesmo teto, ou pais dividindo o mesmo teto, essa situação só não pode ser chamada de casamento, porque desse jeito qualquer ser humano vive uma depressão. Acho que até eu que tenho a minha forma de viver e pensar mais positiva sofreria.

Você sente solidão na sua vida conjugal?

Não! É igual eu te disse só se minha esposa desistisse de ficar junto. Quem sabe eu ia sentir solidão!

Anexo 6

Entrevista casal 2 – Esposa (E2)

Realizada em 03 de Julho de 2008

Nome: Ana (fictício)

Idade: 40 anos

Religião: católica

Situação conjugal: casada há 17 anos

Grau de instrução: terceiro grau completo

Profissão: cabeleleira, e gestora de patrimônio

Filhos: filha de 16 anos e filho de 11 anos.

O que é casamento para você?

Bom eu sou a maior defensora de casamento, por isso sou suspeita de falar de casamento, tanto é que as pessoas que me conhecem sabem da minha verdadeira proteção ao casamento, eu sou fruto de um casamento (...) eu sou filha de pais separados dos dois lados, ou seja meu pai se casou duas vezes, e a minha mãe também se relacionou duas vezes, e eu sou fruto do segundo casamento dos dois então eu tenho 4 irmãos.

Agora do Paulo eu sou o terceiro casamento dele, ele casou-se muito jovem, depois ele teve um relacionamento, e eu fui a terceira, eu e ele estamos há 5

anos, então contando eu e ele estamos há 22 anos juntos. E acho que nem não é pela história da minha vida, eu acho que é da minha mente, eu sempre achei o matrimônio aquilo que tem de mais bonito na vida.

Eu acho lindo isso de você poder conviver com as diferenças e encontrar um círculo de amor de elo mesmo, como encontrei como o Paulo, eu com 35 anos, ele com 57 anos e ver que a gente muda o estágio da beleza, você não vive mais de amor de tesão, você vive de companheirismo, de amizade, de certeza, de cumplicidade(...) eu acho que a minha relação com o casamento, como o matrimônio, (...) ele muito profundo que eu não sei de onde ela vem. Eu me lembro que eu era criança e já falava que eu não era mulher de viver a vida solteira, largada, mas eu não tenho a minha cabeça que tenho que tenho que viver junto até que a morte nos separe (...) não mesmo! Acho que temos de estar juntos até que deixemos de ser felizes. E o termômetro da relação pra mim é se o meu corpo não deseja o seu corpo, aí acabou. Então o matrimônio pra mim é sagrado, de tudo que existe na vida, o matrimônio vem em primeiro lugar, para que pais filhos, irmãos criem referências, não tem como excluir o casamento da vida de ninguém.

O casamento é uma junção de duas vidas, e eu acredito que na espiritualidade que o homem e a mulher se une, não é a toa, existe um propósito muito além dessa vida...

E o que te motivou casar-se com Paulo?

É acho que toda mulher tem um sonho de casar-se de vestir de noiva, de dizer ele é meu futuro marido, Ele é meu marido...

Eu acho que (...) sabe quando você mora numa casa muito tempo e você adquire usucapião, mas judicialmente, na justiça ela não é sua, ou por exemplo a invasão de qualquer coisa! (...) pra mim o casamento se ele não for oficializado ele é uma invasão, na minha mente.

Tanto é que quando eu casei a 16 anos atrás eu não pude fazer uma festa eu não tinha dinheiro, eu casei no civil, não pude chamar as pessoas (...) ai eu falei que com 10 anos de casados eu ia querer casar na igreja e fazer uma festa e foi assim que eu fiz, eu vesti de noiva, fiz despedida de solteira, lua-de-mel e eu acho que eu fiz uma renovação na minha vida, foi a concretização do meu sonho de vida. Eu sentia a falta de uma benção no casamento, eu escolhi o mesmo dia, a mesma hora então foi isso...

Quais expectativas você tinha antes de se casar?

A vida inteira eu escutei que ser casada era muito difícil, que era um inferno, mas mesmo escutando isso até hoje e eu prefiro ser mil vezes casada, ou separada do que ter ficado solteira. Eu acho que se eu fosse beata eu ia ser muito infeliz.

Eu esperava do Paulo minha cara metade, o pai dos meus filhos, o homem que escolhi pra viver... sabia da diferença de idade de (17 anos) sabia da não aprovação da minha família, sabia da crítica dos amigos (...) mas ele superou (...) porque o Paulo era um exemplo de ignorância, mas era exemplo de honestidade, e meu porto seguro.

O que realmente encontrou na vida conjugal?

Hoje eu digo pra você que o Paulo na minha vida é o meu maior defensor, meu maior amigo, ele me dá respaldo de segurança que eu posso contar com ele pro que der e vier, fico mais encantada com o casamento. É muito bacana poder contar com a pessoa em qualquer situação de vida. Eu tive muitos breques na minha vida de saúde (...) e eu não pude contar com mãe, com irmão(...) e o Paulo foi totalmente presente nos momentos que eu mais precisei, era presente de corpo e alma e lutando tive depressão muito violenta(...) então em todas as dificuldades de saúde, financeira, (...) ele esteve lá do meu lado me ajudando ele é muito humano.

E quais expectativas você têm hoje do seu casamento?

E as expectativas? Hoje eu tenho um grande problema não no casamento, mas do casamento, de uma situação, que com o passar dos anos você vai adquirindo um padrão de vida que você vai se acostumando, e vai ficando muito difícil de você manter um padrão, e cada vez que você trabalha mais e mais as vezes está muito junto e as vezes muito separado, porque um corre pra um lado e o outro corre pro outro e cadê a intimidade? Estamos juntos mas estamos separados (...) eu acho isso como algo natural que faz parte do casamento (...) então eu espero que num futuro próximo é uma estabilidade, e espero chegarmos num estágio e passar pela tempestade financeira e espero que isso passe e que vai chegar num estágio (...) deixa eu dar um exemplo pra você (...) eu e o Paulo moramos num apartamento pequeno, aí nos mudamos para um maior e que isso foi um salto muito grande, não foi um pulo, foi um salto para nossa situação financeiro e para nossos compromissos e que quando eu mudei para esse apartamento eu falei que o meu projeto aqui é 5

anos, nós já estamos com 3 anos, aí eu falei o meu projeto não é ficar mais aqui o meu projeto aqui é que com a distribuição de tarefas nós temos mais tempo um para o outro que nós passamos a investir no casamento (...) ao invés de comprar armários comprar outro imóvel (...) não eu já vejo que nós precisamos dar uma parada E que (...) esse investimento possa reverter ao nosso casamento, que nós podemos ter tempo para viajar, ficar em casa, poder curtir os nossos filhos, a nossa relação.

E o Paulo ... tudo que eu falar pra ele, ele concorda, como ele sabe que eu tenho a vida muito ligada pra família (...) então assim, ele valoriza muito isso (...) acho que ele levou tanta pancada no outro casamento, nas outras relações que vou te falar uma coisa talvez eu possa até estar enganada, eu acredito que eu estou anos luz a frente do Paulo no que diz respeito a maturidade matrimonial (...) então o que eu quero para o futuro, é poder dar uma estabilidade financeira para a gente poder investir na relação.

Como que é a rotina de vocês?

De muito trabalho!... Os papéis lá em casa é um pouco invertido... e como o Paulo é corretor de imóveis é, não é uma profissão como de cabeleleira que tem um tempo muito absorvido, então lá em casa nós temos um secretária que vai duas vezes na semana atualmente porque hoje não da pra ser um a fixa, aí optei só por uma diarista por causa dos custos... E Paulo foi que a vida inteira levou menino para a escola, quem fez comida, se precisar ele lava vasilha. Ele lava roupa, ele passa roupa, e eu não tenho esse tempo, eu só tenho par começar a trabalhar, não tem horário para de trabalhar... E se eu falar assim Paulo acabou o gás, a diarista não foi,

tem que buscar o boletim na escola é ele é quem vai, porque pra ele é mais fácil... e no ganho, eu ganho mais que ele, é eu que mantenho a nossa família, tá!.

Por isso eu digo que lá em casa é um pouco invertido, embora qualquer coisa, comissão que ele venha receber... 100% dela é minha e eu nem preciso falar nada... porque ele sabe que eu e que tomo conta das coisas, que é eu que administro... então é uma rotina de muito trabalho, no lar ele é a mulher, e no administrativo financeiro sou eu.

Como é para você viver com os papéis invertidos?

Teve uma época que eu tive uma certa vaidade em relação a isso. Hoje eu confesso pra você que, eu estou muito cansada, porque... não é inveja... mas eu gostaria muito de contar com alguém que falasse pra mim que tem um salário mínimo que eu possa contribuir todo mês, e eu não tenho isso. Eu tô precisando daquela contribuição de um apoio, então eu fico pensando que Deus nos propôs a isso, mas isso não é barreira na minha vida, isso não é barreira, isso não é problema e ainda eu tiro vantagem disso, porque eu não nasci pra ser do lar.

Eu nasci pra trabalhar, lutar mesmo (...) e eu sou uma felizarda porque ele cuida de nossa parte de casa, porque ele gosta de cozinhar, ele gosta de cuidar da casa, e eu não gosto de nada disso!

Agora uma coisa que me causa muita instabilidade, medo é pensar que se eu vir a adoecer (...) se eu tiver que parar por qualquer motivo, isso me preocupa muito em relação aos meus filhos. Eu sou autônoma e funcionária pública eu tenho um salário fixo, mas diante da situação que a gente vive ele contribui pouco.

Eu faço faculdade pela manhã eu saio da faculdade, eu trabalho ate as nove, dez da noite por isso o ano passado eu adoeci muito, eu tive L.E.R, eu tive depressão, eu tive algumas paradas obrigatórias porque eu não pus limite, entendeu (...) eu fiz gestão pública e sou funcionária pública e hoje eu faço um curso na UEG na área de beleza.

Então eu acho que é necessário na vida de um casal pensar agora estou indo para casa me dedicar a minha família, de realmente poder ter tempo de dedicar a isso. Isso é uma riqueza que as pessoas não têm noção. Eu trabalho até tarde inclusive final de semana, todos os feriados, carnaval, semana santa, réveillon, festividades eu tô presa. Isso é uma coisa que na minha relação com a minha família tem um peso negativo.

Como é a comunicação entre vocês?

Eu vejo como uma comunicação regular, já foi um pouco difícil pelas diferenças de cada um, hoje vejo que é até boa, e ainda existe a situação da terapia que acredito que tem nos ensinado a conversar mais, acho que isso é costume.

Você mudaria algo na sua vida conjugal?

Mudaria, aquilo que falei gostaria de um apoio financeiro maior, mais seguro ou de pelo menos não investirmos mais nas coisas, investir mais na gente.

Como seria investir mais em vocês?

Acho que é realmente ter tempo para conviver, para assistir uma TV juntos, para acompanhar o dia a dia dos meus filhos, para poder viajar e aproveitar, para sentarmos para comer juntos, para viver o nós dois, que eu não vivo.

O que é solidão para você?

Solidão é você (...) não tem como ficar isolada do mundo, solidão é você não ter com quem contar. Solidão é de repente você ser casada ou de repente em qualquer lugar que você esteja você não ter apoio, não ter alguém pra te dar apoio de verdade e te escutar.

Como você entende a solidão na vida conjugal?

E isso no casamento às vezes existe muito (...) a mulher, ou mesmo o homem que às vezes sofre seus conflitos e não tem com quem compartilhar e não ter alguém que escute e perceba a pessoa de verdade. Isso pra mim é solidão na vida de casada. Eu escuto muita reclamação desse tipo no meu salão. É não ter com quem ter uma intimidade que você possa compartilhar os problemas, os pensamentos, as alegrias e as tristezas sabe? É você querer contar alguma coisa muito boa pro outro e você não poder contar porque ele não vai receber aquilo, ou poder ligar para outro e contar que está triste por isso, por isso e por isso, e a pessoa tentar te provar que o problema dela é maior que o seu! Acho que não ter alguém disposto estar lá do seu lado pra te ouvir. Solidão é você estar perto do universo e não obter um nada, uma muleta, não ter apoio emocional. Eu convivo muito com mulheres casadas e que são muito carentes de um companheiro de verdade no meu salão.

E você sente solidão no seu casamento?

Já senti tudo isso que acabei de te dizer, acho que se não tivesse passado por isso, eu não saberia te explicar o que é realmente a solidão.

O Paulo é uma pessoa muito sábia, mas ele não está muito dado a evolução do mundo, ele acha um absurdo eu comprar um celular novo, uma televisão tela plana, um computador (...). Ele acha isso jogar dinheiro fora, então às vezes ele não me acompanha na forma de pensar, mas ele já melhorou muito, principalmente acredito que em função da terapia, acho que isso é em função da criação, valores e diferença de idade entre nós, então o que sempre era um sonho ter isso ou aquilo pra mim, pra ele era uma bobagem, pra mim era minha maior alegria poder ter as coisas (...) eu não vim de uma família rica (...). Outro momento que eu me sinto só é quando a situação financeira aperta e o problema é que o Paulo não tem muita iniciativa pra isso, aí eu me sinto literalmente sozinha, porque tenho que carregar tudo praticamente sozinha e acho que pela minha rotina, que é muito estressante (...) nossa vida de marido e mulher fica muito incompleta, falta tempo (...). Daqui alguns anos eu tenho a esperança de que eu e ele possamos investir no relacionamento, acho que até hoje nós não tivemos tempo pra ficar curtindo (...)

Anexo 7

Entrevista casal 3 – Marido (M3)

Realizada em 12 de Agosto de 2008

Nome: Roger (fictício)

Idade: 32 anos

Religião: Católica

Situação conjugal: casado há dois anos

Grau de instrução: terceiro grau completo

Profissão: publicitário e professor universitário

O que é casamento para você?

É propor- se criar uma família, ter uma companheira que tenha os mesmos propósitos de família, de filhos, de trabalho, é convivência dia-a-dia. Pra mim é companheirismo, apoio, cuidado (...) o que é principal num casamento é o companheirismo.

E o que te motivou a casar?

Foram vários fatores um deles é a pessoa com quem eu tinha muita afinidade e com quem eu senti poderia justificar esse objetivo, essa imagem que eu tinha do

casamento de companheirismo, afinidades, de família eu vi na Amanda. Aí percebi que chegou o momento de propor algo sério.

Quais expectativas que você tinha antes de se casar?

Era de ter uma vida boa com a Amanda de ter filhos, de conquistar todos os nossos planos, nosso casamento é recente acho que minhas expectativas ainda terão tempo para se concretizar, agora que está aparecendo algumas diferenças de vontades pessoais entre nós. Mas até o momento não tenho o quê reclamar.

O que você encontrou no casamento?

Encontrei até agora aquilo que já disse, encontrei uma companheira, que por motivos de trabalho dos dois, não temos tanto tempo para conviver como gostaríamos, mas sei que tenho ela, e que ela é minha esposa por mais que só nos vemos durante a semana tarde da noite, nós vivemos como um casal normal.

Quais expectativas você tem em relação ao seu casamento?

Quero ter filhos, crescer mais e mais profissionalmente para poder dar conforto e qualidade de vida para minha família, espero que eu e a Geórgia possamos crescer juntos.

Me descreva como é a rotina de vocês?

Bom, eu e a Amanda levantamos todos os dias cedo e cada um segue seu rumo para os seus respectivos trabalho, ela almoça no trabalho todos os dias e eu do um jeito, ou almoço na casa da minha mãe, na rua... então ela sai do trabalho e vai para a academia ou para terapia e eu tenho dias que dou aula na faculdade até dez da noite então nos encontramos na academia ou em casa... nos fim de semana não nos desgrudamos um do outro, passamos o dia todo juntos. Acho que nosso casamento acaba sendo de fim de semana... eu acho isso bom porque dá saudade... normalmente nos fim de semana damos um jeito de sair para jantar e almoçar fora, sempre saímos para fazer alguma coisa, nos não somos muito de ficar em casa!

Como é a comunicação de vocês?

Normalmente é boa, nós dois temos muitas coisas em comum, nossas conversas são sempre cheias de assuntos que nos interessam realmente, mas quando entra em alguma situação que existe uma discordância acho que precisamos recorrer a terapia de casal para não ficar ruim. Mas no geral eu julgo que nossa comunicação é boa! Eu falo que é boa porque aprendemos a recorrer a ajuda da terapia, de sentarmos e conversar para resolver as coisas...

Você mudaria algo no seu casamento?

Acredito que não mudaria nada entre a gente, encontrei nela a companheira assim, nada do jeito que está em time que esta ganhando não se mexe... mas se fosse para arriscar... eu mudaria algumas pequenas coisas!

Como o quê?

Ah! Eu gostaria de ter momentos com os meus amigos, ir para um bar só para jogar conversa fora (...) não pra ficar paquerando (...) eu sinto falta dessas coisas de homem sabe?! Outra coisa que eu mudaria seria assim (...) ter um convívio maior com minha família, me afastei muito depois que eu casei isso eu sinto muita falta, mais até do que dos amigos (...) mas a Amanda não aceita, fica chateada só de falar nisso! Ela não tem um convívio com a família dela, nunca foi bom, mas o meu convívio com minha família me faz falta! Nosso casamento é assim!(...)

Gostaria que me descrevesse o que é solidão para você:

Solidão? Acho que solidão é uma situação que normalmente é um momento de infelicidade de estar sozinho sem ninguém, às vezes a pessoa pode não estar sozinha e sentir sozinho, sentindo um mal estar, um vazio. Acho que a solidão depende do estado de espírito de cada pessoa. Acredito que muitas pessoas carregam um vazio, um buraco que dói dentro de si e denominam isso de solidão.

Como assim? O que seriam os buracos?

Seriam as faltas, as dificuldades, as mágoas, o abandono, o vazio... têm pessoas que carregam buracos antigos por muitos anos e por todo lado, pra todas relações dessa pessoa... tem gente que nunca teve pai e mãe de verdade, provavelmente essa pessoa vai sofrer conseqüências de não ter esse apoio, vai ter um buraco dentro de si, uma falta... acredito que esse tipo de pessoa possa sempre se sentir só.

Como você me descreveria a solidão no casamento?

Solidão no casamento (...) do mesmo jeito que de uma pessoa solteira ela se sente sozinha, a casada ou o casado pode sentir. Casamento não é ter um companheiro? Ou seja, é sentir que não tem um companheiro, (...) mas não é o outro que me faz ser sozinho, ou sentir sozinho, é a própria pessoa que de uma forma inconsciente está se deixando sentir só.

Vejo assim porque às vezes, por exemplo, fico chateado por causa de algo que não gosto que a Amanda discorde, ou acha ruim, às vezes fico magoado esse sentimento vem junto com a mágoa. Tem horas que gostaria que ela mudasse em alguns aspectos, aceitasse mais minha família... essa discordância dela as vezes me faz sentir sozinho de família e de amigos e as vezes até dela mesma, porque é como se ela não entendesse minhas necessidades, e entendesse só as dela... nesse momento ela me deixa, para ser só ela.

Acho que também pode acontecer quando o marido ou a esposa fica em falta com o outro e às vezes nem percebe que faz isso. Tipo assim deixar a esposa sempre no final de semana sozinha em casa para estar com os amigos..., não discutir as dificuldades que aparecem não fazer um tempo para os dois... não deixar o outro a par do que acontece ou aconteceu na vida dele ou dela no dia a dia... Você esta me entendendo ou embolei muito pra te explicar?

Sim estou entendendo perfeitamente!

Então é assim que eu vejo!

Você sente solidão no casamento?

Acredito que só nessas situações dela não entender minhas vontades, mas são momentos muito passageiros, não sei se chamaria de solidão (...), acho que eu fico angustiado pelas nossas pequenas diferenças.

Anexo 8

Entrevista casal 3 – Esposa (E3)

Realizada em 12 de Agosto de 2008

Nome: Amanda (fictício)

Idade: 28 anos

Religião: católica

Situação conjugal: casada há dois anos (2 anos e meio de namoro)

Grau de instrução: terceiro grau completo

Profissão: publicitária

O que te motivou a casar?

O gostar da pessoa, ver que é uma pessoa certa de caráter, eu estava numa idade certa, eu já estava com 26 anos. Eu fui ficando com vontade de casar, acho que toda mulher espera um dia se casar. A idade já estava chegando...

O que é casamento para você?

Acho que é a união de duas pessoas que se gostam com o propósito de construir uma família, de ficar juntos, compartilhar uma vida, acho que é isso.

Quais expectativas você tinha em relação ao casar?

Acho que ter estabilidade, segurança, eu nunca achei que casar fosse um “mar de rosas”, “brincar de cozinhar”, eu sempre soube das dificuldades que poderia encontrar, não é fácil, eu tinha idéia.

O que você encontrou realmente no casamento?

Não é fácil realmente, a maioria das pessoas pensa que o 1º ano de casamento é tudo ótimo, lindo, e não é! A minha sorte é que eu sou muito realista. Está sendo o que eu imaginava mesmo! Eu encontrei segurança, estabilidade, apoio, saber que você pode encontrar com a pessoa a qualquer hora... mas uma outra parte de mim vive algo que não é fácil e que sabe que não vai ser fácil. Mas acredito que isso seja normal.

Quais expectativas você tem em relação ao seu casamento?

Agora a gente está entrando numa fase de amadurecimento, a gente já pensa em ter filhos, sei lá de estruturar mais o lar mesmo, agora a gente pensa não só na gente, mas no futuro.

E como é a rotina de vocês?

A rotina? Uai! Dia de semana a gente trabalha até tarde, a gente só encontra mesmo a noite, lá pelas nove horas, eu vou pra academia, ou para terapia, terças e quintas, ele dá aula na faculdade eu só vejo ele onze horas da noite, quarta e sexta nove horas a gente se encontra... e final de semana a gente passa o tempo inteiro

juntos, onde um está o outro está. Durante a semana a gente nem almoça juntos, porque o meu trabalho é muito longe, então eu nunca almoço durante a semana com ele porque é super complicada. No fim de semana a gente sempre sai.

Como é a comunicação de vocês?

Ótima! É impressionante como a gente se dá bem nisso! Às vezes a gente sai no final de semana, e a gente nem sente falta de outras pessoas, nós sempre temos assunto, acho que por termos a mesma profissão. Viajar, a gente, embora viajar, aí viaja nós dois é sempre ótima a gente conversa bastante. Às vezes a comunicação falta só durante a semana porque não temos tempo, ou estamos muito cansados. Normalmente um basta pro outro!

Você mudaria algo no seu casamento?

Deixa-me pensar! No casamento né? Deixa eu pensar... ah! Não sei exatamente! Mas mudaria algumas coisas que eu acharia que ficaria melhor... (risos). Se eu pudesse mudar eu mudaria a família dele todinha! É só isso que me atrapalha com ele...

Atrapalha? Como assim?

A gente briga muito por causa da família dele, eles entram e tentam entrar na nossa relação. Nós já ficamos pouco só nós dois... eu fico chateada de ter que ficar

no meio da família dele as vezes. Eu não fico assim tão ligada na minha família, a minha vida é eu e ele.

O que é solidão pra você?

Solidão? Assim... eu acho que solidão não é você estar sozinha, solidão sei lá, acho que é as vezes é você estar com a pessoa e a pessoa estar distante é isso assim.

É como é que você entende solidão no casamento?

Quando a pessoa não é companheira da outra... quando você está o tempo inteiro fazendo as coisas sozinha né? Nos compromissos você nunca pode contar com o apoio da outra, é quando o outro não te ouve, querendo ou não a gente chega em casa assim... estafado... estressado aí quer desabafar aí o outro não te ouve, acho que é isso. As vezes isso acontece no relacionamento, aí a pessoa se sente sozinha desvalorizada.

Você já sentiu solidão no casamento?

Já por alguns poucos momentos, nada que as horas que me sinto bem com meu marido não equilibre isso!

Você se lembra em que momentos você sentiu solidão no seu casamento?

Não especificamente, mas acredito que em momentos em que não fui escutada por ele.